Howard Hendricks

Autor do *best-seller* ***Ensinando Para Transformar Vidas***

DISCIPULADO

O caminho para firmar o caráter cristão

Editora Betânia



A experiência de Elias e Eliseu como modelo bíblico para a relação entre discipulador/discípulo

Lançado anteriormente com o título *Aprenda a Mentorear*

Do ORIGINAL
Standing Together © 1995 by Howard Hendricks © 2005 by Editora Betânia
PUBLICADO ORIGINALMENTE POR Vision House Publishing Inc. Gresham, Oregon 97030
TRADUÇÃO
Nina Lúcia de Souza Jensen
REVISÃO José Gabriel Said
CAPA
Inventiva Comunicação
FOTO DA CAPA Stock Photos
COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO Editora Betânia
Ficha catalográfica elaborada por Ligiana Clemente do Carmo. CRB 8/6219 Hendricks, Howard
Discipulado : o caminho para firmar o caráter cristão / Howard Hendricks; tradução de Nina Lúcia de Souza Jensen; revisão de José Gabriel Said. - 2. ed. - Belo Horizonte : Betânia, 2005.
192 p.; 21 cm.
Título original: Standing together, cl995.
ISBN 85-358-0112-X
1. Discipulado. 2. Aconselhamento. I. Título.
CDD 268.3 253.5
lª EDIÇÃO, 1999 2- EDIÇÃO, 2005
É proibida a reprodução total ou parcial deste livro, sejam quais forem os meios empregados: eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação ou quaisquer outros, sem permissão por escrito dos editores.
TODOS os DIREITOS RESERVADOS PELA
Editora Betânia S/C
Rua Padre Pedro Pinto, 2435, Venda Nova 31570-000 Belo Horizonte, MG Caixa Postal 5010, 31611-970 Venda Nova, MG
PRINTED IN BRAZIL

Se o leitor é como eu...

nunca se cansa de ouvir ou ler Howard Hendricks. Tanto seus escritos como suas palestras atingem profundamente seus leitores e ouvintes. Este livro, sua mais recente publicação, é um dos melhores. Aqui, Hendricks focaliza questões de importância vital para todos nós, numa linguagem leve e fácil. Não dá para ignorar suas palavras, que parecem saltar das páginas e vir direto ao nosso coração. Neste nosso mundo tão cheio de incertezas e confusões, é um grande alento “enxergar” um Elias tão moderno. Além de o profeta saber com segurança o que quer da vida, ainda nos convida a ficar junto dele.

Amigo, *Discipulado - O Caminho Para Firmar o Caráter Cristão* precisa estar num dos primeiros lugares de sua lista de livros “imperdíveis”!

- *Charles R. Swindoll* Reitor do Seminário Teológico de Dallas, Tx. E.U.A.

Mazinho Rodrigues!

Indice

Agradecimentos

Primeira Parte: Firmados na Verdade

1. *Convicção*
2. *Comunhão*
3. *Confrontação*
4. *Comunicação*
5. *Compromisso*
6. *Confiança*

Segunda Parte: Servindo a Nossa Geração

7. *O Mentor*
8. *O Ministério*
9. *A Missão*
10. *A Maturidade*
11. *O Exemplo*
12. *A Multiplicação*

Terceira Parte: Nosso Legado

13. Ser Uma Bênção, Causar Impacto

Agradecimentos

A idéia deste livro nasceu de um opúsculo que escrevi há anos, intitulado *Elijah, Confrontation, Conflict and Crisis* (Elias, confrontação, conflito e crise). Na realidade aquele livrete foi reeditado inúmeras vezes, com pequenas alterações e sob títulos diferentes, e eu estava satisfeito de ver que o estudo da vida de Elias havia servido a tantos propósitos, e resolvi arquivá-lo.

Foi então que mais ou menos um ano atrás, recebi um telefonema de John Van Diest, da *Vision House Publishing.* John é um grande amigo e já trabalhamos juntos em vários projetos de fé. Tenho o maior respeito pela alta qualidade de seu trabalho. Ele me perguntou sobre meu estudo da vida de Elias, e perguntei-lhe se ele estava mudando de ramo, se havia entrado para o ramo de antiguidades. O que ele queria fazer com aquele material?

Mas como sempre, John teve uma idéia tão brilhante quanto óbvia. Sugeriu-me revisar o estudo, adaptando-o para a geração atual, e acrescentar também uma análise da vida de Eliseu. Afinal de contas, ressaltou John, eu vinha promovendo o ministério de mentorear nos últimos anos. Poderia, então, apresentar a vida de Elias e Eliseu como um exemplo bíblico do relacionamento de mentor / pupilo.

Não havia como recusar a proposta. Mas, infelizmente, estava tão atarefado, que não teria tempo para reescrever o livro. Entretanto John não se deixa desanimar pelos compromissos de escritores atarefados. Assim que concordei em que a idéia era boa, ele entrou em ação e apresentou-me um escritor de talento, chamado Chip McGregor. Chip pegou minhas idéias e transformou-as em palavras, frases, parágrafos e capítulos. Sem seu trabalho, este livro não existiria.

Pronto o manuscrito, precisava ser editado. Tanto John como eu pensamos imediatamente em Bill, meu filho mais novo. Além de trabalhar como consultor de comunicação para vários clientes,

Bill é autor e co-autor de mais ou menos doze livros, dois dos quais escreveu comigo *Living by the Book* e *As Iron Sharpens Iron* (Vivendo de acordo com a Bíblia e Como o ferro com o ferro se afia). Fiquei entusiasmado quando Bill concordou em ajudar-nos, porque ele entende minha personalidade e estilo. Seu conhecimento foi o motor que impulsionou este livro, lançando-o em órbita como a um foguete, alcançando alturas que nunca imaginara.

Outro membro da “equipe de vôo” merece menção honrosa. Minha esposa Jeanne trabalhou neste estudo tanto quanto eu. Aliás, pode-se dizer que sem sua presença em minha vida, eu nunca teria tido a idéia do livro. Ela tem sido tanto testemunha quando co-participante da história deste projeto. Creio que desde o começo ela sabia que este livro era “dos bons”. Ele pode cair no esquecimento por uns tempos, mas seu conteúdo nunca perde o valor!

Primeira Parte

Firmados na Verdade

Capítulo Um

Convicção

O profeta, enfurecido, subiu apressado a escadaria do palácio. Passou agitado pelos guardas reais, assustados com o visitante inesperado. Podia-se até imaginar-lhes a surpresa:

- De onde é que este homem veio? Quem o deixou entrar?

Passando como vento pela corte boquiaberta, o homem a quem Deus enviara chegou à sala do trono e encontrou-se frente a frente com o ímpio rei Acabe:

- “Tão certo como vive o Senhor, Deus de Israel, perante cuja face estou, nem orvalho nem chuva haverá nestes anos segundo a minha palavra.” (1 Rs 17.1.)

Assim dizendo, o dínamo humano virou-se e, com a mesma rapidez com que entrara, desapareceu. Sua missão estava cumprida, pelo menos por ora.

Apresento-lhe Elias. Para compreender melhor por que ele assumiu essa missão explosiva, precisamos entender o contexto do tempo em que vivia. O povo de Israel experimentava um declínio moral incrível. A nação parecia dominada por uma febre de mediocridade espiritual. Em sua maioria, o povo afastara-se de Deus, principalmente o rei Acabe e sua esposa Jezabel. Ao mesmo tempo, porém, um número relativamente pequeno de fiéis a Deus escondia-se amedrontado em uma caverna, como que fugindo de suas responsabilidades.

“Não queremos incomodar!” é o que pareciam dizer com sua omissão.

Entretanto havia um servo que se recusava a deixar-se intimidar. Elias, como um gigante espiritual em meio a uma nação de anões morais, manteve-se fiel a Deus.

A tarefa não era fácil. 1 Reis 16 descreve o contexto histórico: “Fez Acabe, filho de Onri, o que era mau perante o Senhor, mais

do que todos os que foram antes dele. Como se fora cousa de somenos andar ele nos pecados de Jeroboão, filho de Nebate, tomou por mulher a Jezabel, filha de Etbaal, rei dos sidônios; e foi, serviu a Baal, e o adorou. Levantou um altar a Baal, na casa de Baal que edificara em Samaria. Também Acabe fez um poste-ídolo, de maneira que cometeu mais abominações para irritar ao Senhor, Deus de Israel, do que todos os reis de Israel que foram antes dele." (Vv. 3033.)

Ou seja, Acabe bateu todos os recordes de rebeldia. Não somente deu as costas a Deus, como também deliberadamente se opôs a ele. *Dedicou-se* à idolatria e a promoveu junto ao povo. Por causa disso, corromperam-se os valores. Manter-se firme nos padrões de Deus passou a ser inconveniente. É a mesma situação que encontramos hoje! Entretanto Elias colocou de lado o conforto e a conveniência para testemunhar em nome daquele a quem servia.

O que o tornava firme em suas convicções? Onde alguém poderia encontrar coragem para manter-se firme na fé, sobretudo quando as correntes da apostasia arrastam tanta gente? Onde ele arranjaria forças para encarar um rei idólatra e avisar que seu castigo está próximo? Encontraremos as respostas a essas perguntas, ao estudar a vida e o ministério de Elias. Examinaremos três princípios-chaves de aplicação prática em nossos dias.

ELIAS TINHA CERTEZA DA REALIDADE DE DEUS

Note que as primeiras palavras de Elias, mencionadas na Bíblia, são: "Tão certo como vive o Senhor..." (1 Rs 17.1.) Deus é vivo e o profeta não tinha dúvidas a esse respeito. Acabe e seus comparsas achavam que haviam acabado de uma vez por todas com o culto a Jeová. Mas cometeram um grave erro. Esqueceram-se de um único homem. E, para que Deus transforme qualquer nação, basta um único homem, um indivíduo completamente

comprometido com o Senhor, imbuído daquela convicção, daquela certeza que só Deus pode pôr no coração dele.

Um dos aspectos mais fascinantes do cristianismo é seu poder de transformar vidas. Não há no mundo nada mais com a capacidade de provocar transformações tão profundas. Podemos dedicar-nos a atividades filantrópicas, campanhas e causas nobres, mas somente Cristo possui o poder de moldar nosso caráter, tornando-nos justos.

E é o caráter que conta. O mundo não se impressiona com nossa eloqüência, nem com explicações complicadas. O mundo quer mesmo é ver a realidade de nossa vida. Ele nota aquilo que não pode produzir: uma vida transformada pela justiça. Somente Deus é capaz de efetuar essa transformação. É por isso que o cristianismo é a força mais revolucionária do mundo. Ele promete efetuar mudanças reais.

Daí minha pergunta: existe na vida de cada um de nós algo que não possa ser explicado pelo mundo natural? Há alguma prova concreta da realidade de Deus em nossa vida? Observemos que o que perguntei não foi se cremos ou não na existência de Deus. Tenho certeza de que o leitor acredita. Na realidade, a maior parte de nossa sociedade crê em uma “força superior”. Mas a questão é: há *mudanças de fato* em nossa vida que demonstram claramente a um mundo sedento de verdade que Deus é real em nós?

Quando meus filhos eram pequenos, eu orava:

“Pai, muda o coração de meus filhos.”

Nada acontecia. Passado algum tempo, percebi que precisava mudar minha petição. Então passei a pedir:

“Pai, muda o pai dos meus filhos.”

Deus agradou-se de meu pedido, e, como deu resultado, meus filhos também foram transformados.

Lembro-me de certa vez em que fui convidado para falar durante um banquete numa sexta-feira à noite. Ao chegar a casa, de volta

do seminário onde leciono, entrei com o carro na garagem e à luz do farol vi a bicicleta do meu filho Bob. Havia dias que permanecia na garagem com o pneu traseiro completamente vazio. Eu havia prometido consertá- lo, mas não encontrava tempo para fazê-lo. No dia seguinte, pela manhã, sairia de viagem; por isso, ou o consertava agora ou o momento ideal nunca chegaria. Chamei o Bob, pegamos a bicicleta e colocamos um remendo no pneu rasgado. A seguir, tomei um banho rápido, troquei de camisa e gravata e saí correndo para o compromisso seguinte.

Cheguei com apenas vinte minutos de atraso, mas o anfitrião já tinha até úlceras nas úlceras.

- Por onde andava? perguntou ansioso.
- Perdoe-me o atraso, disse sincero, mas tive que consertar um pneu.
- Achei que seu carro era novo!
- É sim. Era o pneu da bicicleta do meu filho.

Puff! O sujeito perdeu a calma! Não poupou palavras. Rasgou o verbo, irado, insinuando que eu estava desperdiçando o precioso tempo dele e dos convidados por causa de uma bicicletinha. Quando parou para tomar fôlego, perguntei calmo:

-Já lhe ocorreu alguma vez, meu amigo, que para mim é muito mais importante consertar a bicicleta do meu filho do que participar do seu banquete?

Não muito tempo depois do incidente, eu e o Bob jogávamos bola num parque quando lhe perguntei:

- Diga-me a verdade, filho, você me ama?
- Te amo demais, pai! respondeu ele.
- Fico feliz em ouvir isto. Mas por que me ama?
- Porque jogamos bola juntos e você conserta minha bicicleta!

Percebe o que importa de verdade? Meus filhos nunca se mostraram muito “deslumbrados” pelo fato de eu ser professor de seminário. Nunca admiraram boquiabertos os livros que escrevi ou as viagens que fiz. Eles se admiram apenas com aquilo que Jesus

Cristo realizou em minha vida. Seria fácil iludir os leitores com palavras, mas eu nunca conseguiria enganar minha esposa e meus filhos. Eles me conhecem profundamente, sabem até onde me dói o calo. O mesmo princípio aplica-se a todos. Aqueles que nos conhecem intimamente, mais cedo ou mais tarde, reconhecerão a realidade de Deus em nossa vida.

Portanto como podemos convencê-los de que Deus é vivo? Deixando a luz de Deus brilhar através de nossa vida. Ao ser transformada pelo poder divino, ela será uma mensagem viva a uma geração enganada.

ELIAS TINHA CERTEZA DE QUE ERA REPRESENTANTE DE DEUS

Mas a vida de Elias revela outras coisas. “Tão certo como vive o Senhor, Deus de Israel, *perante cuja face estou*...” (17.1 - grifo do autor.) Elias era servo. O serviço que prestamos aos irmãos confere dignidade à vida cristã. Não cesso de admirar a forma como Deus realiza esse milagre que é o ministério cristão, usando pessoas comuns para alcançar propósitos divinos. Esse encargo nos torna representantes pessoais do Deus vivo.

Entretanto, embora nossa geração tenha sede de respostas, muitos crentes gaguejam. Enquanto o mundo todo ergue os braços pedindo socorro, os crentes observam a tudo, imóveis. Muitos não conseguem ou não querem oferecer a única resposta plausível às questões levantadas. Outros dão de ombros, desesperançados.

“O que podemos fazer?” perguntamo-nos uns aos outros.

“Não há saída! O mundo está perdido.”

Tenho certeza de que Elias poderia ter tido a mesma atitude. O governo da época estava corrompido, a população, perdida. A glória de Israel era coisa do passado. Entretanto, apesar de tudo que o cercava, que foi que Elias disse? “Sirvo ao Deus de Israel, perante cuja face estou!”

Sabe como Deus reage às crises? Ele convoca seus servos ao serviço. Tanto no passado como hoje essa verdade permanece imutável. Deus procura servos que sejam seus representantes pessoais. E os quer não apenas no púlpito ou no campo missionário ou na igreja. É verdade que ele chama alguns para essas posições estratégicas, mas convoca também pessoas diversas, do mundo inteiro para representá-lo nos bairros, comunidades, escritórios, indústrias, nas casas e nas escolas, em todos os continentes. E ele *o* chama também, amigo leitor, para representá-lo nos lugares onde os homens se acham cegos à realidade divina. Ele deseja que todos o vejam através de sua vida.

Gostaria de relatar minha experiência pessoal no assunto. Tenho de confessar que, como muitos servos do Senhor que atuam no serviço dele, eu tinha a tendência de trabalhar vinte e quatro horas por dia. Talvez alguns já tenham ouvido falar dessa síndrome. Eu a chamo de “síndrome do vazio”. Usamos o trabalho como anestésico que alivia a dor de uma vida sem propósito. Mas o trabalho em si é mera atividade, e não alcança grandes resultados.

No meu caso, houve períodos em que eu levantava pela manhã e logo fazia uma lista mental das coisas que “todo bom crente” tem de fazer. Dizia para mim mesmo:

“Tenho de observar minha hora devocional. Tenho de trabalhar. Tenho de tirar um tempo para a Jeanne e as crianças. Tenho de evangelizar...”

E fazia todas essas coisas. Estava sempre ocupado, contudo minhas experiências não eram gratificantes.

Um dia abri os olhos e enxerguei a verdade que Elias reconheceu: sou servo de Deus! Ou seja, o que Deus deseja é que eu esteja sempre *disponível* para seu trabalho, para ser mensageiro pessoal, pronto para executar o que ele pedir e realizar seus propósitos. Então assumi essa nova atitude e passei a dar início às minhas manhãs perguntando:

“Senhor, o que desejas de mim hoje?”

Com isso, minhas tarefas tornaram-se mais que simples atividades sem sentido. Passaram a ter valor. Ao ver-me como representante pessoal de Deus, meu relacionamento com ele tomou outro rumo.

Nunca me esqueço de uma ocasião em que fui encarregado de proferir trinta e quatro palestras num período de oito dias. Acho que estava perdendo o juízo quando aceitei. Assim que a conferência terminou, peguei um avião de Chicago para Los Angeles. Ao entrar no avião, caminhei para o fundo, fui para a última poltrona no cantinho e orei:

“Senhor, estou muito cansado. Por favor, não deixe ninguém se sentar ao meu lado. Não tenho ânimo para conversar com mais ninguém.”

Os passageiros foram chegando e tomando os seus lugares, mas ninguém se sentava ao meu lado. Finalmente, a porta se fechou, e pensei:

“Estou livre!”

Mas assim que levantei os olhos, vi um soldado caminhando em minha direção. Acertou - o único assento vazio era o do meu lado. Assim que ele se acomodou, pôs-se a falar. E a falar. E a falar mais ainda. Por um momento, pensei que havia sido vacinado com uma agulha de vitrola! Contou-me que esperara vinte e quatro horas no aeroporto por uma vaga naquele vôo. Seu vôo havia sido cancelado dezenove vezes, mas finalmente conseguira embarcar!

Ele prosseguiu contando-me sobre sua vida. Mas, depois de muito tagarelar, deve ter ficado sem assunto, porque me perguntou:

- E o senhor, o que faz?

Essa pergunta é complicada. Em geral, as pessoas têm a tendência de associar imagens negativas à figura do pastor, sobretudo quando é professor de seminário. Na realidade, minha experiência é que sempre que converso com alguém, o bate-papo

avança de vento em popa, mas aí surge essa pergunta. A partir de então a situação muda.

- Sou professor, respondi, dizendo parte da verdade.
- Que interessante! Onde você leciona?
- No Seminário Teológico de Dallas, murmurei, engolindo as duas primeiras palavras.

Pela expressão de seu rosto, notei que ele estava tentando descobrir que tipo de escola seria aquela. Finalmente, acertou em cheio.

- Ah! Entendi! Você é pastor!
- Isso mesmo, confessei. É, sou pastor!

Foi então que ele me surpreendeu. Em vez de tentar mudar de assunto, o jovem virou-se para mim e disse:

- Estou indo visitar minha família, e depois embarcarei para o Vietnã. Sei que não deveria estar com medo, mas para dizer a verdade estou petrificado! Será que você tem algo que poderia me ajudar?

Não é incrível o modo como Deus muda a situação? Peguei meu Novo Testamento e expliquei-lhe o plano da salvação. E quando sobrevoávamos Denver, ele orou recebendo Cristo como seu Salvador.

Quando chegamos a Los Angeles e desembarcávamos, disse-lhe:

- Amigo, gostaria de pedir-lhe um favor. Será que poderia escrever-me uma cartinha quando chegar ao Vietnã? Gostaria de remeter-lhe alguns livros para ajudá-lo a crescer na fé em Jesus Cristo.

Três semanas mais tarde, o jovem desembarcou no Vietnã. Ao chegar à sua barraca, a primeira ordem que recebeu do sargento foi que saísse para participar do culto na capela do acampamento. Lá, o pregador falou da mensagem do evangelho. O rapaz pensou consigo mesmo:

“Foi exatamente isso que ouvi daquele senhor no avião.”

Após o culto, ele foi conversar com o pastor e contou-lhe sobre a conversa que tivera no avião com um senhor chamado Hendricks e que fizera uma oração aceitando Cristo como seu Salvador. Ao mencionar meu nome, o pastor disse:

- Hendricks! Não acredito! Ele foi meu professor no seminário!

E assim, no acampamento, o pastor ministrou àquele jovem para que ele crescesse na fé.

Há quem diga:

"Que história fascinante! O vôo do rapaz foi cancelado dezenove vezes e, finalmente, quando ele pegou um avião, sentou-se junto ao professor do homem que seria seu pastor durante a guerra! Que coincidência!"

Mas não foi coincidência nenhuma. Sei que não foi porque creio que Deus tem um plano para mim, assim como tinha um plano para aquele jovem soldado (e para você também!). Como Elias, sei que sou servo do Todo-Poderoso e que parte de minha missão é acordar a cada manhã, dizendo:

"Senhor, sou apenas um instrumento para realizar teu trabalho. Usa-me para alcançar teus propósitos, da maneira que te aprouver."

ELIAS TINHA CERTEZA DE QUE O PODER DE DEUS ESTAVA À SUA DISPOSIÇÃO

A última coisa que Elias disse a Acabe foi que só voltaria a chover na terra quando ele desse ordem nesse sentido. Como é que ele poderia ter tanta certeza disso? Será que o profeta era algum tipo de mago? Não. Lemos no livro de Tiago que "Elias era homem semelhante a nós". Pense nisto: Elias era igual a mim e a você!

Mas Tiago acrescenta que Elias "orou, com instância, para que não chovesse sobre a terra, e, por três anos e seis meses, não choveu." (Tg 5.17.) Onde é que Elias arranjou coragem para enfrentar o rei? Creio que ela foi fruto de sua vida de oração. O

hábito de orar dava a ele a convicção absoluta da realidade e capacidade de Deus. Assim, podia confiar que o Senhor faria aquilo que havia dito.

Que foi que Deus dissera? Em Deuteronômio 11.16,17, Deus faz a seguinte advertência ao povo de Israel: “Guardai- vos não suceda que o vosso coração se engane, e vos desvieis, e sirvais a outros deuses, e vos prostreis perante eles; que a ira do Senhor se acenda contra vós outros, e feche ele os céus, e não haja chuva, e a terra não dê a sua messe, e cedo sejais eliminados da boa terra que o Senhor vos dá.”

Assim era a aliança de Deus: a idolatria provocaria a seca. Acabe e o povo haviam se esquecido desse aviso. Elias, não. Ele tinha certeza de que Deus cumpriria sua palavra e impediria que chovesse nas terras da nação rebelde. Sabia que o Senhor realizaria o que havia dito. Por isso tomou posição e, como diz Tiago, instou com Deus para que não mandasse chuva. Deus atendeu à sua oração.

O mundo hoje está inundado pelo pecado, mas sedento da verdade. Nossa sociedade, considerando-se sábia, abandonou o único Deus verdadeiro. Por toda parte, as pessoas entregam-se à idolatria do prazer próprio. Contudo, apesar de vivermos neste deserto moral, será que podemos reconhecer os recursos que Deus coloca à nossa disposição? Temos tudo aquilo que Elias tinha, e mais: a Palavra de Deus, o Espírito de Deus e o poder da oração. Do que mais precisamos? Será que acreditamos naquilo que Deus declara nas Escrituras e poderíamos orar como Elias para que o Senhor cumpra o que diz? Oração e fé. Essas são as ferramentas que Elias usou para enfrentar a sociedade do seu tempo, em nome do Deus todo-poderoso. Podemos usá-las da mesma maneira.

Há alguns anos passei por uma situação semelhante. Sinceramente, espero que nunca tenha de viver aquela experiência novamente. Participava de uma reunião de oração de

pastores e a falta de fé era tão gritante que não consegui manter-me no meio deles. Em vez de reunião de oração, parecia um concurso para descobrir quem tinha o ministério mais "abençoado". Falava-se de técnicas de *marketing* e do dinheiro arrecadado, mas nem um deles clamava a Deus, pedindo-lhe que se revelasse de maneira poderosa em nossa sociedade pecaminosa.

Finalmente, deixei o grupo e fui para o quarto, onde me pus a orar e a ler a Bíblia, enchendo o coração das suas promessas. Naquele momento, relembrei que sou apenas um seu representante, apenas um de seus servos. Mas isso também significava que tinha à minha disposição os mesmos recursos com que Elias contava, e que qualquer irmão na fé também possui. Por isso comecei a orar para que o impossível ocorresse: que o Senhor mudasse o coração do pessoal da reunião de "oração". E Deus operou um milagre! A conversa do grupo mudou de direção, e através do trabalho do Espírito Santo todos sentiram necessidade de orar diante do Senhor.

Cada um de nós tem o poder de mudar o mundo. A qualquer momento e em qualquer situação, podemos tomar posse dos recursos de Deus através de sua Palavra e da oração de fé. Poderíamos ver Deus operando milagres em nosso mundo e na vida daqueles que nos cercam.

Pergunto então: Você está convicto do poder de Deus? O Deus vivo é uma realidade no seu dia-a-dia? Vê-se como representante de Deus para ser usado como ele o desejar, como Elias o fez? Vive com a convicção profunda de que o poder de Deus é sempre acessível? Se vive, assuma a atitude condizente, permitindo que Deus aja através de você para transformar nossa geração.

Capítulo Dois

Comunhão

Chad Walsh, em seu interessante livro *Early Christians of the Twenty-First Century* (Os primeiros cristãos do século XXI), colocou uma pedrinha no meu sapato mental ao dizer:

"Milhares de cristãos vivem envoltos numa névoa emocional de religiosidade, ouvindo os hinos suaves tocados pelo organista e que ecoam na igreja, iluminada pela luz singela dos vitrôs. Sua religião consiste apenas de suspiros afetados, desligados da verdade e separados do intelecto. Ela exige deles apenas que participem do culto e falem o que é certo na hora certa. Tenho a impressão de que Satanás resolveu que não tentaria mais converter as pessoas ao agnosticismo (não crer na existência de Deus), pois, afinal de contas, quando alguém se afasta completamente do cristianismo, corre o risco de recolocar o assunto em pauta mais tarde e apreender-lhe a verdade. É muito mais seguro, do ponto de vista de Satanás, inocular no homem uma pequena dose de cristianismo, desenvolvendo nele uma resistência contra os surtos mais fortes da fé verdadeira."

Talvez conheçamos o tipo de pessoa que Walsh descreve.

Sua teologia é fácil, do tipo que se tomou muito comum em nossa cultura. Nela estão presentes os "bons" aspectos de Deus - seu amor, misericórdia, e perdão. Contudo afastam convenientemente todos os traços de seu caráter que nos poderiam causar problemas, como sua justiça, castigo e santidade. São rápidos em declarar que "Deus é amor", mas esquecem-se de que as Escrituras também declaram que ele é "santo, santo, santo". Gostam muito de mencionar a história de Jesus perdoando a mulher adúltera, mas esquecem-se de sua última sentença: "Vá e não peques mais!"

As pessoas que vivem esse tipo superficial de espiritualidade parecem falsas. Agem como se conhecessem profundamente a verdade de Deus, mas tudo não passa de uma fachada. Ao enfrentarem uma crise, sua fé não lhes dá sustentação. Como sabemos, Jesus não se limitou a mencionar o perdão - *morreu para que nossos pecados fossem perdoados.* O motivo pelo qual Jesus Cristo se dispôs a entregar sua vida pela verdade é o fato de que ele sabia qual era a verdade, e permaneceu em comunhão com o Pai, o único Deus verdadeiro.

Nada é mais repugnante que a falsidade espiritual. Por outro lado, não há nada mais atraente que a verdade espiritual. O indivíduo que vive na verdade é fascinante e atrai outros para ela. Tendo que ver tantos charlatões espirituais neste mundo, é uma satisfação encontrar um homem tão transparente e autêntico quanto Elias. Não havia uma gota de hipocrisia em sua vida ou em sua experiência. Problemas, sim. Falsidade, não.

No capítulo anterior, analisamos as convicções de Elias. Esse “rebelde” campesino entrou no palácio de Acabe com firme determinação e lhe deu um ultimato. Teve coragem para falar a uma geração moralmente caída porque era homem de convicção. Estava absolutamente convencido da realidade de Deus e de seu papel como servo dele na sociedade em que vivia. Por isso sentiu que não podia ficar calado enquanto outros se escondiam. Elias tornou-se o estandarte da justiça de seu tempo, ainda que com isso estivesse arriscando a própria vida.

Contudo note o que fez Elias assim que deixou, intempestivamente, a presença do rei. Afastou-se de todos e buscou a proteção de Deus, sozinho. Se lermos atentamente 1 Reis *17.2-7,* veremos um princípio de causa e efeito. Quando um indivíduo obtém resultados em público, ele os obtém também em sua vida particular. Uma pessoa que transforma a sociedade em que vive, como resultado de sua fé em Deus, certamente é alguém que passa tempo em oração a sós com o Senhor.

É por isso que pessoas de pouca fé não conseguem transformar o mundo. Não cultivam um relacionamento de comunhão individual com Deus. Conseqüentemente, não possuem a convicção necessária para representá-lo em público. Conheço muitos jovens que desejam uma posição de destaque no serviço do Senhor. Imaginam-se heróis servindo na linha de frente. Mas erram por não levarem em consideração o fato de que cada um dos heróis da fé passou bastante tempo orando, a sós com o Senhor, antes de sair em busca do inimigo.

Existem quatro palavras-chaves que descrevem a passagem de 1 Reis 17.2-7: ordem, promessa, resposta e teste. A ordem em que aparecem tem aplicação tanto prática como espiritual. Deus dá uma ordem, e com ela faz uma promessa. Espera nossa resposta e a seguir testa nossa decisão. Foi exatamente assim que aconteceu com Elias.

A ORDEM

O relato começa assim: “Veio-lhe a palavra do Senhor, dizendo: Retira-te daqui, vai para a banda do oriente e esconde-te junto à torrente de Querite, fronteira ao Jordão.” (1 Rs 17.2,3.). Já imaginou? Elias deve ter pensado:

“Esconder-me, Senhor? *Justo agora*? Bem no momento em que Acabe está em nossas mãos? Esconder agora, quando há tanto a se fazer e poucas pessoas para executarem o trabalho? Deseja que eu fuja e me esconda?”

Muitas vezes nosso ego não deseja que nos escondamos. Nosso homem carnal quer brilhar. Às vezes Deus diz:
“Vá e deixe que o mundo inteiro me veja através de você.” Então ficamos muito orgulhosos. Mas depois, ele ordena: “Esconda-se!”

Aí, perguntamos surpresos:

“Como é que é?”

Se eu estivesse no lugar de Elias, teria dito exatamente isso. Teria retrucado:

“Senhor, tem certeza de que não está confundindo as coisas? Quero dizer, acabo de sair do palácio. Não vai querer que uma pessoa de nível tão alto vá se esconder atrás de umas pedras, não é mesmo?”

Acho que eu teria até encontrado uma forma de escapar à ordem e justificar-me dizendo:

“Tenho certeza de que tudo não passa de um mal-entendido, Senhor. Sei que nunca ordenarias que eu fosse para um lugar tão remoto.”

Estou convencido de que hoje há muitos crentes aos quais o Senhor vem dizendo:

“Esconda-se por enquanto.”

Essa ordem é difícil de ser executada em nossa cultura e sociedade. Como afirmei anteriormente, muitos de nós trabalhamos compulsivamente, mantendo-nos ocupados a cada segundo do dia. E são tantas as vozes exigindo nossa atenção, que é fácil deixar de ouvir a do Senhor.

Talvez alguém esteja pedindo que Deus o empregue, o molde e o prepare para o serviço. É possível que esteja mesmo suplicando ao Senhor para que o use não apenas na geração atual, mas, por sua graça, na próxima geração também. Contudo, se o Senhor não lhe falar primeiro, não terá nada a dizer a geração alguma.

Deus conhecia bem Elias. Para tornar-se líder nos padrões que Deus desejava, Elias deveria passar algum tempo sozinho, ouvindo atento a voz divina. Para tornar-se um líder capaz, eficiente, não poderia contar apenas com suas próprias palavras ou força. Precisaria contar com o poder do Todo-Poderoso. E havia apenas uma maneira de chegar a este nível: estando a sós com Deus.

O Senhor Jesus seguiu a mesma linha de conduta. Muitas vezes retirava-se sozinho, distanciava-se das multidões e do furor que seu ministério causava, para estar com o Pai celestial.

Se até mesmo Jesus precisava de estar a sós com o Pai, quanto mais nós! O fator mais importante em nosso caminhar com Cristo não é aquilo que lemos ou que ouvimos em um sermão ou conferência. Apesar de importante, a aprendizagem é apenas uma ferramenta nas mãos de Deus. No final das contas, o que importa mesmo é ouvirmos o que ele diz. Se não estivermos ouvindo a voz de Deus, se não estivermos cultivando um relacionamento íntimo com ele, tudo que aprendermos com outros fará pouco sentido, e a mensagem deles causará pouco impacto em nossa vida.

Anos atrás, quando participava de um seminário como conferencista, fui procurado por um indivíduo que queria uma orientação. Ele enfrentava problemas sérios no trabalho e estava tendo dificuldade de controlar sua vida. Perguntei-lhe:

- Meu amigo, quanto tempo você passa só pensando?
- Pensando? repetiu surpreso. Hendricks, não tenho tempo para pensar. Se parar para pensar, fico ainda mais atrasado nos meus afazeres.

Estava aí o problema.

No século IV, Juliano, o Apóstata, estava decidido a varrer o cristianismo da face da terra. Para surpresa e vergonha sua, descobriu a lei da termodinâmica espiritual: quanto maior o calor, maior a expansão. Quanto mais perseguia os cristãos, mais eles se multiplicavam. Finalmente, reuniu o que restava de seus seguidores em um salão do palácio e exclamou irritado:

- Ah! O cristianismo leva o homem a pensar. Quem di- ria, até mesmo os escravos estão pensando!

Para um romano, isso era incompreensível. Mas era verdade. Até mesmo os escravos estavam pensando sobre a verdade da Palavra de Deus.

Meu irmão, quanto tempo você passa pensando? Passa tempo meditando na Palavra de Deus, analisando sua mensagem e esperando que o Senhor lhe fale ao coração? Não conheço nenhum crente que tenha planejado levar uma vida medíocre. Mas

a maioria parece caminhar nessa direção e lá permanecer. Na antiguidade, Platão observou que a vida sem análise não valia a pena. Essa declaração é valiosa para os crentes de verdade. O crente que não pára na presença de Deus, nunca lhe ouvirá a voz. “Vá e esconda-se!” ordena o Senhor. Você está disposto a obedecer-lhe?

A PROMESSA

Deus nunca ordena nada que não possamos cumprir. Nunca nos chama ao trabalho sem nos fornecer as ferramentas para executá-lo. “Beberás da torrente”, explicou ele a Elias, “e ordenei aos corvos que ali mesmo te sustentem” (17.4).

As provisões eram simples, mas suficientes. Era o necessário para atender às necessidades de Elias, enquanto se preparava para o trabalho para o qual Deus o convocara. Se desejamos comunhão com o Senhor, precisamos acreditar que ele suprirá nossas necessidades.

Tenho oportunidades maravilhosas no meu trabalho como professor. Lembro-me de um jovem aluno que de vez em quando vinha conversar comigo em meu gabinete. Devido a seu relacionamento íntimo com o Senhor, esse moço tinha sonhos e visões. Sempre que o encontrava, pensava:

“Se eu conseguir mantê-lo afastado dos crentes mais velhos que tentarão dissuadi-lo de prosseguir com o trabalho para o qual Deus o está chamando, um dia ele será famoso.”

Se eu contasse aqui as idéias que ele tinha, creio que todos achariam que eram loucura. Mas ele havia pensado, planejado e orado muito sobre esse trabalho e tinha certeza de que Deus desejava usá-lo em grandes obras.

Um dia aproximou-se de mim e disse:

- Professor, os problemas são muitos. Deus vai ter de operar milagres para que eu consiga realizar esse projeto.

- Que bênção! respondi. A especialidade de Deus é operar milagres. Já parou para pensar que não há nenhum objeto de valor em nossos dias que não tenha sido produto do Deus que opera milagres?

Passei então a relatar-lhe a história do milagre do Seminário de Dallas. Pouco depois de inaugurado, em 1924, quase fechou as portas. Estava à beira da falência. Um dia, todos os credores reuniram-se para encerrar as negociações ao meio-dia. Naquela mesma manhã, os fundadores da escola reuniram-se no gabinete do reitor para orar e pedir a Deus que operasse. Harry Ironside encontrava-se na reunião. Quando chegou sua vez de orar, ele disse em sua maneira simples e humilde:

“Senhor, sabemos que o gado desta região te pertence. Por favor, venda algumas cabeças e envie-nos o dinheiro.”

Naquele mesmo instante, um vaqueiro texano, alto, trajando botas e camisa de malha, entrou no escritório e disse à secretária:

- Bom dia! Acabo de vender umas cabeças de gado em Fort Worth. Pretendia usar o dinheiro para fechar alguns negócios, mas não está dando certo. Sinto que Deus deseja que este dinheiro seja usado no seminário. Não sei se estão precisando ou não, mas aqui está o cheque.

A secretária pegou o cheque e, sabendo que cada minuto perdido poderia ser decisivo, dirigiu-se ao gabinete e bateu timidamente à porta. O Dr. Lewis Sperry Chafer, fundador e presidente da escola, abriu-a e recebeu o cheque das mãos dela. Ao olhar para a quantia, viu que era exatamente o valor da dívida. Então percebeu que o nome no cheque era de um fazendeiro da região. Virando-se para o Dr. Ironside, disse:

- Harry, Deus vendeu o gado.

Muitas vezes Deus supre nossas necessidades da maneira que menos esperamos. Às vezes é difícil enxergar como ele planeja fazer isso. Certamente Elias nunca esperava ser mandado para o campo, ou ser alimentado por pássaros. Mas a fórmula escolhida

por Deus serviu para fortalecer sua fé e deve tê-lo ajudado a conhecer ainda mais o Senhor. São os resultados práticos de uma vida em comunhão com Deus.

Você está tendo visões e sonhos? O Espírito de Deus está se movendo em sua vida, motivando-o a alcançar aqueles que ainda não conhecem a Jesus Cristo? Sente-se instigado a executar uma tarefa importante em nome de Deus? Se não, talvez você precise de um novo contato com o Deus que Elias conhecia tão intimamente. Talvez precise alimentar a chama do seu relacionamento com aquele que diz:
“Vá e fique sozinho. Eu o alimentarei e lhe darei de beber.”

A RESPOSTA

Quando Deus ordenou a Elias que se retirasse, qual foi a resposta do profeta? “Foi, pois, e fez segundo a palavra do Senhor; retirou-se e habitou junto à torrente de Querite, fronteira ao Jordão. Os corvos lhe traziam pela manhã pão e carne, como também pão e carne ao anoitecer; e bebia da torrente.” (17.5,6.).

Fico boquiaberto ao ler essas palavras, porque elas são exatamente o oposto da minha experiência pessoal. Se eu estivesse no lugar de Elias, creio que teria discutido com Deus. Diría que tinha certeza de que ele estava cometendo um erro, e lhe daria uma lista de motivos. Teria oferecido algumas sugestões para “aprimorar” o plano. Além disso, creio que teria tentado ensinar-lhe a forma correta de tratar um profeta tão ilustre.

Mas não foi isso que Elias fez. Ele, simplesmente, “fez como o Senhor lhe ordenara”. Para que Elias vivesse em comunhão íntima com Deus, era essencial que obedecesse prontamente. Sabe o que é? Quem obedece revela uma atitude de confiança e uma aptidão para o aprendizado.

A postura de Elias é clara em todo o resto de 1 Reis 17, que relata como ele seguiu as instruções do Senhor. Confiante na promessa de que Deus cuidaria dele, Elias foi a Sarepta onde

Deus o usou de forma milagrosa para sustentar uma viúva durante a seca. Uma situação semelhante ocorre em Atos 9, quando Deus envia um de seus servos a cumprir uma missão. No início do capítulo, ficamos conhecendo Saulo, que “respirava ameaças” contra os seguidores de Jesus. Mas a caminho de Damasco, saindo de Jerusalém, Saulo teve um encontro com o Cristo ressurreto e passou por uma transformação espiritual. Contudo os crentes da época não estavam acreditando muito no que viam. Na opinião deles, Saulo continuava sendo seu maior inimigo. Ele seguiu para Damasco, mas como lemos mais adiante, acabou retornando a Jerusalém. Nessa ocasião, diz a Bíblia que “procurou juntar- se com os discípulos; todos, porém, o temiam, não acreditando que ele fosse discípulo” (v. 26). Podemos até imaginar o que estariam dizendo:

“Será que Paulo pensa que pode enganar-nos tão facilmente? Está fingindo conversão para infiltrar-se em nosso meio. Assim poderá identificar todos os crentes e aniquilar- nos um a um! Não podemos nem pensar em aceitá-lo!”

É relativamente difícil imaginarmos uma situação dessas em nossos dias. Hoje, abrimos as portas da igreja e perguntamos sem o menor embaraço:

“É claro que você já recebeu Jesus como seu Salvador, *não é mesmo?”*

Qualquer um de nós saberia responder a essa pergunta. O resultado é que temos muitos incrédulos em nossa comunidade de fé. Mas nos tempos de Saulo, a igreja sabia da importância da cautela. Freqüentemente a vida deles estava em jogo.

Essa atitude fica clara quando o neoconverso Saulo chega a Damasco. Cego (literalmente) após seu encontro com Jesus, foi conduzido a uma casa onde deveria esperar um emissário do Senhor. Essa pessoa seria um homem chamado Ananias. Aprecio o relato de como Deus chamou aquele homem para ministrar a Saulo. É tão real e autêntico que chega a ser reconfortante! O autor

do livro de Atos descreve de maneira brilhante a dificuldade de Ananias para atender ao Senhor. Diz o versículo 10:

“Ora, havia em Damasco um discípulo chamado Ananias. Disse-lhe o Senhor numa visão: Ananias!”

Imaginemos a situação! Lá estava Ananias cuidando de sua vidinha quando um dia, inesperadamente, o Senhor o chamou pelo nome. Felizmente, ele reconheceu a voz do Senhor e respondeu: “Eis-me aqui, Senhor!”

O Senhor então começa a dar-lhe uma tarefa e sentimos que Ananias parece disposto a obedecer prontamente.

- Pois não, Senhor! Farei o que o Senhor quiser!

Deus, então, apresenta-lhe o plano.

- Dispõe-te, e vai à rua que se chama Direita.
- Rua Direita, certo!
- E na casa de Judas...
- Judas, entendi.
- Procura por um homem de Tarso...
- Cidadão de Tarso.
- Chamado Saulo.
- (Segue-se uma longa pausa.) Como??

Creio que a partir daquele momento Ananias parou de prestar atenção. Observemos a resposta dele. É uma oração na qual está dando conselhos a Deus: “Senhor, de muitos tenho ouvido a respeito desse homem, quantos males tem feito aos teus santos em Jerusalém.” (Creio que ele achava que Deus não sabia das últimas notícias!) “E para aqui trouxe autorização dos principais sacerdotes para prender a todos os que invocam o teu nome.” (At 9.13,14.) Ou seja, Ananias está como que dizendo a Deus:

- Senhor, tem certeza do que está me pedindo?

Mas Deus o interrompeu, dando-lhe uma ordem simples: “Vai!” (9.15.) Felizmente, Ananias decidiu cumprir a ordem e impor as mãos em Saulo. Chegou a chamá-lo de “irmão” (9.17), indicando que o via como um cristão. Mas como será que nós veríamos tal

tarefa? Nos dias de hoje, seria o mesmo que ser mandado ao quarto de hotel de um “poderoso chefão do tráfico de drogas”, cercado de comparsas, abraçá-lo afetuosamente e dizer:

“Bem-vindo à família de Cristo, irmão!”

Tenho certeza de que Ananias precisou de um antiácido para combater o mal-estar!

Mais adiante, Elias passaria por uma situação semelhante. Por ora, Deus apenas ordenara ao homem que se mostrara tão eficaz em presença do rei que acampasse perto de um riacho chamado Querite. Permanecesse lá até segunda ordem! O profeta nem retrucou. Agiu com rapidez, e fez exatamente o que o Senhor lhe ordenara.

É esse o tipo de reação que Deus deseja. No âmbito espiritual, o contrário de ignorância não é sabedoria, mas sim obediência! Por esse motivo, a Bíblia declara: “... Eis que o *obedecer* é melhor do que o sacrificar, e o *atender,* melhor do que a gordura de carneiros.” (1 Sm 15.22 - grifo do autor.) Deus não fica deslumbrado com nossa falsa adoração. O que deseja saber é se estamos mesmo dispostos a aplicar sua Palavra em nossa vida.

Eu, por exemplo, estou sempre discutindo com Deus. Por um lado tento impressioná-lo com meu vasto conhecimento, e ele busca mostrar-me como tenho lhe obedecido pouco. Mas para viver em comunhão íntima com o Senhor, temos de obedecer-lhe. A obediência é a atitude que abre as portas de uma comunhão mais profunda com o Pai.

O TESTE

Uma ordem de fugir para o campo, a promessa de sustento do Pai e a obediente resposta do profeta. Na sequên- cia, porém, vemos o verdadeiro teste da fé de Elias. É que a história continua: “Mas, passados dias, a torrente secou, porque não chovia sobre a terra.” (1 Rs 17.7.)

Que situação constrangedora! Lá estava Elias, obedecendo a Deus tanto publicamente como em sua vida pessoal, confiando em suas promessas. Mas agora sua única fonte de água se secara. Se eu estivesse no lugar dele, estaria protestando, indignado:

"Olha, Senhor, foi você quem ordenou que eu viesse para este lugar! Fiz exatamente o que mandou. Mas agora, que estou bem no centro de sua vontade, a água acaba. Que é que eu vou fazer?"

Deus não está interessado apenas em que tenhamos uma fé parcial. Deseja o *crescimento* da fé. Ele sabe que só obtemos uma fé profunda e permanente através de provações. Como um diamante precisa ser lapidado, precisamos ser lacerados para que nosso caráter seja aperfeiçoado.

Certamente foi essa a experiência de Abraão. O Senhor o chamou de Ur dos caldeus e o levou a atravessar o Crescente Fértil e chegar à Terra Prometida. Mas nem bem lá chegara, colocando-se, portanto, no centro da vontade de Deus, uma grande fome assolou a terra. Por causa dela, Abraão desceu ao Egito, onde encontrou mais problemas. Quando retornou a Canaã, o Senhor o provou mais uma vez, pedindo-lhe que sacrificasse seu único filho. Do ponto de vista moderno, estaríamos pensando:

"Por que é que Deus está pegando no pé dele?"

Mas de acordo com a perspectiva divina, compreendemos que Deus estava testando Abraão simplesmente para fortalecer-lhe a fé e aproximá-lo mais do Senhor.

Tenho testemunhado o mesmo processo na vida de meus alunos no seminário. Alguns deles, extremamente talentosos, sentem o chamado de Deus para o ministério e ingressam no seminário, desejosos de se prepararem. Mas antes mesmo do final do primeiro mês já estão abatidos. Não conseguem encontrar emprego. A esposa adoece. Eles recebem as notas das três últimas provas e vêem que não se saíram nada bem... e ainda por cima não entendem sequer uma palavra na aula de Grego!

Encontro alunos assim, esperando-me na porta do meu gabinete, segurando, desanimados, as provas corrigidas, com a pergunta engatilhada:

- O que está acontecendo, professor? Tenho certeza de que estou fazendo exatamente aquilo que Deus deseja de mim, no entanto, minha vida está em frangalhos!

Ao que respondo:

- Meu amigo, a situação pela qual está passando faz parte de seu treinamento, tanto quanto as matérias que está estudando. Deus planejou o currículo dessa maneira - para transformá-lo e torná-lo alguém a quem ele possa usar. Essas provações são as que irão amadurecê-lo e fortalecer seu compromisso e conhecimento de Deus.

O Senhor ilustrou esse princípio em Marcos 4. A passagem faz parte do programa de treinamento para professores pelo qual Jesus preparava um grupo de indivíduos para o ministério de multiplicação. No início ele relatou-lhes uma série de parábolas que tinham como foco a fé. Mas Jesus sabia que as pessoas não adquirem fé só de ouvir falar. Estava ciente de que é no laboratório da vida que ela se desenvolve. E Jesus foi um grande mestre. Ele também aplicou provas, mas não como fazemos nas escolas. Eu, por exemplo, que sou professor, tento verificar através de provas que volume de conteúdo os alunos conseguem memorizar e reter na mente. Mas Jesus, em contraste, usou o dia-a-dia para ensinar e testar seus discípulos. Queria certificar-se de que colocariam em prática os princípios aprendidos.

A passagem começa da seguinte maneira: “Naquele dia...” (V 35.) Logo de início, somos levados a perguntar:

“Que dia?”

A resposta é simples: no mesmo dia em que Jesus os havia ensinado sobre a fé! Portanto, foi *naquele* dia que Jesus lhes disse: “Passemos para a outra margem.” (4.35.) E eles, despedindo a multidão, saíram em seus barcos, levando Jesus

com eles. Mas “levantou-se grande temporal de vento, e as ondas se arremessavam contra o barco, de modo que o mesmo já estava a encher-se de água” (4.37).

Como sabemos, os discípulos eram pescadores profissionais. Estavam acostumados a temporais. Portanto, a maneira como reagiram indica que percebiam o perigo que corriam. Então, correram para Jesus, o qual, curiosamente, dormia na popa do barco. “Mestre, não te importa que pereçamos?” (4.38), perguntaram insinuando que Jesus se esquecera de suas responsabilidades. Jesus, despertando, repreendeu o vento e as ondas, e imediatamente o mar se aquietou e fez-se bonança.

Então perguntou-lhes Jesus: “Por que sois assim tímidos? Como é que não tendes fé?” (4.40.) A tradução mais acurada desse texto seria:

“Como é que *vocês,* logo vocês, não têm fé? Justo *vocês* que acabaram de ouvir minha aula sobre fé?”

Nessa prova, todos perderam média.

Muitas vezes, o Senhor prova aqueles a quem escolheu, pedindo-lhes para fazer algo especial. Se não fossem as provas difíceis, como a da tempestade do mar da Galiléia, os discípulos nunca estariam preparados para enfrentar as dificuldades que estariam por vir, depois que Jesus retornasse para junto do Pai.

Às vezes me pergunto o que Jesus me diria, ou à minha família, ou à nossa igreja, ou ao corpo docente do seminário. Será que teria dúvidas quanto à nossa fé? Será que teria de nos perguntar:

“Como é que *vocês*, logo vocês, não têm fé?”

Penso sobre isso em virtude de todos os recursos que Deus coloca à nossa disposição. Como se sabe, o privilégio tem suas responsabilidades, e Deus tem abençoado ricamente muitos de nós, os crentes do mundo ocidental, com os privilégios da liberdade, oportunidades e recursos. Às vezes me pergunto se a vida cristã não se tornou fácil demais. Certa vez ouvi um grupo de crentes reclamando sobre as falhas do sistema de ar condicionado

da igreja deles - esquecendo-se completamente de que em muitos lugares as igrejas nem têm este luxo. Há crentes que não possuem nem mesmo um templo para se reunirem! E em outras sociedades, o simples fato de alguém se reunir com outros crentes pode custar-lhe a vida. Por isso, precisamos permitir que as provas pelas quais passamos nos dêem uma perspectiva correta da realidade. Precisamos crescer na fé através de cada prova.

E é certo que seremos testados! Deus assim o ordenou. Ele nos adverte disso. O passo seguinte é nossa responsabilidade - precisamos obedecer-lhe a ordem. Mas não nos enganemos. No momento em que dermos o passo da obediência, estaremos permitindo que Deus nos prove. Mais cedo ou mais tarde, teremos que passar pela prova da fé. Talvez você que me lê esteja passando por uma dessas provas divinas. Talvez esteja sentado junto a uma fonte cujas águas secaram. Obedeceu à voz de Deus mas agora parece que as circunstâncias estão contra você. Pode estar com um problema financeiro, ou mesmo físico. Seu problema pode ser emocional, intelectual ou espiritual. E você pergunta, desanimado:

- Senhor, o que está acontecendo?

Ao que ele responde:

- Nada! Estou simplesmente atendendo a sua oração!

Voltemos a Elias. Lá estava ele, sentado à beira da torrente, que secava. A água diminuía, diminuía, até que se tornou uma poça e, por fim, evaporou-se completamente. Deus prometera cuidar dele. Mas agora a água acabara-se. Como foi que ele reagiu diante desse pequeno problema? Admiro Elias imensamente, porque sei que eu não conseguida manter a calma, vendo o riacho secar. Teria vasculhado a região em busca de um poço. Meu pensamento teria sido:

“Não posso ficar aqui parado - mãos à obra!”

Mas que fez Elias? Permaneceu parado, sentado perto do riacho seco. Talvez questionasse o fato de Deus o haver chamado

para uma região tão árida... quando se lembrou de sua oração. “Orou, com instância, para que não chovesse sobre a terra, e, por três anos e seis meses, não choveu.” (Tg 5.17.) “Ah!” pensou consigo mesmo, “foi eu quem pediu isso!”

Às vezes oramos:

“Pai, quero ser como Jesus.”

Então ele atende ao nosso pedido ao pé da letra, e dá início ao processo. Mas não demora muito, começamos a reclamar:

- Senhor, o que está acontecendo? Por que permitiu que situações difíceis conturbassem minha vida? Estava indo tudo bem, até que essas coisas começaram a acontecer. O que o Senhor está fazendo?

Ao que ele responde, pacientemente:

- Estou simplesmente atendendo a suas orações.

Irmão, não nos esqueçamos do fato de que Jesus Cristo, “embora sendo Filho, aprendeu a obediência pelas cousas que sofreu” (Hb 5.8). Talvez o Espírito Santo esteja lhe dizendo:

“Meu desejo é ministrar através de você, mas, antes de fazê-lo, preciso ministrar a você.”

Portanto não despreze a aprendizagem junto à corrente cujas águas estão secando. Deus deseja torná-lo igual a seu Filho. Mas para que isso ocorra, temos de passar pelo mesmo processo de aprendizagem que Jesus enfrentou, e aprender através do sofrimento.

Meu irmão, dê ouvidos às ordens de Deus. Creia em suas promessas. Obedeça a seu chamado. Segure-se firme nele durante as provas. São esses os passos para termos uma caminhada mais íntima com Deus, cujas pegadas Elias, seu servo, deixou que permanecessem estampadas na areia para nós.

Capítulo Três

Confrontação

Deus geralmente envolve um servo seu na realização de seus planos. Quando precisou da arca, escolheu um homem para construí-la. Quando precisou resgatar seu povo das mãos de Faraó, elegeu um de seus servos para essa missão. Sempre que o Senhor tem um projeto importante a executar, ele escolhe a pessoa certa para realizar a tarefa.

Que tipo de pessoa o Todo-Poderoso escolhe? Bem, seus critérios, em geral, são exatamente o oposto dos humanos. Temos a tendência de escolher de acordo com os fatores externos, com as aparências. Deus escolhe com base no homem interior, no caráter do indivíduo. O homem escolhe de acordo com o que a pessoa é; Deus escolhe de acordo com o que ela se tornará. Enquanto Elias permaneceu sentado junto ao leito do arroio cujas águas iam baixando, ele experimentou a íntima transformação que se foi operando nele. Antes Deus ministrava ao seu coração, trazendo-o mais para junto de si. Agora ministrará a outros por meio dele, usando-o como instrumento para atingir seus propósitos.

Creio que não haja em toda a Escritura momento mais dramático do que o ocorrido no monte Carmelo e narrado em 1 Reis 18. Quisera ser um pintor para reproduzir a cena na tela. Duas personalidades explosivas se entrechocam, soltando fagulhas! Mais uma vez, Elias é enviado por Deus para confrontar o rei Acabe e ele o recebe com um insulto: “És tu, ó perturbador de Israel?” (18.17.) Mas Elias não vacila, e como Natã, o profeta, aponta o dedo para o rei, afirmando com segurança: “Eu não tenho perturbado a Israel, mas tu e a casa de teu pai.” Ele repreendeu Acabe por seu pecado e lhe lançou um desafio.

Não há a menor dúvida de quem estava no controle da situação. Diversas vezes, nessa passagem, Elias toma a iniciativa. É ele quem assume a liderança e dá as ordens. Ele desafia o rei, os profetas de Baal e de Astarote para um duelo: o povo se ajuntaria no monte Carmelo para que todos testemunhassem quem era o verdadeiro Deus. Os eventos daquele dia exemplificam com clareza como o verdadeiro crente deve se comportar perante uma situação de confronto.

Declarou-se feriado nacional em Israel. Podemos até imaginar as multidões subindo apressadas ao cume do monte Carmelo, de onde a vista do mar Mediterrâneo era de tirar o fôlego. Subiam por todos os lados do monte para testemunharem a batalha dos deuses - seria a batalha do século, sem chance de empate. Apenas um sairia vencedor!

Agora imagine o contraste! De um lado acotovelava-se a maioria do povo, torcendo para os 850 profetas de Baal e de Astarote. Esses profetas trajavam vestimentas lindíssimas e luxuosas. No pescoço, ostentavam um medalhão de metal que captava e refletia os raios do sol, pois adoravam o sol. Passado algum tempo, a multidão abre caminho para Acabe, que chega carregado por seus servos numa liteira, acompanhado do séquito palaciano, resplandecendo em suas vestes reais.

Os olhares voltaram-se para o outro lado, onde se encontrava um homem esquálido e solitário, vestido com simplicidade, de aparência comum, cabelos em desalinho e olhar penetrante. Do meio da multidão alguém comenta:

“Sinto pena dele! Parece tão sozinho!”

Não; não tenho pena de Elias. Ele sabe que Deus se interessa muito mais pelo homem interior do que pela ostentação exterior. No decorrer do relato, Elias faz sete afirmações e oferece lições práticas para todos os crentes de hoje que enfrentam duelos espirituais.

1. DECISÃO

Como o chute inicial de um jogo de futebol, Elias começa o desafio confrontando o povo com a pergunta: “Até quando coxeareis entre dois pensamentos? Se o Senhor é Deus, segui-o; se é Baal, segui-o.” (18.21.) Assim fazendo, repreende o povo por sua indecisão. Na verdade, Elias os conduz para a encruzilhada da vida, onde, quer queiram quer não, terão que tomar uma decisão.

A indecisão covarde do povo assemelha-se à de alguns políticos que, quando interrogados sobre sua posição em determinados assuntos, respondem:

“Bem, alguns dos meus eleitores são a favor, outros são contra. E eu apóio meus eleitores!”

Elias estava determinado a não permitir que o povo passasse mais nem um dia em cima do muro. Por isso, falou- lhes mais ou menos assim:

“Vocês já passaram tempo demais divididos entre dois deuses. Esta situação não pode continuar como está. Sirvam ou a Baal ou a Jeová. Decidam-se!”

As palavras do profeta os deixaram mudos.

Muitas pessoas caminham em cima do muro espiritual da fé. Acreditam em Deus, mas não o bastante para sacrificarem sua existência confortável. Na realidade, muitos nem se entristecem quando um amigo entra para a igreja dos mórmons, ou um parente começa a participar dos cultos das testemunhas de Jeová.

“Deve haver algo de bom na doutrina deles”, justificam, “pois ela os está ajudando a resolver seus problemas.”

A realidade, porém, é que o mundo vive em guerra espiritual. Não há nada de “bom” em dedicar a vida a uma doutrina falsa, mesmo que ela traga benefícios a curto prazo.

Uma mentira é sempre uma mentira, e embora uma cobertura de chocolate possa torná-la mais fácil de engolir, não a transformará em verdade. Quando deparamos com um desafio no

âmbito espiritual, precisamos antes de mais nada decidir em quem iremos crer - em Deus ou em outra coisa. E certo que no confronto devemos ser cordiais e falar a verdade em amor, mas tomando uma posição firme em defesa da verdade. Como disse Elias, precisamos decidir de uma vez por todas a quem iremos servir.

2. POSIÇÃO

O segundo ponto abordado por Elias destaca o problema de Israel: “Só eu fiquei dos profetas do Senhor...” (18.22.) Mais tarde descobrimos que a situação não era exatamente essa. Mas naquele momento ele não sabia disso e estava disposto a tomar posição em favor de Deus, mesmo diante de uma multidão hostil. Como as coisas são diferentes hoje em dia! É tão fácil ser crente em nossa sociedade que, muitas vezes, questiono o que aconteceria se fôssemos perseguidos. A maioria de nós nunca teve de enfrentar a hostilidade que os crentes de outros países encontram no seu dia-a-dia. Creio que estamos enfraquecidos por causa disso.

Quantas vezes, por exemplo, nós “abrandamos” a verdade da mensagem de Cristo para não “ofender” a ninguém? Elias não agiu assim. Embora encarasse uma multidão de fanáticos seguidos de uma torcida de bajuladores covardes, o profeta anunciou sem hesitação:

“Eu represento o único Deus!”

A seguir, estabeleceu as regras do jogo: “Então, invocai o nome de vosso deus, e eu invocarei o nome do Senhor; e há de ser que o deus que responder por fogo esse é que é Deus.” (18.24.) Foi uma idéia genial. Baal, a principal divindade do panteão cananeu, era considerado o deus dos céus. Sempre que seus sacerdotes viam relâmpagos ou ouviam trovões, exclamavam:

“Isso é Baal, o deus do trovão.”

Ele era o deus do fogo. Por isso, se há uma coisa que o deus do fogo deveria saber fazer era acender uma fogueira, certo? Elias estava forçando-os a fazer uma prova com seu deus.

O povo gostou da idéia. A proposta parecia razoável. Na verdade, a situação estava decididamente a favor deles, já que Baal era “deus do fogo”.

3. FÉ

Depois de estabelecer as regras, Elias falou mais ou menos assim:

“Façam vocês primeiro. Escolham um dos novilhos, e preparem-no... Clamem a seu deus, mas não acendam o fogo.” (18.25.)

Eles assim fizeram, e durante toda a manhã, dançaram ao redor do altar e clamaram monotonamente: ‘Ah! Baal, responde-nos!” Mas, como o texto indica, “não havia uma voz que respondesse” (18.26).

A Bíblia ensina que falsos deuses “têm boca e não falam; têm olhos e não vêem; têm ouvidos e não ouvem; têm nariz e não cheiram. Suas mãos não apalpam; seus pés não andam; som nenhum lhes sai da garganta” (Sl 115.5-7). Naquela manhã, o silêncio era cortante no monte Carmelo. Quero dizer, apesar do pandemônio que fizeram os sacerdotes de Baal pulando, dançando e gritando, os céus não respondiam. Aparentemente, Baal, deus do trovão, perdera a voz.

No período de maior calor do dia, ou seja, presumivelmente o momento em que o deus deles estaria no seu zêni- te, Elias instiga-os: “Ao meio-dia, Elias zombava deles, dizendo: Clamai em altas vozes, porque ele é deus; pode ser que esteja meditando, ou atendendo a necessidades, ou de viagem, ou a dormir e despertará.” (1 Rs 18.27.) Parece que o profeta tinha um senso de humor bem sarcástico e estava aproveitando a oportunidade para os provocar abertamente. Ele ridicularizou Baal. Se este fosse um deus de verdade, certamente que ouviria seu povo. Talvez a pilha

do aparelho auditivo dele esteja fraca. Talvez ele tenha tomado um calmante e caiu no sono! Deve haver uma explicação plausível para o silêncio de Baal. “E eles clamavam em altas vozes e se retalhavam com facas e com lancetas, segundo o seu costume, até derramarem sangue.” (18.28.)

Se sinceridade salvasse, esse povo certamente se salvaria. Eram as pessoas mais sinceras do mundo. Mas, apesar de sinceras, estavam erradas. Depositaram sua fé no deus errado. E a fé depende daquilo em que ela é depositada. Irmão, nas horas de confronto, em que você deposita sua fé? Elias tinha fé em Deus, uma fé inabalável, que permitiu que ele enfrentasse com audácia as mentiras da idolatria.

Você pode contar com aquilo em que deposita sua fé? Permita-me exemplificar. Suponhamos que um homem esteja esperando um avião que se acha bastante atrasado. Enquanto o aguarda, profundamente irritado, um estranho se aproxima.

- Olá, amigo! diz o desconhecido. Parece que você está com muita pressa. Tenho um avião particular e estarei partindo dentro de alguns minutos. Gostaria de pegar uma carona?

Então, o homem pensa consigo mesmo: “Por que não?” Resolvido, segue o indivíduo até o hangar onde vê um aviãozinho caindo aos pedaços, todo emendado com arame farpado e fita isolante. A impressão que tem é que o aparelho enfrentou as duas guerras mundiais! Uma das turbinas está danificada, e falta parte da hélice.

- Um momento! diz o passageiro, analisando a situação, essa coisa funciona?!

- Não tenho muita certeza, responde ele, tranqüilo. Para dizer a verdade, nunca voei com ele antes. Mas tenho muita vontade de pilotar aviões! Por isso, não vamos perder tempo! Reconheço que ele está ligeiramente danificado, mas... acho que vai dar tudo certo. Entre e aperte o cinto!

Você entraria nesse avião? Garanto que não! Embarcar numa aeronave dessas não seria uma questão de fé; seria uma questão de loucura. Por quê? Porque o objeto no qual o piloto deseja depositar sua fé não é merecedor dela. Não importa até onde vai o entusiasmo dele, nem até onde chega sua sinceridade - o fato é que o avião dele já virou sucata.

O mesmo princípio aplica-se aos crentes que enfrentam duelos espirituais. Nessas situações, a sinceridade não vale nada, nem a sua nem a de seu oponente. O que importa é a verdade daquilo em que cremos. E nós cremos no único Deus verdadeiro. Essa é a fundação sólida na qual baseamos nossa fé. Não importa o quanto nossos amigos são sinceros com relação à sua crença em filosofias humanas. A nossa âncora é a verdade imutável e eterna de Deus.

4. TRANSPARÊNCIA

Depois da fragorosa derrota dos sacerdotes de Baal na tentativa de fazer com que seu deus agisse, chegou a vez de Elias de revelar o verdadeiro Deus. “Então, Elias disse a todo o povo: Chegai-vos a mim...” (18.30.) Essa ordem pode parecer simples, mas revela um princípio-chave na confrontação - faça tudo às claras, sem nada esconder.

Um elemento comum às diversas seitas é que todas possuem sinais secretos, palavras secretas, cultos secretos, e assim por diante. Muitas organizam um tipo de hierarquia onde apenas um pequeno grupo de privilegiados tem acesso às “verdades mais profundas”. No cristianismo, porém, temos a ordem de fazer tudo abertamente. As Escrituras não ensinam nenhuma prática secreta. Na igreja de Cristo, não aprendemos códigos secretos, nem somos forçados a guardar segredo daquilo que cultuamos. E se desejarmos aprender as profundas verdades da fé, a única coisa a fazer é ler a Bíblia. Se desejarmos ter maior intimidade com Deus, basta orar e jejuar. Não existem “segredos” na vida de

Cristo. Essa é uma das características singulares do cristianismo. Na verdade, ele não é uma religião, é um relacionamento com Deus.

Fico feliz de o autor do livro de 1 Reis mencionar o fato de que Elias conclamou o povo a aproximar-se dele.

“Aproximem-se”, parece dizer. “Vocês não vão querer perder uma oportunidade como esta.”

O profeta desejava que todos vissem o que estava para acontecer. Ninguém deveria ir embora imaginando:

“Será que foi um truque?”

Elias queria tudo bem claro, para que Deus recebesse toda glória.

Jesus disse algo semelhante quando os soldados acercaram-se dele para prendê-lo. Ele perguntou: “Saístes com espadas e porretes para prender-me, como a um salteador? Todos os dias eu estava convosco no templo, ensinando, e não me prendestes...” (Mc 14.48,49) Ou seja, Jesus havia exercido seu ministério em público, de modo que todos pudessem julgá-lo. Em contraste, os sacerdotes e saduceus o prenderam em segredo, temendo o que o povo poderia dizer.

Deus deseja que nossa vida seja bem transparente de maneira que todos saibam quem somos e no que cremos. Entretanto há países onde os crentes precisam reunir-se em segredo. Mas como isto geralmente não acontece na América, sempre que tivermos oportunidade de testemunhar, não podemos nos esconder. Não ajamos como se receássemos que alguém soubesse que somos crentes. Entremos na batalha com coragem e ousadia, para que mais tarde ninguém nos acuse de desonestidade.

5. OUSADIA

Após agrupar a multidão a seu redor, Elias pôs-se a dar ordens. Primeiro, pediu a um representante de cada uma das tribos de Israel para ajudá-lo a construir um altar para Deus. Em seguida,

arranjou a lenha, imolou o novilho para o sacrifício e deitou-o no altar. O sacrifício estava preparado - ou quase.

“Enchei de água quatro cântaros e derramai-a sobre o holocausto e sobre a lenha” (18.34) ordenou o profeta. Dá para imaginar a situação? Para começar, a nação havia passado três anos de seca, por isso, não era fácil encontrar água. A fonte mais provável seria o mar Mediterrâneo. Então as pessoas tiveram de descer o monte, encher as vasilhas de água do mar, subir novamente o monte e despejar a água sobre o altar.

“Fazei-o segunda vez”, disse Elias assim que acabaram de cumprir a tarefa (18.34). Mais uma vez desceram o monte. Passado algum tempo, voltaram quase sem fôlego e despejaram a água sobre o altar.

“Fazei-o terceira vez”, ordenou de novo o profeta (18.34). A partir de então o povo começou a perceber o que Elias estava tentando provar. Ele não estava apenas querendo irritá- los, fazendo-os carregar cântaros e mais cântaros de água salgada no calor do meio-dia, até que ficassem exaustos e sedentos. Aquelas ordens tinham um lado prático. Queria que o altar ficasse encharcado para que não ardesse nele nenhum fogo de origem humana. Não poderia haver a menor possibilidade de um truque. Somente um milagre faria o altar ser consumido pelas chamas - um milagre do verdadeiro Deus do fogo!

Temos de reconhecer a ousadia de Elias. Ele confiou em Deus para operar um milagre e tanto. Quantas vezes fazemos o mesmo? Conheço pais, por exemplo, que oram com seus filhos apenas sobre questões menores.

“Dá-nos uma viagem tranqüila, cure a gripe do Juninho, dá-nos um sono sossegado.”

Mas hesitamos em orar para recebermos algo maior. Por favor, não me entenda mal. Não estou dizendo que não devemos orar sobre as ocorrências do dia-a-dia. Pelo contrário, a Bíblia diz que devemos colocar tudo diante do Senhor. O que poderá fortalecer

mais a fé de nossos filhos: orar apenas por acontecimentos corriqueiros, ou para que Deus opere algo claramente milagroso?

Infelizmente, creio que alguns pais hesitam em orar com ousadia na companhia dos filhos. Nós, os pais, receamos o que possa acontecer com a fé deles, se Deus não lhes atender às orações. Não sei o que será de sua fé, mas sei o que acontecerá se possuírem uma visão demasiadamente estreita de Deus. Quero dizer, se não tivermos fé suficiente para confiar a Deus aquilo que é genuinamente difícil e impossível, qual a vantagem de lhe entregarmos nossa vida? Para que adorar a Deus se estamos incertos quanto ao seu poder e não confiamos na intervenção dele em nosso viver?

Certa vez li a história de um estudante que cursava seu primeiro ano universitário e ouviu o professor lançar um desafio às suas convicções espirituais. No primeiro dia letivo, o professor disse:

- Alguns de vocês têm idéias ultrapassadas sobre Deus e o sobrenatural. Gostaria de provar que estão errados e ajudá- los a entender melhor as leis da vida. De acordo com a Física, se eu soltar este pedaço de giz, ele se quebrará ao atingir o chão. Nenhum de vocês, que oram a essa entidade chamada Deus, pode fazer qualquer coisa para mudar esta lei da natureza.

Assim dizendo, abriu a mão e o giz caiu, quebrando-se em centenas de minúsculos fragmentos.

- Estão convencidos agora?

Bem, durante todo o primeiro semestre, o professor continuou desafiando os alunos com aquele giz. Finalmente, no último dia de aula, perguntou-lhes:

- Estão todos convencidos? Ou há alguém que continua fiel à noção antiquada de que existe um Deus que é maior que a ciência?

O jovem ergueu a mão.

- Eu continuo, declarou com ousadia.

Durante o semestre inteiro, enquanto aprendia os princípios da Física, preparara-se também para este dia. Sabia que aquilo ocorreria, e pedira a vários amigos crentes que orassem por ele e pelo que estava planejando fazer.

- Bem, respondeu o professor, como que achando graça, acredita que sua oração vai impedir que meu giz caia e se espatife no chão?

- Para Deus isso é muito simples, respondeu o aluno, pondo-se a orar... em voz alta! “Senhor, revela-te a estas pessoas. Peço-te que o giz não se quebre ao cair no chão.”

Como se pode presumir, o professor não esperava por essa. Perdeu o senso de humor e dirigiu-se irritado ao aluno, insistindo que parasse com aquele *show.* Nisso, agitado ergueu os braços, e o giz, que ele segurava com firmeza, escapou-se-lhe dos dedos, voou pelo ar e caiu na dobra da barra de sua calça, rolando a seguir pelo sapato e daí para o chão, onde se deteve - intacto! A turma toda caiu na gargalhada e aplaudiu, entusiasmada. O professor, inegavelmente desconcertado, balbuciava atrapalhado que “aquilo não significava nada”. Mas o aluno simplesmente sorriu. Deus atendera à sua oração publicamente, e todos presenciaram isso.

Não é admirável a ousadia demonstrada pelo estudante? Contudo mais uma vez gostaria de ter certeza de que não me entenderam mal. Não estou sugerindo que devemos colocar o Deus todo-poderoso dentro de uma caixinha e ordenar que execute aquilo que desejamos. Deus não é nenhum gênio da lâmpada. A oração ousada do rapaz teve origem numa vida pessoal de relacionamento íntimo com o Senhor e de obediência a ele.

Meu irmão, você está cansado de orações repetitivas? Se estiver, pergunte-se se crê no Deus que ressuscita mortos, cura enfermos e cria vida a partir do nada. Porque esse é o Deus que deseja agir milagrosamente através de você, no momento do

confronto. Esse é o Deus de Elias, e foi sua fé nesse Deus que lhe deu ousadia. E a ousadia de Elias era tanta, que ele até colocou “obstáculos” no caminho do milagre, apenas para tornar o evento ainda mais inesquecível!

6. ORAÇÃO

Já percebemos o quanto Elias orava. Agora, no momento em que o duelo com Baal chegava ao ponto máximo, o grande líder ora mais uma vez: “Ó Senhor, Deus de Abraão, de Isaque e de Israel, fique, hoje, sabido que tu és Deus em Israel, e que eu sou teu servo e que, segundo a tua palavra, fiz todas estas cousas. Responde-me, Senhor, responde-me, para que este povo saiba que tu, Senhor, és Deus e que a ti fizeste retroceder o coração deles.” (18.36,37.)

Observemos bem o conteúdo da oração do profeta. Ele pediu que o povo ficasse convencido de que Deus é Jeová, e reconhecesse que Elias era simplesmente seu representante.

Foi uma oração simples, direta e concisa - o oposto das orações elaboradas dos falsos profetas que duraram mais de seis horas.

O exemplo de Elias mostra que, quando estamos em meio a uma batalha espiritual, precisamos manter-nos em comunicação constante com Deus. Paulo ensina o mesmo quando fala de nossa armadura espiritual em Efésios 6. Diz ele: “... com toda oração e súplica, orando em todo tempo no Espírito...” (V 18.) Paulo sabia da importância de dependermos totalmente do Senhor na hora da batalha.

Qual foi o resultado da oração de Elias? “Então, caiu fogo do Senhor, e consumiu o holocausto, e a lenha, e as pedras, e a terra, e ainda lambeu a água que estava no rego.” (1 Rs 18.38.) Incrível! Foi isso que o povo pensou quando viu a demonstração do poder do único Deus verdadeiro. Estavam todos estarrecidos. Caíram com o rosto em terra e disseram: “O Senhor é Deus! O Senhor é Deus!” (18.39)

Que mudança radical! Pela manhã, adorava-se a Baal. Ao cair do dia, todo o povo voltara a adorar o verdadeiro Deus, graças à oração de um servo fiel.

7. VITÓRIA

Agora só faltava fazer a limpeza final. O holocausto fora consumido, assim como o altar! O único "lixo" que sobrara eram os falsos profetas. Elias deu instruções quanto ao que se deveria fazer com eles. "Lançai mão dos profetas de Baal, que nem um deles escape. Lançaram mão deles; e Elias os fez descer ao ribeiro de Quisom e ali os matou." (18.40.)

Parece muito drástico? Não, se observarmos a Lei. A penalidade estipulada por Deus para falsos profetas era a morte (Dt 13.1-5). Deus sabia que quando havia um poder maligno no meio do seu povo, ele teria que ser completamente estirpado para garantir uma vitória duradoura. Por isso, Elias estava agindo como um cirurgião espiritual sabendo que se não pagassem esse preço a nação não seria curada. Muitas vezes acho que hoje em dia criticamos as leis do Velho Testamento sem levar em consideração os efeitos trágicos de um pecado que não recebe um castigo severo.

Por outro lado, devemos agradecer a Deus por vivermos debaixo da graça. Ele continua condenando o pecado, mas a condenação derradeira do pecado teve lugar na cruz, onde Jesus pagou o preço. Ele recebeu sobre si nossos pecados. Recebeu o castigo, a morte. Por isso, hoje até mesmo os falsos profetas podem receber perdão e redenção, desde que se arrependam de seus pecados e renunciem à sua descrença e rebeldia.

Ao analisarmos os detalhes desse maravilhoso relato da Palavra de Deus, gostaria de apresentar três princípios que respondem à pergunta: Que tipo de pessoa Deus escolhe e usa?

O primeiro princípio é: *Deus usa aquele que está convencido de que o resultado da equação Deus + um é a maioria.* A matemática

divina é completamente diferente da humana. Nós ficamos deslumbrados com números, mas Deus não é assim. Oitocentos e cinqüenta contra um? Não tem problema! No cálculo divino, são oitocentos e cinqüenta contra *um* + *Deus.* O fator decisivo não é o número “um”, mas o Deus que o capacita.

Gosto muito de estudar os evangelhos e ver como Deus formou a igreja. Ele poderia ter usado métodos diversos, mas escolheu um que seria o padrão para nós. A atenção de Jesus não se voltava para as multidões que o seguiam, em sua maioria por motivos superficiais, mas sim para o pequeno grupo daqueles em cuja vida ele imprimida seu próprio caráter. Quando chegamos ao livro de Atos, vemos que esse grupo transformou o mundo (17.6). De fato, a igreja primitiva, que era formada por um pequeno número de crentes, obteve mais sucesso na tarefa de ganhar almas para Cristo do que nós, com todo o nosso avanço tecnológico e nossos recursos financeiros.

No mundo espiritual, a pergunta nunca é “quantos”, mas sim “que tipo”. Não é “o que podemos fazer?”, mas “o que Deus pode fazer?” Não nos deixemos intimidar pelo tamanho do inimigo, confiemos no poder do nosso Deus.

O segundo princípio é: *Deus usa aquele que enxerga as oportunidades e não os problemas.* Elias poderia ter dado de ombros e exclamado:

“Tem muita gente contra mim! O que é que posso fazer?”

Em vez disso, permitiu que Deus agisse.

Em Números 13, lemos que os filhos de Israel, enveredando-se pelo deserto, tomaram uma decisão crucial em Cades, que iria determinar seu destino. Deus ordenara que fossem para a terra prometida e a tomassem. Entretanto, decidiram formar um grupo de espiões, que foram e retornaram com dois relatórios. Um relatório da minoria e um da maioria. Calebe representava a minoria: “Eia! Subamos e possuamos a terra, porque, certamente, prevaleceremos contra ela.” (Nm 13.30.) Ele acreditava que o povo

poderia tomar a terra porque *Deus era poderoso.* Mas a maioria discordava: “Não poderemos subir contra aquele povo, porque é mais forte do que nós. E, diante dos filhos de Israel, infamaram a terra que haviam espiado, dizendo: A terra pelo meio da qual passamos a espiar é terra que devora os seus moradores; e todo o povo que vimos nela são homens de grande estatura.” (13.31,32.)

Hoje, qualquer aluno de escola dominical conhece o nome de Calebe e Josué, mas será que alguém sabe o dos dez homens que constituíam a maioria? O nome deles está registrado no começo do capítulo 13. Mas quem se interessa por eles? Eles foram o grupo que enxergou os problemas, que espiou a terra e viu obstáculos por toda parte. Josué e Calebe também viram os gigantes. Mas enxergaram a oportunidade de vitória, porque o grande Deus do universo lhes havia ordenado que subissem e se apossassem da terra. Deus usou Josué e Calebe. Os outros dez caíram no esquecimento.

Finalmente, *Deus usa aquele que se concentra mais em sua disponibilidade do que em sua própria habilidade.* Talvez alguém sinta que não tem muito valor pois não é talentoso nem tem tanta oportunidade assim. Mas todos podemos fazer tudo aquilo que Deus deseja que façamos. Se nos preocuparmos demais com nossas habilidades, acabaremos ficando muito orgulhosos e Deus impossibilitado de usar-nos. Se nos preocupamos com nossa incapacidade, tornamo-nos pessimistas e assim Deus não poderá usar- nos. Paulo diz em 1 Coríntios 4.2 que “o que se requer dos despenseiros é que cada um deles seja encontrado fiel”. A passagem refere-se a nós. Não temos que provar que somos inteligentes, talentosos ou ágeis. A única coisa que temos a fazer é ser fiéis.

Quanto mais estudo a vida de Elias, mais percebo que o que Tiago disse a respeito dele era verdade: “Era homem semelhante

a nós...” (Tg 5.17.) Um homem comum que viveu uma vida extraordinária. Foi por isso que Elias se destacou.

Lembro-me de certa ocasião em que, ao reparar num de meus alunos, pensei: “Senhor, o que é que vais poder realizar através desse rapaz? Como é que ele vai conseguir vencer no ministério? Ele não tem nada a seu favor!” Ao formar-se, ele aceitou o pastorado de uma pequena igreja do Canadá, que estava quase morrendo. Dezenove pastores haviam passado por ela e nenhum deles permanecera no cargo. A vida espiritual da congregação estava no pó. Quando fiquei sabendo que ele iria para lá, pensei comigo mesmo: “Ele é bobo demais e nem percebe onde está se enfiando.”

Bem, adivinha quem era o bobo? Durante anos ouvi falar do ministério desse rapaz. Havia tomado aquela igreja, reacendendo-lhe o fogo espiritual para o Senhor. A congregação crescia na fé. Em todos os cultos havia conversões. A diretoria da igreja dera início a um plano de construção - era a primeira que pensavam em construir após cento e vinte e três anos de existência.

Ao mesmo tempo, havia um outro aluno que se formou no seminário. Tinha tudo que um pastor poderia desejar: carisma, calor humano e uma incrível habilidade de comunicação eficaz. Eu tinha certeza de que ele teria um futuro brilhante. Pouco depois de formar-se, a igreja que pastoreava dividiu-se e ele deixou a esposa para viver com outra mulher. Hoje está completamente fora do pastorado (felizmente!).

A lição que podemos aprender através desses dois jovens é que o talento é inútil se não houver a disposição para usá- lo. Deus talvez prefira uma ferramenta afiada a uma cega, sem gume, mas certamente lançará mão desta se não puder contar com aquela. Elias foi simplesmente um homem que se prontificou a trabalhar para Deus. Quando o confronto finalmente ocorreu, estava disposto a tomar posição e usar seus dons da melhor forma

possível para consecução dos objetivos divinos. Será que Deus poderia usar-nos em situação semelhante nos dias de hoje?

Capítulo Quatro

Comunicação

Se alguém nos sugerisse que escolhêssemos um exemplo de homem de oração para imitarmos, é pouco provável que escolhêssemos Elias. E argumentaríamos:

"Elias era um grande profeta, e eu não. Ele operava milhares. Eu nunca operei nenhum."

Temos a tendência de colocar Elias num pedestal e, com isso, a vida dele nos parece distante, inatingível.

Mas não é assim que Tiago fala dele. Lembremos o que ele diz: "Elias era homem semelhante a nós..." (Tg 5.17.) Para melhor entender a profundidade desse comentário, permita- me esclarecer duas coisas a respeito de Tiago. Em primeiro lugar, essa epístola ensina mais sobre a doutrina da oração que qualquer outro livro do Novo Testamento. Ela está repleta de instruções sobre oração. Em segundo lugar, dizem que o apelido de Tiago era "joelhos de camelo", pois seus joelhos eram calejados de tanto orar. Isso é admirável. E quando o Espírito Santo deseja ensinar-nos lições sobre a oração, escolhe alguém que as aplica na prática, e não um mero teórico. A doutrina é dinâmica. A verdade não tem como objetivo satisfazer nossa curiosidade, mas sim orientar nossa experiência.

O que, então, motivava "joelhos de camelo"? Por que ele orava tanto? Quem era seu modelo? Em sua carta, Tiago menciona Elias, homem semelhante a nós. A Bíblia não diz:

"Elias, um profeta incomparável que orava muito";

"Elias, um grande operador de milagres que orava muito."

Diz que Elias era *como nós.* Farinha do mesmo saco. Tinha problemas e conflitos, dúvidas e decepções, medos e frustrações. Mas orava. Foi isso que o distinguiu dos demais. É por essa razão que Tiago o escolheu como seu modelo de oração. A Bíblia está

querendo mostrar que se Elias enfrentou os mesmos problemas de caráter que temos em nossas paixões carnais, podemos ser exatamente como ele no que tange à oração.

Ao examinarmos cuidadosamente 1 Reis 18, notamos que o profeta Elias mantinha sempre abertos os canais de comunicação com Deus. Certamente essa não é a primeira vez que lemos sobre sua prática de oração. Lemos anteriormente que Elias orou para que não chovesse (1 Rs 17.1; Tg 5.17). Ele orou também antes de ir encontrar-se com o rei Acabe (1 Rs 18.16). E no monte Carmelo, foi sua oração que fez o fogo descer (18.36,37). A oração seguinte é para que chova.

Lembremos que Deus já havia prometido que choveria: “Muito tempo depois, veio a palavra do Senhor a Elias, no terceiro ano, dizendo: Vai, apresenta-te a Acabe, porque darei chuva sobre a terra.” (18.1.) Se Deus já havia prometido chuva, por que Elias deveria orar pedindo isso? Porque a oração é o braço da fé, que transforma uma promessa em realidade. Deus não ordena simplesmente o fato final, mas determina também o processo que trará o fim desejado. Orar não é uma questão de nos aproximarmos de um Deus relutante, tentando convencê-lo a conceder-nos algo que ele não deseja dar. É buscar a Deus com a convicção de que dependemos dele. É admitir que nossa dependência dele não é apenas parcial, mas total.

Pouco depois que me converti, alguém escreveu numa das folhas avulsas da minha Bíblia a seguinte frase:

“Quando tento, fracasso; quando confio, Deus age.”

Há uma teologia profunda nessa linha. A vida cristã não é uma seqüência de tentativas e fracassos, mas de confiança naquele que tudo pode. É o reconhecimento de que viver em santidade absoluta não apenas é difícil; é impossível, pois requer uma intervenção sobrenatural.

O FERVOR DA ORAÇÃO

As orações de Elias possuíam três características que, creio, o Espírito Santo pode usar para enriquecer nossa experiência. Para começar, notemos a sinceridade da oração do profeta.

No final de 1 Reis 18, lemos: “Então, disse Elias a Acabe: Sobe, come e bebe, porque já se ouve o ruído de abundante chuva.” (V 41.) Pelos versos subseqüentes, ficamos sabendo que não havia sequer uma nuvem no céu. Como então, o profeta poderia ter ouvido o som de abundante chuva? A explicação se deve ao fato de que Elias estava em comunhão constante e íntima com Deus. O Senhor havia prometido chuva, portanto Elias sabia que a chuva estava para chegar. Embora não visse nuvens no céu, ouvia o ruído dos trovões com os ouvidos da fé.

Alguma vez você já confiou assim cegamente nas promessas de Deus? Teve convicção absoluta de que Deus agiria de acordo com o que prometera, independentemente das circunstâncias? Era assim a fé de Elias.

Entretanto o rei Acabe não possuía esse tipo de fé. Considero essa atitude dele inacreditável, sobretudo depois do que ele testemunhara no monte. Ao invés de prostrar-se e clamar o perdão de Deus, Acabe saiu para jantar. Elias, porém, “subiu ao cume do Carmelo, e, encurvado para a terra, meteu o rosto entre os joelhos” (18.42). O trecho menciona sua postura, não para ensinar-nos um modelo de oração, mas para mostrar, pela sua postura, a sua humildade diante de Deus.

Como foi que o Senhor Jesus orou no Jardim do Getsê- mani? Ele prostrou-se sobre seu rosto e orou: “Meu Pai, se possível, passe de mim este cálice...” (Mt 26.39.) Sua postura física refletia a atitude de seu coração.

Tiago diz que Elias “orou com instância”, mas a tradução literal desta frase seria: “Elias orou em sua oração.” Que atitude admirável! Elias se encontrava em sintonia tão perfeita com o Pai que seu coração estava repleto daquilo que desejava falar a ele.

Ele conversava com Deus como se o Senhor estivesse fisicamente ali. Assim é o verdadeiro fervor.

O leitor já teve a oportunidade de ouvir a oração de um recém-convertido? É tão inspiradora! Certa vez ganhei para Cristo um jovem que participava dos estudos bíblicos em nossa casa. Ele entregou o coração a Deus numa quinta-feira à noite, e no domingo compareceu ao culto de nossa igreja. O pastor anunciou o culto da noite e ele não sabia que seria apenas uma repetição da palavra da manhã. Por isso, voltou à noite. Durante o culto ficou sabendo dos estudos bíblicos nos lares e da reunião de oração de quarta-feira. Então, na quarta-feira seguinte, foi o primeiro a chegar.

Assentei-me a seu lado na reunião de oração, e pouco antes de começarmos, perguntou-me, tímido:

- Acha que o pessoal se importaria se eu orasse?
- Mas é claro que não, é para isso que estamos aqui.
- É, eu sei, mas tenho um problema. Não sei orar do jeito que vocês oram.
- Isso não é problema, irmão. Agradeça a Deus por isso.

Bem, a reunião começou e eu sentia que ele estava nervoso demais para falar. Finalmente, passei o braço ao redor do seu ombro para incentivá-lo. Nunca me esqueço de sua oração.

“Senhor, aqui é o Jim”, começou. “Sou aquele que te conheceu quinta-feira passada à noite. Perdoa-me, Senhor, porque não sei falar do jeito que o pessoal fala, mas vou orar da melhor maneira possível. Eu te amo, Pai. De verdade. Muito obrigado. Até mais tarde.”

Pois olhe que a prece do rapaz incendiou nossa reunião! Tínhamos a mania de ficar teologizando em nossas orações, sabem como é, explorando o universo da doutrina, orando com a grandiloqüência de quem deseja esbarrar na Via Láctea. Mas aquele jovem orou, e o fez com sinceridade!

Meus filhos já me ensinaram muita coisa de teologia. Certa vez, quando ainda eram bem pequenos, recebemos a visita de um teólogo em nossa casa. Depois do jantar, nos reunimos para nosso costumeiro culto doméstico e o convidamos para participar conosco. Na hora de orarmos, as crianças, no estilo que lhes é comum, agradeceram a Jesus pelo velocípede, pela caixa de areia, pela cerca, etc. Nosso visitante mal podia esperar para ter uma palavrinha comigo.

- Professor Hendricks, começou ele em sua maneira formal, não entendo como o senhor, um professor de teologia de um seminário, permite que seus filhos orem dessa maneira!

- Mas por que não? Você não orou por seu Ford?

(Sabia que ele orava. Ele tinha de orar por seu carro, pois ele só funcionava pela fé!)

- Claro que sim! respondeu, mas a situação é completamente diferente.

- Você acha? Quem lhe disse que seu Ford é mais importante para Deus do que o velocípede do meu filho?

Em seguida acrescentei:

- Você viaja bastante. Alguma vez pede a proteção de Deus?

- Irmão Hendricks, nunca vou a lugar algum sem antes pedir que o Senhor me conceda misericórdia e me proteja.

- Bem, é exatamente por causa da proteção que a cerca oferece, que meu filho agradece a Jesus por ela. Aquela cerca impede que os cachorrões dos vizinhos entrem em meu quintal.

Acho que aquele teólogo tem o mesmo problema que muitos de nós. Nossa mente está por demais saturada de conhecimento. Por isso, é muito bom conviver com um novo convertido, ou com uma criança, pois eles conversam com Deus com simplicidade e sinceridade. Deus se agrada do fervor de um coração singelo.

Quando Elias se ajoelhou no topo do monte Carmelo, abriu o coração e orou com fervor por algo de suma importância: água. Precisamos deixar de lado clichês e palavras elaboradas,

procurando nos apresentar diante de Deus com um coração sincero.

A EXPECTATIVA DA ORAÇÃO

A segunda característica da oração de Elias era o senso de expectativa. Três sentenças em três versículos de 1 Reis 18 revelam a seqüência de respostas à mesma oração: “Não há nada” (v. 43); “Eis que se levanta do mar uma nuvem pequena como a palma da mão do homem” (v. 44); “E caiu grande chuva” (v. 45). Do nada, a uma pequena nuvem, à grande chuva - assim foi a resposta progressiva de Deus.

Observemos que Elias orou na expectativa da resposta: “Sobe e olha para a banda do mar. Ele subiu, olhou e disse: Não há nada. Então, lhe disse Elias: Volta. E assim por sete vezes. À sétima vez disse: Eis que se levanta do mar uma nuvem pequena como a palma da mão do homem. Então, disse ele: Sobe e dize a Acabe: Aparelha o teu carro e desce, para que a chuva não te detenha.” (18.43,44.)

Sete vezes! Creio que a maioria de nós teria desistido bem antes da sétima tentativa. Mas pergunto-me:

“E se Elias tivesse parado na sexta?”

Como lemos, pela fé o profeta enviou seu servo a olhar para o céu, porque estava esperando pela chuva. Continuou enviando o moço repetidamente, porque estava esperando a resposta de Deus. Se não esperarmos nada, nunca teremos nada.

Em Atos 12, encontramos um exemplo excelente desse princípio. A história relata que “Pedro, pois, estava guardado no cárcere; mas havia oração incessante a Deus por parte da Igreja a favor dele” (v. 5). Deus atendeu às orações deles e libertou Pedro milagrosamente da prisão. Ao ver-se livre, o apóstolo “resolveu ir à casa de Maria, mãe de João, cogno- minado Marcos, onde muitas pessoas estavam congregadas e oravam” (v. 12). Por que oravam? Oravam pela libertação de Pedro, é claro. “Quando ele

bateu ao postigo do portão, veio uma criada, chamada Rode, ver quem era; reconhecendo a voz de Pedro, tão alegre ficou, que nem o fez entrar, mas voltou correndo para anunciar que Pedro estava junto do portão." (Vv. 13,14.)

Imaginem só! A menina chegou à porta, reconheceu a voz de Pedro, e exclamou, emocionada:

- Puxa! Que milagre! Pedro está aqui!

E seu entusiasmo foi tanto que se esqueceu de fazê-lo entrar. Em vez de abrir a porta, voltou correndo para o lugar onde o grupo orava e anunciou:

- Adivinha quem chegou! É Pedro!

Acha que eles se abraçaram felizes e cantaram aleluias? Não! Disseram-lhe: "Estás louca." (V 15.)

Contudo a menina insistiu:

- Não, tenho certeza que é Pedro!

- Não pode ser. Ele está preso. Você deve estar vendo coisas, responderam com firmeza.

Rode não desanimou e continuou insistindo até que um representante da ala mais teológica do grupo opinou: "É o seu anjo." (V 15.) O problema é que eles não estavam orando pela libertação do anjo de Pedro; oravam por Pedro. Felizmente, a resposta em carne e osso continuou batendo à porta, e pelo que sabemos da personalidade de Pedro, provavelmente já estava batendo com muita força! Afinal, um deles resolveu abrir a porta. Eles "ficaram atônitos" (12.16). Diria que ficaram de queixo caído! Deus atendera à oração deles!

Entretanto, antes de criticarmos esses irmãos, lembremos das vezes em que reagimos da mesma maneira. Suponhamos que alguém nos diga:

- Sabe aquele seu irmão, pelo qual vem orando nos últimos vinte e dois anos?

- O João? É, tenho um peso por ele. É muito rebelde. A família inteira sente-se constrangida com as coisas que faz.

- Pois é, gostaria de dizer a todos que sua oração foi atendida.
- O que disse?
- O Senhor atendeu à sua oração!
- Deixa de brincadeira!
- Não, é verdade mesmo. O João foi à frente na semana passada e entregou a vida a Jesus!
- Tem certeza de que era o João mesmo, o meu irmão?
- Absoluta! Vi com meus próprios olhos.
- Não. Creio que esteja enganado. O João é completamente contra o evangelho...

Nesses momentos, devemos ter fé como Elias. Tomara que haja outros como ele. Sua fé traduziu-se nas seguintes palavras:

- Deus revelou-me que choveria. Pois bem, já estou ouvindo o gotejar. Vá olhar o céu.

Pouco tempo depois veio a resposta:

- Não há sequer uma nuvem no céu.

E o que ele responde?

- Olhe de novo. Já deve estar chegando.

E a chuva cai, finalmente. Não é melhor estar na companhia de pessoas otimistas? É uma bênção conviver com pessoas cuja fé nas promessas de Deus é tão sólida, que elas chegam a pressentir a operação do Senhor!

Havia no meu bairro uma família que possuía esse tipo de fé em Deus. O pai reconheceu que o Senhor desejava que ele o servisse, então, passou seu negócio a outro homem e entrou para o ministério. A situação financeira da família não estava boa, e numa noite, durante o culto doméstico, o mais novo dos quatro filhos disse:

- Papai, acha que Jesus se importaria se eu orasse pedindo uma camisa?
- É claro que não, filho, foi a resposta do pai.

Essa família tinha um método que recomendo a todos os pais. Eles tinham um caderno de oração. De um lado da página

escreviam “Nossos Pedidos” e do outro lado anotavam ‘A Resposta de Deus”. Então, naquela noite, escreveram “Uma camisa para o Tim”. Ao que a mãe acrescentou: “de tamanho médio”.

Não tenha dúvida de que todas as noites o Tim lembrava de orar por sua camisa. E eles oraram por semanas a fio. Até que um dia a mãe recebeu um telefonema do dono de uma loja no centro da cidade, um senhor crente.

- Acabo de encerrar a liquidação de julho. Como sei que tem quatro filhos, gostaria de ajudar. Estaria interessada em algumas camisas para meninos?

- Qual o tamanho?
- Tamanho médio.
- Quantas camisas ainda tem?
- Doze.

O que acha que aconteceu? A mãe do Tim foi correndo até a loja, louvando a Deus no caminho todo. Mas ao voltar para casa, ela não se limitou a guardá-las na gaveta do Tim, para só mencioná-las casualmente, dias depois. Não; ela preparou-lhe uma surpresa. Então, naquela noite, o Tim disse:

- Vamos orar pela minha camisa.

Mas a mãe o interrompeu, dizendo:

- Não precisamos orar mais por ela, Tim. O Senhor já atendeu à sua oração.

- Atendeu? perguntou ele, surpreso.
- E como atendeu!

Como fora combinado, um dos irmãos dele saiu, buscou uma das camisas e depositou-a na mesa em frente ao menino. Seus olhos arregalaram-se de felicidade. A seguir, outro irmão, foi buscar outra camisa e fez o mesmo. Assim prosseguiram até colocarem as doze camisas na frente do Tim, fazendo-o pensar brincalhão que Deus havia entrado para o ramo de fabricação de camisas!

Hoje, Tim é adulto, vive em Dallas e sabe que lá no céu, apesar de toda a sua magnitude, Deus se interessa pessoalmente pelo fato de que um menino precisa de uma camisa nova. Meu irmão, seus filhos possuem o mesmo entendimento? Criando-os no contexto da nossa sociedade atual, ensina-os a confiar em Deus, mostrando-lhes como se ora com a expectativa da resposta, mesmo nas pequenas coisas?

Elias era assim. O Senhor enviou pássaros a alimentá-lo todos os dias (1 Rs 17.4-6). Como resultado, compreendeu a importância do esperar confiantemente a resposta do Senhor.

Não estou querendo dizer que Deus atende a todas as orações dessa maneira. Às vezes temos que escrever “Não” na coluna das respostas. Mas esse tipo de resposta também faz parte de sua comunicação conosco. Ela é tão válida quanto uma resposta positiva. Eu e minha esposa oramos pedindo a Deus mais dois filhos. Em duas ocasiões tivemos a impressão de que Deus havia respondido à nossa oração, mas minha esposa perdeu os dois nenéns. Lembro-me de quando voltamos do hospital e fomos recebidos por nossos quatro filhos, que me perguntavam:

“É menino ou menina?”

E ambas as vezes tive de explicar-lhes que a resposta de Deus havia sido outra. Aprendemos mais através de uma experiência assim do que de uma dúzia de sermões sobre o assunto. Essas lições se acham num nível em que a criança compreende. O problema é que muitas vezes nós, adultos, não entendemos.

Confiar em Deus pode levar-nos a receber um “Sim” ou um “Não” como resposta, mas nossa atitude deve ser de expectativa e espera. Algumas das respostas das orações de nossa família demoraram muito para chegar. Uma delas foi a da salvação do meu pai, um militar reformado. Pouco depois que ele se aposentou, veio a Dallas nos visitar e meus filhos estavam muito empolgados com a chegada do avô.

- O vovô está chegando! Tomara que ele esteja de farda!

Quando meu pai desceu a rampa do avião, de farda e com todas as medalhas a que tinha direito, nosso filho mais novo saiu correndo ao seu encontro. Naquela época, as pessoas ainda desciam do avião na própria pista do aeroporto. Assim que meu filho chegou ao avô, jogou-se sobre ele num abraço apertado. Ao aproximar-me dos dois, ouvi meu filho perguntar:

- Vovô, você já tem Jesus no seu coração?

Meu pai ficou um pouco desconcertado, porque não esperava uma pergunta daquelas. Finalmente, respondeu:

- Não, meu filho, acho que não.
- Pode ficar sossegado. Não vai demorar muito para que isso aconteça, replicou, porque nós estamos orando por você!

Aquele "não vai demorar muito" levou muitos anos. Na realidade, meu pai entregou a vida a Cristo somente quatro meses antes de morrer, em 1974. Eu havia orado por ele durante quarenta e dois anos!

Talvez você esteja orando por alguém ou alguma coisa há muito tempo. Talvez esteja pedindo a salvação de um ente querido, ou uma mudança no governo, ou o sucesso no ministério. Gostaria de animá-lo, com base na autoridade da Palavra de Deus, a voltar ao topo do monte e ali procurar confiante a resposta. O Salvador disse: "Pedi, e dar-se-vos-á; buscai, e achareis; batei, e abrir-se-vos-á." (Mt 7.7.) Peça, busque e bata, na expectativa da resposta. Deus continua respondendo a orações.

O EFEITO DA ORAÇÃO

Observemos a terceira característica da oração de Elias - o efeito das suas petições. Retornando ao topo do monte Carmelo, "os céus se enegreceram, com nuvens e vento, e caiu grande chuva" (1 Rs 18.45). Essa passagem descreve o duplo efeito da oração. Primeiro, houve um efeito na terra. A chuva que caiu não foi apenas um chuvisco. Não foi uma chuva passageira, suficiente

apenas para molhar a terra. Foi uma chuva intensa, pesada, que saciou a terra e acabou com a seca.

Hoje em dia a sociedade em que vivemos é espiritualmente árida. São muitas as pessoas que têm a sensação de viverem em meio a um deserto espiritual. Creio que Deus está procurando aqueles que estejam dispostos a orar para que as chuvas abundantes de sua graça saciem a sede espiritual do nosso povo.

O segundo e grande efeito da oração de Elias deu-se no próprio profeta. *"A* mão do Senhor veio sobre Elias, o qual cingiu os lombos e correu adiante de Acabe, até à entrada de Jezreel." (18.46.) Assim como a terra foi alimentada pela chuva, Elias emergiu da experiência com um dinamismo novo. O poder de Deus desceu sobre ele. Não há maior testemunho que esse. Elias o recebeu porque sabia buscar a Deus e chegar a ele.

Vale a pena ter sempre este princípio em mente: orar com poder implica receber muitas bênçãos. A oração de Elias era poderosa, não porque fosse eloqüente, demorada ou altis- sonante, mas porque era fervorosa e repleta de expectativas, e porque se dirigia ao Deus vivo. Contudo é meio arriscado orar dessa forma. Elias aprendeu isso também. Ele orou para que não chovesse e, em resposta à sua oração, até o regato de que dependia secou-se. A seguir orou para que chovesse e, em resposta, vieram as enchentes. A oração de poder traz bênçãos em abundância. Quando menino, tive o privilégio de estudar com o Dr. L. L. Legters, um grande conhecedor da Palavra. Certa vez, ele contou-nos uma experiência pela qual passou quando pastoreava uma igreja. Estava andando pela rua com cinqüenta dólares no bolso quando um missionário que se achava de férias veio-lhe ao encontro.

- Dr. Legters! exclamou feliz o missionário, foi Deus quem o trouxe até aqui. Teremos uma reunião de oração de emergência em nossa igreja. Seria uma bênção vir orar conosco.

- Bem, respondeu o Dr. Legters em sua maneira seca, não posso orar sem conhecimento, devo orar inteligentemente. Qual é o problema?

- Estamos passando por um problema financeiro. Precisamos de cinqüenta dólares.

Os dois caminharam juntos até a igreja, onde se reuniram com o restante do grupo para orar. Mas, ao final do período de oração, um deles comentou:

- Sinto que não nos tenhamos expressado apropriadamente perante o Senhor.

- Então continuemos orando, um outro sugeriu.

Assim, cada um deles orou mais uma vez. E mais outra.
Foi então que o Dr. Legters sentiu Deus lhe dizendo:

“Legters, e esses cinqüenta dólares que estão no seu bolso?”

Como nunca fora de fazer ninguém esperar, Legters interrompeu uma senhora bem no meio de sua oração e exclamou:

- Com licença! disse ele, enfiando a mão no bolso. Deus acaba de atender a sua oração.

Dito isso, colocou o dinheiro na mesa.

A despeito de haver passado muitos anos, ainda me lembro bem dessa história, e do que o Dr. Legters disse assim que terminou:

- Senhoras e senhores, orar é coisa séria!

E continua sendo. Quem não quer se envolver não deve orar. Se não estivermos dispostos a ser usados por Deus, não devemos orar pois em sua resposta ele pode forçar-nos a agir.

Tiago nos admoesta: “Cobiçais e nada tendes; matais, e invejais, e nada podeis obter; viveis a lutar e a fazer guerras. Nada tendes, porque não pedis; pedis e não recebeis, porque pedis mal, para esbanjardes em vossos prazeres.” (Tg 4.2,3.) Há anos, venho me perguntando por que o setor de minha vida espiritual em que mais falho é o da oração. Não é mero acaso. É uma questão de hábito.

A cada ano que passa mais impressionado fico com a astúcia de Satanás. Ele procura nos confundir naquilo que é mais sério, crucial; não nas coisas de menor importância. Ele não se importa muito que testemunhemos, desde que não oremos. Sabe que é muito mais eficaz orar a Deus pelas almas perdidas do que falar de Deus com elas. Não importa que leiamos a Bíblia, desde que não oremos. É que sabe que se não tivermos comunhão com aquele que nos deu sua Palavra, esta soará vazia. Conhecer a Palavra sem conhecer o Pai só nos pode trazer uma crise aguda de orgulho espiritual, e Satanás gosta muito disso. Ele nem liga se trabalhamos com afinco pela igreja à qual pertencemos, ou em qualquer outro projeto cristão. Às vezes até facilita as coisas para que assim façamos, desde que isso nos impeça de orar. Dessa forma, estaremos ocupadíssimos, mas não realizaremos nada de valor.

Os evangelhos descrevem apenas cinqüenta e dois dias da vida do Senhor. Em Marcos 1, há a descrição de um dos dias em que ele esteve mais ocupado. Foi um dia de muitos milagres, ensino e cura. Somente aqueles que trabalham em ministérios públicos, como o pastorado, têm idéia do desgaste físico, emocional e espiritual que a interação com as pessoas nos causa.

Mas reparem no que o Senhor fez: “Tendo-se levantado alta madrugada, saiu, foi para um lugar deserto e ali orava.” (Mc 1.35.) Portanto, se até Jesus Cristo, que estava em comunhão ininterrupta com o Pai, precisava orar, o que diremos de nós mesmos? O que você acha que deve fazer? Para Jesus, o comunicar-se com o Deus infinito era tão importante, que era o item número um de sua lista, tanto assim que mesmo após um dia cheio, ele acordou bem antes do nascer do sol para procurar um lugar tranqüilo onde pudesse orar.

Creio que o trabalho de Deus hoje definha-se em muitas áreas, não por falta do poder divino, mas por falta de oração humana. Trabalhamos, planejamos, empenhamo-nos e fazemos tudo que

podemos, mas não oramos. Por isso, como disse Tiago, nada temos, porque não pedimos.

Elias pediu. Permaneceu em comunhão constante com o Senhor, orando com fervor e expectativa. Como sabemos, suas orações foram de grande eficácia. Nós também podemos ver o poder de Deus transformar nosso mundo através da oração. É através dela que recebemos o poder de Deus!

Capítulo Cinco

Compromisso

Meu pai fez carreira no Exército e passou seus últimos anos no Pentágono em Washington, D.C. Certa vez ao visitá-lo, encontrei por acaso um interessante artigo sobre o General Douglas MacArthur, o bravo líder das forças americanas na Ásia durante a Segunda Grande Guerra. O artigo, intitulado “Pré-requisitos Para o Sucesso Militar”, citava quatro princípios que o general considerava de suma importância.

Em primeiro lugar, havia o *moral.* A força de combate deveria estar unida pelo mesmo sentimento, um desejo de vencer e a certeza de que valia a pena morrer pela causa em questão. Em segundo lugar, precisa-se de *força.* O soldado deve estar preparado e bem equipado para realizar seu trabalho. Em terceiro, precisa-se de uma *boa fonte de suprimentos.* As linhas de abastecimento de emergência deveriam estar sempre desimpedidas para garantir que os soldados que se achavam nas linhas de frente recebessem tudo que precisassem para vencer.

Contudo a maior parte do artigo era dedicado ao quarto princípio. Para vencer, um exército precisa, acima de tudo, *conhecer o inimigo.* MacArthur escreveu:

“Quanto melhor se conhece o inimigo, maior a possibilidade de vitória.”

Ele exemplificou esse princípio com a própria evolução da história da humanidade, começando com Josué, no Velho Testamento, e terminando com a campanha dos aliados no norte da África, durante a Segunda Guerra Mundial.

Esse último princípio pode ser aplicado no reino espiritual também. Paulo sabia da importância de se conhecer o inimigo, tanto que disse aos coríntios que não permitissem que Satanás alcançasse vantagem sobre eles, “pois não lhe ignoramos os

desígnios” (2 Co 2.11). Isso é verdade. Não estamos às escuras quanto ao *modus operandi* de nosso inimigo. Nas Escrituras, Deus revela as estratégias de Satanás. Por isso, quanto melhor conhecemos nosso inimigo, maior é nossa chance de vitória espiritual.

Em 1 Reis 19, encontramos um estudo da estratégia de Satanás. O tema desse capítulo poderia ser sumarizado assim: ‘A vitória nos torna vulneráveis.” Há qualquer coisa de inebriante na vitória; em nossa euforia de vencedores, perdemos a noção da realidade e ficamos vulneráveis às flechas devastadoras do diabo. Esse capítulo mostra que a distância entre o topo do monte Carmelo e o fundo do vale do desespero é bem curta. A única coisa que nos livra, a nós os crentes, desses momentos de infortúnio é nosso compromisso com o Senhor.

Admiro o realismo das Escrituras quando relata o desespero de Elias. Ele é a prova concreta de que a Bíblia é divinamente inspirada. Quando Deus pinta o retrato de um homem, pinta-lhe até as verrugas dos dedos. A história é contada da maneira como aconteceu, sem subtrair-se nem acrescentar-se nada. Do ponto de vista literário, seria bem mais vantajoso ter-se concluído a história de Elias logo após a vitória no monte Carmelo (1 Rs 18.16-46). Mas aí teríamos uma fábula e não um relato acurado dos acontecimentos.

A verdade sobre Elias - citando mais uma vez as palavras de Tiago - é que ele era um “homem semelhante a nós” (Tg 5.17). Como tal, Elias corria o risco de falhar. Paulo nos adverte contra essa tendência natural humana: “Aquele, pois, que pensa estar em pé veja que não caia.” (1 Co 10.12.) O apóstolo procura nos alertar para o fato de que é exatamente quando achamos que estamos fortes que somos mais susceptíveis de fraqueza. No momento de maior triunfo é que somos mais vulneráveis.

Nos capítulos 18 e 19 de 1 Reis, encontramos um exemplo desse fato. Os dois constituem um contraste marcante. No

primeiro, temos a vitória no cume do monte; no segundo, o buraco negro do desespero. Por incrível que pareça, a maior vitória de Elias foi imediatamente seguida de sua maior derrota. Aprendamos, através da experiência do profeta, por que as mesmas táticas utilizadas pelo inimigo, para desanimar a Elias, são as que ele aplica para nos atacar hoje.

O PERIGO DE MANTER OS OLHOS NAS CIRCUNSTÂNCIAS

Voltemos ao final do capítulo 18. Completamente derrotado e bastante aborrecido, Acabe sobe na carruagem e desce a montanha a galope, indo até a planície de Jezreel (1 Rs 18.45). O percurso do monte até Jezreel era longo, por isso ele deve ter chegado em casa tarde da noite. Achava que Jezabel já estava dormindo. Entrou no palácio nas pontas dos pés. Talvez tenha até tirado as sandálias para não fazer barulho. Foi então que ouviu a voz da esposa:

- Acabe, é você?
- Sim, sou eu, querida! respondeu mal-humorado.
- Mas que foi que aconteceu? Você está num estado lastimável!
- Olha, Bel, estou muito cansado. Será que não dá pra conversarmos amanhã?
- Gostaria de comer alguma coisa?
- Não, obrigado. Estou sem apetite.
- Pois bem, sente-se aqui, tome este chá quente e conte- me tudo que aconteceu.

Imagino que Acabe até tentou mudar de assunto (“Quem será que vai vencer o campeonato nacional?”) Contudo a esposa insistente continuou firme com as perguntas, tentando arrancar mais detalhes do marido. O resultado foi que Acabe “fez saber a Jezabel tudo quanto Elias havia feito e como matara todos os profetas à espada” (19.1).

O texto relata o que aconteceu em seguida: “Então, Jezabel mandou um mensageiro a Elias a dizer-lhe: Façam-me os deuses

como lhes aprouver se amanhã a estas horas não fizer eu à tua vida como fizeste a cada um deles. Temendo, pois, Elias, levantou-se, e, para salvar sua vida, se foi, e chegou a Berseba, que pertence a Judá; e ali deixou o seu moço." (19.2,3.)

Até aquele ponto, Elias mantivera os olhos firmemente no Senhor. Mas, nesse instante, ele descuidou-se e, como se estivesse olhando do lado errado das lentes do binóculo, sua percepção ficou distorcida. E ele começou a refletir na situação em que se encontrava, atento às circunstâncias em que se metera.

Não raro, muitos servos do Senhor passam por experiências semelhantes. Foi o que aconteceu no dia em que Pedro e os outros discípulos atravessavam o mar da Galiléia. Seguiam tranquilos, quando, de repente, olharam para o mar e viram alguém andando sobre as águas. Levaram um susto enorme! Mas o homem que estava andando sobre as águas era Jesus, e quando ele falou, reconheceram-lhe a voz. Foi então que Pedro, como lhe era característico, disse: "Se és tu, Senhor, manda-me ir ter contigo, por sobre as águas." Ao que o Senhor respondeu: "Vem!" (Mt 14.28,29.)

Essa resposta criou um problema para Pedro. Ele teria que sair do barco em pleno mar, e soltar as mãos da borda. Posso imaginá-lo colocando uma perna de cada vez para fora, hesitando em cada movimento. Enquanto isso, Filipe e André olhavam a cena boquiabertos. Entretanto assim que ele tirou os olhos do Senhor Jesus e se pôs a refletir nas suas circunstâncias, ou seja, no vento e nas ondas, começou a submergir.

"Que é que estou fazendo aqui?" pergunta-se. "Quem sou eu para andar sobre o mar? Sou apenas um simples pescador!"

Foi, ao pensar nessas coisas, que começou a afundar. E então, numa das orações mais ardorosas do Novo Testamento, e certamente uma das mais curtas, ele clamou: "Senhor, salva-me!"

E prontamente Jesus, estendendo-lhe a mão, resgata-o da morte (14.30,31).

Como acha que Pedro voltou para o barco? O Novo Testamento não diz que Jesus o reconduziu; por isso, é lícito supor que ele voltou andando. Tenho certeza de que manteve os olhos em Jesus o tempo todo. No momento em que eu e você tiramos os olhos da fonte de nossa coragem, começamos a naufragar. No momento em que desviamos nossa atenção da única Pessoa que pode nos proteger e sustentar, a situação torna-se escorregadia.

É por isso que admiro Paulo. No livro de Filipenses, o apóstolo diz: 'Alegrai-vos sempre no Senhor; outra vez digo: alegrai-vos." (4.4.) Eu costumava ler esse trecho e pensar comigo mesmo:

"Que palavras inspiradoras!"

Fiquei sabendo onde Paulo estava ao escrevê-las. Ele não se encontrava na suíte presidencial do Hotel Sheraton. Estava no cárcere! Contudo sabia regozijar-se no Senhor mesmo em meio a dificuldades. Esse tipo de alegria não é apenas a felicidade passageira que sentimos quando conseguimos algo que desejamos. A verdadeira alegria baseia-se numa confiança completa no Deus de amor, que tem um plano para nossa vida.

Infelizmente, Elias esqueceu-se desse detalhe. Após testemunhar uma das maiores demonstrações do poder de Deus descrita nas Escrituras, ele desviou o olhar e começou a reparar nas circunstâncias.

"Quem sou eu para ir falar com o rei?" perguntou-se. "Por que fui deixar-me envolver nesta situação? A rainha quer me matar. Preciso fugir daqui."

Não mantenhamos os olhos nas circunstâncias, pois se o fizermos, certamente falharemos. Mantenhamos os olhos em Deus e ele agirá por nosso intermédio. Lembremos: "... maior é aquele que está em vós do que aquele que está no mundo." (1 Jo 4.4.)

O PERIGO DA ORAÇÃO INSENSATA

A reação de Elias para com a ameaça de Jezabel revela um segundo perigo ao qual estamos constantemente expostos: orar

descuidadamente. Depois de colocar uma distância de aproximadamente 200 km entre si e a rainha, Elias, ainda sentindo-se ameaçado, “se foi ao deserto, caminho de um dia, e veio, e se assentou debaixo de um zimbro; e pediu para si a morte e disse: Basta; toma agora, ó Senhor, a minha alma, pois não sou melhor do que meus pais” (19.4).

Essa passagem é incrível. Elias, desiludido e ameaçado de morte, resolve desistir da carreira de profeta. Depois de liquidar 850 profetas sozinho, esconde a cabeça na areia quando ameaçado por uma mulher vingativa!

Ao ler a oração de Elias, creio que compreendo por que se sentia tão confuso. Sempre que interpretamos determinada situação erroneamente, enganamo-nos a tal ponto que até mesmo deixamos de fazer orações sinceras. Não creio que Elias quisesse mesmo morrer. Se ele estivesse apenas esperando a morte, não teria viajado 200 quilômetros, fugindo da rainha. Para morrer, bastava permanecer ao alcance de Jezabel. Ela se teria deliciado em atender-lhe o desejo.

Não, Elias estava apenas amedrontado, pois se esqueceu de seu poderoso Deus. Por causa disso, enganava-se achando que desejava mesmo morrer, crendo que essa seria a solução de seu problema. Mais uma vez, olhou para as circunstâncias e mentiu a si mesmo:

“Dessa vez estraguei tudo, Senhor. Provoquei tamanha ira em Jezabel que agora ela deseja matar-me. Não sirvo mesmo para nada.”

Anteriormente mencionei que Elias nos deu o perfeito exemplo de oração. E embora pareça estar desistindo, não creio que tenha deixado de ser um bom modelo. Essa situação serve para mostrar que, quando sentimos pena de nós mesmos, nossas orações seguem o mesmo caminho. Esquecemo-nos das bênçãos que Deus prometeu e nos deu, e vacilamos em nosso compromisso

com ele. Além disso, como Elias, começamos a orar pedindo algo que não desejamos.

Alguma vez você já agradeceu ao Senhor pela bênção de uma oração não respondida? Às vezes penso nas coisas insensatas que já pedi a Deus e agradeço-lhe por não mas ter concedido. Orar não é pedir a Deus aquilo que desejamos; é pedir-lhe aquilo que ele deseja nos dar.

Um dos primeiros versículos bíblicos que decorei foi o Salmo 37.4: 'Agrada-te do Senhor, e ele satisfará os desejos do teu coração." Lembro-me de que o repetia mentalmente quando era jovem. Pensava que Deus me concederia tudo aquilo que lhe pedisse.

"Que maravilha!"

Mas descobri que, com freqüência, eu me agradava de mim mesmo mais do que do Senhor. Ocupava-me dos desejos do meu coração, e não em agradá-lo. Levei a vida toda para aprender a agradar-me do Senhor, mas também descobri que ele muda os desejos do nosso coração para que eles se harmonizem com os do dele.

Quando adolescente, namorei uma linda garota da Filadélfia. Ela residia no extremo norte da cidade; eu, no extremo sul. A distância que nos separava parecia imensa. Levava uma hora e quarenta e cinco minutos de minha casa à dela. Eu tinha de pegar o bonde, depois um ônibus, a seguir o metrô e finalmente outro bonde. Mas valia a pena! Ainda me lembro de como ficava impaciente para terminar o jantar e sair. Não me esqueço de que minha avó tentava conter-me:

- Howard, volta! Gostaria que me ajudasse a lavar a louça!
- Não tenho tempo, vó! gritava já no meio da rua. Preciso ir ver minha namorada!

E sabe para que eu atravessava a cidade toda? Para ajudar minha namorada a lavar a louça na casa dela! Apesar de já haver passado muitos anos, ainda sinto que nada se compara à

felicidade que eu sentia ao ajudar aquela garota - que mais tarde se tornou minha esposa - a lavar a louça. O meu desejo era alegrá-la!

É exatamente isso que acontece no mundo espiritual. A vontade de Deus se torna nossa vontade. A maneira dele se torna a nossa. Sua palavra torna-se nossa palavra. E quando nos preocupamos em agradá-lo, ocorre uma estranha metamorfose espiritual: os desejos dele se tornam nossos. Quando nos aproximamos de Deus em oração, precisamos dizer:

“Senhor, não se faça a nossa vontade, mas a tua.”

Mesmo que isso signifique morrer às mãos de Jezabel. Melhor morrer fazendo a vontade de Deus do que viver tran- quila e confortavelmente sem realizá-la.

Elias orou com insensatez. Não pensou no ditado:

“Cuidado com o que desejas, pois pode ser que o recebas.”

Felizmente, temos um Deus que é paciente com os tolos e não nos concede aquilo que pedimos em momentos de insensatez.

O PERIGO DE NEGLIGENCIAR NOSSAS NECESSIDADES BÁSICAS

Provavelmente uma das armadilhas mais eficazes usadas por Satanás para fisgar os crentes de hoje é a auto-negligência. Vivemos em uma sociedade altamente produtiva que exige mais de nós a cada minuto. Ao depararmos com esse ataque, temos que aceitar o fato de que o ser crente não significa que não temos as necessidades físicas e emocionais comuns a todos os seres humanos.

Algum tempo atrás, tivemos um aluno talentoso em nosso seminário que infelizmente perdeu a perspectiva nessa área. Deixava de dormir para estudar, a fim de que, como dizia, pudesse preparar-se ainda melhor para o trabalho do Senhor. Riscou de sua agenda todas as atividades recreativas, porque elas interferiam em seus estudos. Preenchia cada momento vago de

seu dia com mais e mais afazeres. Nunca descansava. Convenceu-se de que era tão dedicado a Cristo, que nada, nem mesmo comer ou descansar, deveria interferir com isso. Resultado: não produziu muitos frutos no seu ministério, pois ele não passava muito tempo a sós com Deus, nem ouvia a voz do Senhor. Tornou-se obstinado no trabalho, tentando causar boa impressão a todos com suas realizações. Mas a única coisa que conseguiu foi afastar as pessoas de si.

Certa vez perguntei a outro aluno que parecia prestes a ter uma estafa:

- Por que você não fuma de vez em quando?

Ele me olhou com expressão de espanto e respondeu:

- Mas, professor, meu corpo é o templo do Espírito Santo. Não posso destruí-lo com nicotina!

- Então, por que o está destruindo com excesso de trabalho? Acha que é justificável acabar com suas forças físicas e perder a saúde dessa maneira? É assim que se honra a Deus?

Elias caiu no mesmo buraco. Estava exausto. Acabara de passar por uma experiência que exigira muito dele. Lemos que percorreu 56 quilômetros a pé do monte Carmelo a Jezreel, e correu tanto que passou na frente da carruagem de Acabe (1 Rs 18.46) - uma maratona incrível, mesmo para quem está movido pelo poder do Senhor. A seguir, percorreu mais 192 quilômetros, fugindo de Jezabel. Para completar, caminhou um dia inteiro pelo deserto. Não é de admirar que acabasse caindo de cansaço debaixo de uma árvore, pronto para ser levado por Deus!

Também não me surpreendo de que ele tenha feito uma oração tão insensata. Já percebeu como tomamos decisões tolas quando estamos exaustos física ou mentalmente? Parece que nosso cérebro “dorme” e não conseguimos raciocinar com clareza. Mas quando descansamos e nos sentimos revigorados, vemos a situação por outro ângulo e nossas decisões refletem uma melhor capacidade de julgamento.

Entretanto o cristianismo moderno tende a colocar no pedestal os líderes que se matam de trabalhar. Não sei por quê. Parece que a autodestruição e o martírio os tornam dignos de uma medalha. Pela experiência que tenho nessa questão, apren- di que um compromisso com Cristo não é uma licença para matar-se. Por outro lado, cuidar de nosso bem-estar físico e mental não é sinal de falta de compromisso com o ministério. Vivemos num mundo tão agitado que poucos se dão ao luxo de ficar em casa descansando. Corremos de um compromisso para outro, de uma reunião para outra, todas as noites, e tudo isso depois de termos trabalhado durante o dia. O resultado é que estamos constantemente cansados. Nossos filhos aprendem com nosso exemplo que precisam estar sempre ocupados. A igreja toma cada vez mais nosso tempo e se torna uma influência negativa, que separa famílias, ao invés de uni-las.

Elias se encontrava exatamente nessa situação: cansadíssimo, alquebrado, desiludido. Contudo, em meio a tamanho desgaste, ainda podemos ver os raios revigorantes da graça de Deus. Completamente desgastado, Elias “deitou-se e dormiu debaixo do zimbro; eis que um anjo o tocou e lhe disse: Levanta-te e come. Olhou ele e viu, junto à cabeceira, um pão cozido sobre pedras em brasa e uma botija de água. Comeu, bebeu e tornou a dormir” (19.5,6).

Imaginemos a cena. Deus envia seu anjo em missão de misericórdia, a fim de preparar uma refeição para seu servo. O anjo preparou a comida e acordou o profeta. Elias comeu, e a seguir, ainda exausto, voltou a dormir. Mais tarde “voltou segunda vez o anjo do Senhor, tocou-o e lhe disse: Levanta-te e come, porque o caminho te será sobremodo longo” (19.7). Deus supre as necessidades de seus servos.

Entenda que a jornada percorrida por Elias estava fora dos planos do Senhor. Felizmente, Deus, em sua misericórdia, não lançara Elias fora de seus planos. Em seu amor, o Senhor cuidou

de suprir as necessidades físicas de Elias, pois desejava que o profeta estivesse preparado para o momento em que lhe revelaria a si mesmo.

Talvez você se sinta como Elias. Talvez creia que é melhor morrer cansado do que enferrujado. Mas essa opinião não faz sentido algum. Elias não estava correndo o risco de morrer enferrujado num canto. Além disso, a questão não é saber se morrer por excesso de atividade é melhor que morrer por inatividade, mas, sim, como podemos aplicar nossa fé no dia-a-dia. E a resposta é: confiando na sabedoria e no equilíbrio que recebemos através do ministério do Espírito Santo em nossa vida.

Meu amigo David Roper, muito acertadamente, afirma o seguinte:

"É reconfortante saber que às vezes nossa melancolia nada mais é que o resultado natural da fatiga do ser humano. Nós, os crentes, possuímos a tendência de atribuir sentido profundo ou 'espiritual' a uma experiência que é meramente física."

Concordo plenamente com ele. Um indivíduo vem ao meu escritório pedir aconselhamento, sentindo-se inexplicavelmente irritado e tenso. Muitas vezes ele só precisa é de uma boa noite de sono. Talvez não seja essa a resposta espiritual que ele deseja, mas consideremos o assunto. Quem já acordou com uma forte dor de cabeça, sabe como é difícil "ser espiritual". Eu, por exemplo, esforço-me para não tomar decisões críticas quando estou cansado ou com dor de cabeça. Depois de uma boa noite de sono, as coisas mudam de figura. E foi exatamente por esse processo que Deus fez Elias passar.

Depois que dormiu, mais uma vez "levantou-se, pois, comeu e bebeu; e, com a força daquela comida, caminhou quarenta dias e quarenta noites até Horebe, o monte de Deus" (19.8). Horebe fica a 160 km ao sul de onde se encontrava; por isso Elias acabou percorrendo ao todo mais de 480 km depois que Jezabel o ameaçou de morte. Naqueles dias, 480 km seriam o mesmo que

4.800 km hoje. Assim sendo, estando a essa distância considerável da rainha enfurecida, o profeta aflito finalmente acalmou-se.

O PERIGO DE SENTIR-SE INDISPENSÁVEL

Contudo Elias baixou a guarda. Como um ratinho amedrontado escondendo-se de um falcão, “entrou numa caverna, onde passou a noite; e eis que lhe veio a palavra do Senhor e lhe disse: Que fazes aqui, Elias? Ele respondeu: Tenho sido zeloso pelo Senhor, Deus dos Exércitos, porque os filhos de Israel deixaram a tua aliança, derribaram os teus altares e mataram os teus profetas à espada; e eu fiquei só, e procuram tirar-me a vida” (19.9,10).

Elias não estava sendo um pouco arrogante?

“Sou o único que resta, Senhor. Se me matarem, o que poderás fazer?...”

Às vezes me pergunto quantas obras fundadas sob a direção de Deus acabam ruindo por causa de um líder supostamente “indispensável”.

Sei de uma organização grandemente usada por Deus, fundada por um homem de fé e visão. Ele foi seu criador e administrador, mas por recusar-se a deixar “sua obra” nas mãos de Deus, não somente a inaugurou e administrou, como a enterrou também. É importante que todo crente saiba que ninguém é indispensável para Deus. Somos apenas instrumentos em suas mãos. O Senhor deseja usar-nos. Mas o problema é que, quando ele nos usa, ficamos inclinados a pensar que a vitória foi nossa. Talvez seja esse o motivo pelo qual vez por outra Deus remove um indivíduo do ministério, para manter vivo em nossa memória o fato de que o trabalho não é nosso, mas dele.

Certo jovem, que chamarei de John, estava completamente bêbado num dos *destroyers* ancorados em Pearl Harbor no dia do ataque japonês. Pela providência de Deus, seu navio não foi atingido e ele sobreviveu ao ataque. Por causa da experiência

vivida, ele entregou a vida a Jesus Cristo na capela da Marinha, em Honolulu. Depois da guerra, completou seus estudos universitários, entrou para o seminário, formou-se e tornou-se pastor da Marinha.

Durante uma das viagens a trabalho que fiz ao Havaí, tive o privilégio de conhecê-lo mais intimamente. Ele pregava três vezes por domingo na capela da Marinha. A cada sermão, mais de trezentos homens ouviam a mensagem do evangelho. Depois do culto do qual participei, ele convidou um grande número de soldados para jantar conosco. Findo o jantar, eu e o pastor John passamos mais de três horas respondendo às perguntas dos rapazes.

Naquela noite, a capela estava cheia, pois todos queriam ouvir a Palavra de Deus ministrada pelo pastor John. Fato extraordinário, considerando-se que o cinema da base estava apresentando filmes recém-lançados quase de graça. Mas aqueles que compareceram à capela desejavam aprender mais sobre a Bíblia. Alguns deles haviam percorrido grandes distâncias para chegarem até ali.

Mal retornara a Dallas quando recebi um telegrama de Carol, esposa do John. Meu amigo e servo do Senhor havia morrido num acidente de avião. O pastor John fora a Guam para a inauguração de uma associação de militares crentes, projeto do qual participara desde sua fase inicial. Findo o culto inaugural, o avião que o levaria de volta para casa decolou, mas entrou em pane e caiu na mata. Somente três dias mais tarde os destroços foram localizados.

Quando recebi a notícia, foi como se tivesse recebido um golpe na cabeça. John deixara esposa e quatro filhos, sendo que o mais velho tinha apenas 7 anos. Pesaroso e entristecido, senti que deveria escrever uma carta a Carol, oferecendo-lhe minhas condolências. Foi uma das cartas mais difíceis que já escrevi. Dentre outras coisas, assegurei- lhe a promessa de que “todas as cousas cooperam para o bem daqueles que amam a Deus” (Rm

8.28). Disse-lhe ainda que Deus parecia enfatizar a palavra “cooperam” em minha mente. Nada ocorre isoladamente, mas tudo coopera para o bem do crente.

Não sei por que Deus o levou para si. Mas tenho que confiar que ele fez o que era certo, pois o Senhor nunca comete erros. Ao refletir sobre a morte dele, penso em todos os capelões que conheci em meus anos de ministério, alguns dos quais não tinham o menor interesse em coisas espirituais, nem na Palavra de Deus. Entretanto não conseguia entender por que Deus decidiu levar para si um homem tão zeloso! Creio que foi através daquela experiência que Deus começou a ensinar-me que a medida de uma vida não é sua duração, mas seu legado!

Suponhamos que Jezabel tivesse conseguido eliminar Elias. Será que a morte dele seria o instrumento necessário para fazer com que os sete mil profetas do Senhor que se escondiam numa caverna saíssem à batalha? (1 Rs 19.18.) Podemos apenas especular sobre a questão, mas uma coisa é certa: ninguém é indispensável a Deus.

Elias esqueceu-se disto. Achou que por algum motivo o trabalho do Senhor não seria realizado sem ele. Por isso, Deus ordenou que Elias saísse da caverna. “... grande e forte vento fendia os montes e despedaçava as penhas diante do Senhor, porém o Senhor não estava no vento; depois do vento, um terremoto, mas o Senhor não estava no terremoto; depois do terremoto, um fogo, mas o Senhor não estava no fogo; e, depois do fogo, um cicio tranqüilo e suave - Ouvindo-o Elias, envolveu o rosto no seu manto e, saindo, pôs- se à entrada da caverna. Eis que lhe veio uma voz e lhe disse: Que fazes aqui, Elias?” (1 Rs 19.11-13.)

Finalmente, Elias ouviu a Deus, quando ele falou-lhe num cicio tranqüilo e suave. Deus desejava ensinar ao profeta que não se manifesta apenas de maneira espetacular, mas também em silêncio. Não se comunica apenas cercado de esplendor, mas também na simplicidade.

Será que entendemos o que Deus quer que percebamos? Às vezes, ficamos encantados com os grandes eventos da causa de Cristo que recebem mais divulgação, como, por exemplo, os espetáculos dinâmicos que parecem querer mudar o curso da História. Mas e quanto àqueles que Deus usa no dia-a-dia? É fácil achar que Deus se interessa apenas pelo que é grande. Mas Deus interessa-se pelo trabalho de grande escala tanto quanto pelo de pequena escala. Ele nos convida a segui-lo, seja numa grande marcha ao longo da avenida principal da cidade, seja numa viagem de destino desconhecido. Vez por outra passamos por acontecimentos que nos mudam o curso da vida. Mas os acontecimentos de sentido eterno cercam-nos a todo o instante no nosso cotidiano.

O Dr. Harry Ironside sabia muito bem disso. Esse sábio professor de Teologia visitava-nos com frequência no seminário quando eu era um aluno da escola. Admirava a simplicidade com que ele via a vida cristã. Certa vez perguntei-lhe:

- Dr. Ironside, qual é a sua opinião sobre todas as matérias que ensinam a respeito da vida espiritual?

Nunca esqueci a resposta que deu:

-Acho ótimo para quem tem tempo e dinheiro.

Como pode perceber por sua resposta, ele não valorizava excessivamente a erudição pesada no tocante a Jesus Cristo e à nossa vida espiritual. Tudo que desejava era ter com ele um verdadeiro relacionamento, capaz de transformar vidas.

Levei muito tempo para entender sua resposta. O que ele estava querendo ensinar é que a verdadeira espiritualidade é aquela que fica evidente quando nossos filhos adoecem no meio da noite, o carro estraga no meio da estrada, ou quando o banheiro entope. É nessas horas que podemos saber se a vida cristã funciona de verdade. No que me diz respeito, é desse tipo de cristianismo que preciso, porque esse é o tipo de vida que levo.

Estar no monte Carmelo foi emocionante. Mas a maioria dos crentes vive na planície ou no vale. Vivemos no dia-a-dia do trabalho, onde as pessoas, muitas vezes, não honram os valores de Deus. Vivemos em escolas e universidades, onde outros ignoram a verdade bíblica, e nem mesmo a levam a sério. Muitos convivem com familiares que não praticam o amor de Cristo, o que resulta em sofrimento e em relacionamentos conflituosos.

É nesses lugares que o cicio suave e tranqüilo de Deus precisa nos trazer alento. É nesse contexto que temos de manter firme nosso compromisso com Cristo. Não permitamos que as artimanhas do inimigo anulem nossa eficiência nesse particular.

Capítulo Seis

Confiança

Vez por outra conhecemos alguém cuja confiança nos inspira. Sendo torcedor dos *Cowboys, o* time de Dallas, sofri anos a fio vendo meu time repetidamente derrotado pelo *49ers* de San Francisco. Contudo, apesar das derrotas, sempre gostei de ver a calma e o autocontrole demonstrado pelo zagueiro dos *49ers,* o famoso Joe Montana, um atleta exuberante de autoconfiança.

Sempre que seu time passava por um momento difícil, Joe Montana arranjava um jeito de salvá-lo. Após cada vitória, seus companheiros diziam coisas do tipo:

"Com o Joe em campo, sabíamos que a vitória era nossa. Podíamos ver isso nos olhos dele. Ele não permitiria que perdêssemos."

E era verdade. Ele deu a seu time muitas vitórias no último minuto, mais que qualquer outro jogador na história desse esporte. Jogava com a certeza de que venceria. Confiava no time, no técnico e nas táticas de jogo. Com isso, inspirava confiança em todos os seus companheiros de equipe, e nos torcedores.

Quando deixamos o mundo dos esportes e passamos para o campo da vida, descobrimos que a confiança é a qualidade que caracteriza os grandes servos de Deus. Pedro tinha confiança. Paulo também. Eles e várias outras figuras bíblicas tinham plena convicção de que o que estavam fazendo era de suma importância. Como Deus os estava guiando, tinham certeza absoluta de que faziam o que era certo.

Infelizmente, nossa sociedade degradou o sentido de confiança a ponto de muitas vezes ela ser confundida com arrogância. Mas confiança não significa simplesmente confiar em nossa capacidade de ação. Implica certeza de que alcançaremos os

resultados desejados. A confiança é simplesmente reconhecimento de nossa capacidade.

Mas nós, os crentes, sabemos que “a capacidade” não é nossa. Não podemos viver a vida cristã pelo nosso próprio esforço. Como mencionamos anteriormente, a vida cristã não é difícil, e, sim, impossível, porque é sobrenatural. Ser crente não é esforçar para viver de acordo com os padrões de Deus; é permitir que Deus viva através de nós. Daí podemos dizer que, para o crente, confiança não é ter fé em si mesmo, mas naquele que é maior que nós.

É exatamente isso que torna o crente singular. Ele não está sozinho na batalha. O grande Deus criador está com ele. O salvo não enfrenta as dificuldades a sós, o Espírito Santo está sempre com ele para o guiar e fortalecer. Quando nos damos conta de que Deus está realmente conosco, e que seus recursos se acham à nossa disposição, obtemos a confiança divina que nos orienta nos momentos mais difíceis.

Elias possuía confiança. É verdade que ele não a demonstrou no capítulo anterior. Talvez até fiquemos com a impressão de que ele se aposentou, porque, depois de fugir de Jezabel, seu nome raramente aparece na Bíblia. Mas ele não se aposentara. Estava apenas descansando e preparando-se para a próxima tarefa que Deus lhe havia designado. É fato que ele tropeçou um pouco ao tentar escapar da fúria da rainha, mas suas ações anteriores provam de sobra que Elias tinha uma confiança profunda no poder e propósito de Deus. Essa certeza, que ele demonstra durante seu ministério, revela cinco princípios básicos que servem para nos inspirar e instruir.

RENOVAR AS FORÇAS

Da última vez que lemos sobre Elias, ele estava assentado do lado de fora da caverna, esforçando-se para ouvir o cicio tranqüilo e suave de Deus (1 Rs 19.12,13). Depois, ele só volta a aparecer em 1 Reis 21.17, que diz: “Então, veio a palavra do Senhor a

Elias...” O sentido dessa frase no original é “Depois de algum tempo...” Não sabemos exatamente quanto tempo. Mas podemos imaginar o que Elias estava fazendo nesse período. Estava descansando, refletindo e renovando suas forças.

E era óbvio que ele precisava disso. Quando o anjo o encontrou debaixo do zimbro, achava-se completamente exaurido. O anjo o aconselhou a dormir e preparou-lhe comida, que o susteve por quarenta dias e quarenta noites (19.5-8). Elias precisava de algo mais que um pacote de viagem completo no monte Horebe. Precisava de uma recauchutagem total do espírito, porque seus recursos estavam se esgotando. Ao invés de ministrar, ele precisava receber alimento espiritual.

Muitos dos servos de Deus precisam do mesmo tratamento. Vejamos Moisés, por exemplo. Depois de matar um egípcio e fugir para Midiã, ele passou quarenta anos aprendendo a ter paciência e mansidão, levando a vida de um pastor de ovelhas. Paulo, depois de seu encontro com Jesus Cristo na estrada de Damasco, esteve vários anos na Arábia, para que Deus o preparasse. Muitas vezes o de que mais precisamos para que Deus opere em nossa vida é fugir das luzes ofuscantes dos holofotes. E nada substitui esse período a sós com o Pai. Certas coisas pedem tempo e isolamento. É como dizem no Texas:

“Levam-se nove meses para se ter um neném. Não adianta colocar nove mulheres para dar conta do recado em um mês, porque o único jeito é esperar mesmo.”

Ficar no banco durante um jogo pode parecer perda de tempo. Mas creio que quase todo crente precisa passar por isso de vez em quando. Se alguém acha que o time não conseguirá marcar gols sem ele, sugiro que releia os dois últimos capítulos. Ninguém é indispensável a Deus. Ele pode arranjar outro para realizar o trabalho. De fato, às vezes, ele insiste em fazê-lo dessa maneira, para o *nosso* próprio bem.

Veja bem, enquanto estivermos nesse “centro de reabilitação espiritual”, o Senhor pode ajudar-nos a voltar a atenção para ele. Pode ensinar-nos verdades às quais, em outras circunstâncias, não prestaríamos atenção. Pode renovar nossa mente e espírito através da restauração de nossa vida de oração. E revigorará nossas forças, renovando também nossa convicção de propósito e missão.

Mas não é necessário que esperemos que o Senhor nos tire de circulação. Vamos ser sábios quanto ao momento em que devemos sair da ativa. Sempre que passarmos um período extremamente difícil, estressante, por exemplo, ou em que estivermos saindo de uma crise, um bom remédio é “afastar-nos” por algum tempo. Não é preciso abandonar todos os compromissos e responsabilidades. Isso talvez não seja possível, nem sábio. Mas vamos agradecer aos convites e simplificar nossa vida, de maneira que ouçamos o cicio tranqüi- lo e suave de Deus.

É claro que o grupo que deveria prestar mais atenção a esse princípio, ou seja, os pastores, os missionários e outros servos vocacionados do Senhor, tende a ser o grupo que mais o ignora. Considero essa atitude um erro trágico porque poucas são as atividades mais desgastantes que o ministério cristão. Uma coisa posso garantir: o ministério não é nada fácil. Quem não faz parte da liderança de sua igreja, talvez pense:

‘A vida de pastor não é nada má... Duas ou três horas de trabalho no domingo pela manhã, talvez mais algumas horas no domingo à noite. Um estudo bíblico na quarta-feira. Um funeral aqui. Um casamento ali. O que há de difícil nisso?”

Quem pensa assim, não tem a menor noção do trabalho envolvido no serviço cristão.

H. B. London, assistente do presidente da *Focus on the Family,* cita os resultados de uma pesquisa realizada pelo *Fuller Institute* sobre o crescimento de igrejas. Noventa por cento dos pastores trabalham mais de 46 horas por semana. 90% sentem que não

foram preparados adequadamente para atender às necessidades do ministério. Cinqüenta por cento deles sentem-se incapazes de realizar as tarefas que o trabalho requer. Setenta e cinco por cento afirmam ter passado ao menos por uma situação de alto estresse durante sua carreira. Oitenta por cento acreditam que o pastorado teve um efeito negativo em sua família, e 33% afirmam que o pastorado tem um efeito quase destrutivo sobre ela *(Pastors at Risk* [Pastores sob risco], p. 22). Como se vê, o pastorado não é exatamente um mar de rosas.

Posso falar do assunto por experiência pessoal, pois sou pastor, professor de seminário e pregador. A demanda do ministério esgota-me física, emocional e espiritualmente. Às vezes, depois de dar aula na sexta-feira, tenho que pegar um avião e ir pregar numa conferência ou dar uma palestra no fim de semana. Às vezes dou duas palestras na sexta à noite, duas no sábado de manhã, lidero um estudo no sábado à tarde e depois prego novamente uma ou duas vezes no sábado à noite. A seguir, no domingo, geralmente sou convidado para falar na igreja que está organizando a conferência. Se eles têm dois ou três cultos por domingo, eu prego em cada um dos cultos. Há ocasiões ainda em que arranjam reuniões à tarde e encerramos o domingo com o culto noturno. Ao encerrar-se o fim de semana, ao somarem-se todas as palestras, falei mais ou menos umas doze vezes - isso se não conseguirem segurar-me lá para falar na segunda-feira! Nem é preciso dizer que, ao tomar o avião de volta para casa, já estou completamente exausto!

Lembro-me de uma conversa que tive com um amigo na igreja, que ficou sabendo que eu acabara de retornar de um fim de semana desses.

- Oi, Howard! foi dizendo. Bem-vindo! Como foi de férias?

Tenho certeza de que foi a graça de Deus que me ajudou a controlar o impulso de estrangulá-lo. Mas arranjei logo um jeitinho de colocá-lo na linha.

- Foi fantástico! Gostaria de ir comigo da próxima vez?
- Posso? respondeu ele, animado.

Achou que seria um passeio e tanto. Por isso, algumas semanas mais tarde levei-o comigo numa viagem de três dias. No caminho de volta, ele estava tão exausto, que tive de carregar-lhe as malas.

- Puxa, Howard! Vou ter que tirar uma semana de folga para recuperar-me.

Apenas sorri e concordei, mas por dentro estava pensando: "Como é que ele pode estar tão cansado? *Fui eu* quem deu as palestras!"

Com o tempo, esse ritmo cobra seu preço. Anos atrás, encontrei-me numa situação em que cada minuto da minha vida era contado, correndo de um lugar para outro, de avião em avião, de palestra para palestra. Tanto assim que às vezes eu confundia até a cidade onde estava ou o grupo ao qual me dirigia. Fiquei cada vez mais exausto, mentalmente desgastado, espiritualmente arrasado. Senti que dissera tudo que tinha a dizer. Não havia mais nada dentro de mim.

Foi então que me lembrei do que Jesus fez certa vez quando ficou muito atarefado. "À tarde, ao cair do sol, trouxeram a Jesus todos os enfermos e endemoninhados. Toda a cidade estava reunida à porta. E ele curou muitos doentes de toda sorte de enfermidades; também expeliu muitos demônios, não lhes permitindo que falassem, porque sabiam quem ele era. Tendo-se levantado alta madrugada, saiu, foi para um lugar deserto e ali orava." (Mc 1.32-35.)

Por isso, segui o exemplo do Mestre. Tirei alguns dias de folga e viajei para um lugar tranqüilo, no campo. Não levei comigo nenhum livro, apenas a Bíblia. Fiz caminhadas, conversei com minha esposa e passei tempo a sós com Deus, dando-lhe a oportunidade de ministrar para mim. Como Elias, estava desgastado e precisava ser renovado. E como Deus fez a Elias, renovou-me as forças.

RELEMBRAR O QUE DEUS FEZ

Elias pegou o banco de reserva. Mas, passado algum tempo, Deus o chamou de volta ao serviço. Disse-lhe o Senhor: “Dispõe-te, desce para encontrar-te com Acabe, rei de Israel, que habita em Samaria; eis que está na vinha de Nabote...” (1 Rs 21.18.)

Qual foi a última vez em que Elias estivera na presença de Acabe? Foi logo após a vitória sensacional de Deus sobre Baal no monte Carmelo. Acabe montou em seu carro e saiu em disparada. E pouco depois sua esposa ameaçava Elias de morte. Tenho certeza de que esses fatos voltaram à lembrança do profeta.

Existe apenas uma coisa que daria a alguém a confiança necessária para seguir em frente: lembrar-se do que Deus fez no passado. Digo isso porque, se nos esquecemos dos feitos de Deus, nossa fé enfraquece.

Pensemos no caso de Israel. A nação tinha milhares de motivos para louvar a Deus a todo tempo e render-lhe graças por tudo que fizera por eles. Vejamos alguns exemplos. Ele lhes abriu o mar Vermelho milagrosamente, para que escapassem de Faraó. Depois guiou-os pelo deserto através de uma coluna de fogo. Eliminou um a um seus inimigos. Enviou-lhes maná todas as manhãs e até fez jorrar água de uma rocha para saciar-lhes a sede. Deus fez tudo isso em favor de seu povo. Contudo não passou muito tempo e os israelitas se esqueceram das bênçãos recebidas e puseram- se a reclamar novamente. O resultado foi que sua confiança espiritual definhou e quando depararam com a necessidade de tomar posse da terra prometida, hesitaram e não tiveram fé suficiente para fazê-lo.

É fácil criticar os hebreus por sua falta de fé no Senhor. Mas nós não somos diferentes. Quantas vezes duvidamos de Deus e de seu cuidado para conosco, mesmo tendo provas repetidas das bênçãos recebidas? Lembramo-nos de sua bondade para conosco? Celebramos os eventos históricos de sua graça?

Já vi inúmeras igrejas lutando para pagar um imóvel e quando finalmente conseguem quitar a dívida, realizam um culto de ações de graça e pouco depois a bênção cai no esquecimento. Da mesma maneira, muitos líderes de igrejas têm sede de novos projetos e não parecem capazes de parar e apreciar o que já alcançaram. Assim que realizam um objetivo, perdem o interesse e lançam-se em novo empreendimento. Será que isso é honrar a Deus? Não. Precisamos parar e celebrar aquilo que ele nos deu. Temos de parar por um bom tempo para admirar e desfrutar suas bênçãos. Do contrário, é provável que nos esqueçamos daquilo que ele já fez.

Foi por essa razão que as gerações israelitas subseqüentes escreveram os salmos. Não queriam se esquecer das grandes obras de Deus, por isso as usaram como tema das suas composições musicais. Dessa forma, poderiam ensinar seus filhos a cantar as bênçãos maravilhosas que o Senhor lhes concedia. Vejamos, por exemplo, o Salmo 66.5,6:

"Vinde e vede as obras de Deus: tremendos feitos para com o filhos dos homens! Converteu o mar em terra seca; atravessaram o rio a pé; ali nos alegramos nele. "

Os salmos 78, 106 e 136, entre muitos outros, exemplificam o princípio de que adquirimos mais confiança em Deus quando relembramos seus feitos para conosco. Vamos trazer de novo à nossa memória as bênçãos que o Senhor nos concedeu no passado. Com isso nossa fé no que ele fará no futuro se reanimará.

Quando nossos filhos eram pequenos, fizemos questão de contar-lhes relatos sobre a fidelidade de Deus para com seu povo. Em nosso culto doméstico, lemos, por exemplo, o livro *Through Gates of Splendor* (Pelas portas de esplendor). Ele narra a história dos cinco missionários americanos que perderam a vida levando o evangelho aos índios aucas. Em outra ocasião, lemos O *Peregrino.* Além disso eu e minha esposa lhes contavamos

experiências pessoais que vivemos em nosso relacionamento com o Senhor, e as muitas bênçãos que recebemos dele. Desejávamos que nossos filhos tivessem certeza de que podiam confiar em Deus e que ele se faz presente junto a seu povo.

Não estávamos apenas contando histórias; lançávamos o alicerce de sua fé; seguíamos o exemplo bíblico de Asafe:

"Abrirei os lábios em parábolas e publicarei enigmas dos tempos antigos. O que ouvimos e aprendemos, o que nos contaram nossos pais, não o encobriremos a seus filhos; contaremos à vindoura geração os louvores do Senhor, e o seu poder, e as maravilhas que fez. Ele estabeleceu um testemunho em Jacó, e instituiu uma lei em Israel, e ordenou a nossos pais que os transmitissem a seus filhos, a fim de que a nova geração os conhecesse, filhos que ainda hão de nascer se levantassem e por sua vez os referissem aos seus descendentes; para que pusessem em Deus a sua confiança e não se esquecessem dos feitos de Deus, mas lhe observassem os mandamentos. " (Sl 78.2-7.)

PERMANECER NELE

Imaginemos por um momento que estamos no lugar de Elias. Deus nos falou o seguinte: “Dispõe-te, desce para encontrar-te com Acabe... Falar-lhe-ás, dizendo: Assim diz o Senhor: Mataste e, ainda por cima, tomaste a herança? Dir- lhe-ás mais: Assim diz o Senhor: No lugar em que os cães lamberam o sangue de Nabote, cães lamberão o teu sangue, o teu mesmo.” (1 Rs 21.18,19.) Não seria nada fácil levar uma mensagem dessas a um rei! Garanto que ele não iria gostar! Onde encontraríamos forças para obedecer à ordem de Deus?

Ninguém gosta de ser o portador de más notícias. Despedir um empregado, reprovar um aluno, informar a um cliente que o cheque recebido não tinha fundos, conversar com o portador de uma doença incurável, são situações extremamente delicadas e difíceis. Por isso, tentamos encontrar palavras amenas para

transmitir a mensagem num tom mais positivo. Recentemente li um livro sobre gerenciamento onde se ensina que os patrões não devem demitir seus empregados, mas sim “liberá-los de suas responsabilidades para permitir-lhes que encontrem um emprego melhor”.

Fico a imaginar se essa tática teria funcionado com Elias. Talvez ele pudesse dar um jeitinho na mensagem de Deus e dizer:

“Trago boas notícias, Acabe! Seus cachorros terão um banquete!”

Não, o único meio de termos força de caráter suficiente para entregar aquela mensagem de castigo é agarrar-se com firmeza ao fato de que são palavras de Deus. Elias não tinha que se preocupar com o que aconteceria com o mensageiro, desde que tivesse sempre em mente quem era o autor da mensagem.

Situação semelhante ocorreu nos dias de Daniel. Um grupo da Corte arquitetou um plano para convencer o rei Dario a aprovar uma lei que proibisse o povo de orar a Deus. Daniel reconheceu que essa lei se opunha diretamente à sua fé. A Bíblia diz que “Daniel, pois, quando soube que a escritura estava assinada, entrou em sua casa e, em cima, no seu quarto, onde havia janelas abertas da banda de Jerusalém, três vezes no dia, se punha de joelhos, e orava, e dava graças, diante do seu Deus, como costumava fazer” (Dn 6.10).

A coragem de Daniel é digna de admiração. Embora sabedor que aqueles homens procuravam ocasião para danificar-lhe a imagem perante o soberano, orou com as janelas abertas, a fim de que todos o vissem e ouvissem. Sabia qual seria o castigo da desobediência - a cova dos leões. Mesmo assim orou. Francamente, duvido que orasse contando que Deus o salvaria. Tenho certeza de que ele sabia que Deus possuía o poder de protegê-lo, mas não há nada no texto que indique que ele esperava um milagre. Por isso arriscou a vida para obedecer ao Senhor. Onde foi que encontrou tanta ousadia? Ele a recebeu

como fruto de sua comunhão com o Senhor e de uma fé inabalável nele, quer significasse vida ou morte.

Conheço crentes assim, pessoas que enfrentaram a bancarrota, o perigo físico e a perseguição psicológica por se terem mantido fiéis à verdade. Mas suportaram a perseguição firmes, porque tinham um relacionamento íntimo com Jesus Cristo.

Quais foram as palavras de Jesus a seus seguidores, pouco antes de ser levado para a cruz? “Permanecei em mim, e eu permanecerei em vós. Como não pode o ramo produzir fruto de si mesmo se não permanecer na videira, assim, nem vós o podeis dar, se não permanecerdes em mim.” (Jo 15.4.) Esse é o segredo para nos tornarmos eficientes representantes do Senhor - permanecer nele.

RESPEITAR O PRÓXIMO

Ao examinarmos a vida de Elias, muitas vezes não notamos sua atitude de respeito. Temos aí um homem que enfrenta reis e faz descer fogo do céu. Imaginamo-lo ousado, valente e loquaz.

No monte Carmelo percebemos claramente que ele gostava de um espetáculo. Mas ao entregar a mensagem de Deus ao rei Acabe, mostrou-se respeitoso, direto, contido e comedido. Se ele tivesse atacado verbalmente a Acabe, ninguém poderia criticá-lo, já que esse rei o recebeu com nítida irritação: “Já me achaste, inimigo meu?” (1 Rs 21.20.) E o rei nem era digno de respeito, pois, como nos informa o autor de 1 Reis: “Ninguém houve, pois, como Acabe, que se vendeu para fazer o que era mau perante o Senhor, porque Jezabel, sua mulher, o instigava; que fez grandes abominações...” (21.25,26.)

Não obstante, Elias falou-lhe com brandura e ao mesmo tempo com firmeza. ‘Achei-te...” (21.20.) Sem desejar irritar ainda mais o rei, entregou-lhe a mensagem de Deus, tratando-o com o respeito que poucos teriam por ele.

Em resposta, Acabe fez algo totalmente inesperado, humilhou-se perante o Senhor (21.27). Quem sabe o que se passou na cabeça de Elias quando viu o arrependimento de Acabe? Seria até natural que ele rejeitasse essa atitude do rei e a considerasse falsa. Mas a Bíblia não indica se foi assim que Elias a interpretou. Talvez o profeta estivesse convicto de que não lhe cabia julgar o coração de Acabe. É possível que ele se tenha lembrado de que até um rei perverso pode receber o perdão do Deus de misericórdia quando se humilha e deixa seus maus caminhos.

Tratar outros com respeito é sinal de autoconfiança. Se um indivíduo usa de força para conseguir o que deseja, provavelmente é uma pessoa muito insegura. Por outro lado, quem trata os outros com deferência, demonstra um domínio próprio que indica confiança. Aquele que controla a si mesmo não precisa intimidar os outros para sentir-se superior.

O exemplo máximo dessa atitude de respeito é o Senhor Jesus. Ele tinha autoridade para dar ordem ao vento e à chuva. Contudo humilhou-se perante as autoridades de seu tempo. “Pois ele, quando ultrajado, não revidava com ultraje; quando maltratado, não fazia ameaças...” (1 Pe 2.23.)

Da mesma forma, quando Pedro e João foram presos e levados perante o Sinédrio por haverem falado de Cristo, foram avisados de “que absolutamente não falassem, nem ensinassem em o nome de Jesus” (At 4.18). Admiro-lhes a atitude de respeito. Não reclamaram. Não retrucaram. Não tentaram manipular a Corte. Simplesmente responderam com educação e ousadia: “Julgai se é justo diante de Deus ouvir-vos antes a vós outros do que a Deus; pois nós não podemos deixar de falar das cousas que vimos e ouvimos.” (At 4.19,20.)

David Roper declara: ‘A maneira de expressar uma mensagem é tão importante quanto a mensagem em si. Há um vínculo indissolúvel entre ambas. Sem bondade, a verdade é simplesmente um dogma. Sem a verdade, a bondade é mero

sentimentalismo. Somente a verdade de Deus, dita com bondade e sinceridade, tem o poder de gerar harmonia."

Ninguém conquista respeito sendo o mais durão do bairro. Acabe foi um dos reis mais duros do Velho Testamento, mas poucos o respeitavam. Diante dele havia tremor, mas não temor. Não; foi Elias quem recebeu toda honra e popularidade. Por quê? Porque representava o Senhor. Por causa disso, foi-lhe possível tratar até mesmo Acabe com um respeito que ele não merecia. Ele demonstrou uma verdade que Isaías enunciou: "O efeito da justiça será paz, e o fruto da justiça, repouso e segurança, para sempre." (Is 32.17.)

REAPRESENTAR DEUS

Já vimos como a ousadia de Elias surgiu da convicção de que ele era representante de Deus, isto é, "representava" Deus ao colocar-se diante de Acabe. Ele reapresentou Deus ao rei.

Obviamente, Deus poderia ter se revelado a Acabe num encontro pessoal, como fez com Nabucodonosor, rei da Babilônia, ou com Saulo, na estrada para Damasco. Mas não sei se Acabe teria sobrevivido à experiência. Seu caráter parecia tão fraco, sua espiritualidade tão degenerada, que acho que se Deus aparecesse para ele teria caído de quatro. Por isso, misericordioso como é, Deus enviou um intermediário.

Foi um método bastante eficaz. Apesar de que nas ocasiões anteriores os encontros entre o profeta e esse rei devasso provaram ser infrutíferos, a mensagem do castigo atingiu-o em cheio. "Tendo Acabe ouvido estas palavras, rasgou as suas vestes, cobriu de pano de saco o seu corpo e jejuou; dormia em sacos e andava cabisbaixo." (1 Rs 21.27.) Percebe-se claramente que Acabe entendeu bem o recado. Finalmente, compreendeu que estava lidando com o Deus vivo. Elias representara Deus idoneamente.

Meu irmão, alguma vez você já pensou que Deus o está chamando para reapresentá-lo junto àqueles que o cercam? Paulo informa que “o deus deste século cegou o entendimento dos incrédulos, para que lhes não resplandeça a luz do evangelho da glória de Cristo, o qual é a imagem de Deus” (2 Co *4.4).* Está consciente disso? As pessoas tropeçam e caem na escuridão espiritual porque nunca viram a Deus. Como poderão encontrá-lo? Paulo ensina: “Porque Deus, que disse: Das trevas resplandecerá a luz, ele mesmo resplandeceu *em nosso coração..."* (2 Co 4.6 - grifo do autor.) Em outras palavras, os incrédulos vêem a Deus quando enxergam as obras que ele realiza em nossa vida.

Essa verdade enche-nos de ânimo! Quem é como eu, provavelmente, tem a tendência de pensar:

“Não olhe para mim! Não sirvo como exemplo de pessoa espiritual. Não sigo os passos de Cristo da forma como deveria. Tenho muitos defeitos, muitas falhas e erros demais para que alguém veja Deus em mim!”

Felizmente, o Espírito Santo anteviu a ansiedade que sentiriamos, porque inspirou o apóstolo a acrescentar uma cláusula: “Temos, porém, este tesouro em vasos de barro, para que a excelência do poder seja de Deus e não de nós.” (4.7.) Que alívio! Aquilo que ilumina o incrédulo espiritualmente é a luz de Cristo, e não o vaso que a contém.

Lembro-me de certa vez em que visitei uma senhora que me recebeu na luxuosa sala de estar de sua casa. Acho que ela devia ser uma decoradora de interiores, porque cada móvel, cada quadro, cada cortina, cada almofada e até cada fibra do tapete estavam impecavelmente arranjados. Contudo, ao reparar nos objetos que decoravam o ambiente, notei um lindo buquê de flores na mesinha. Não foram as flores que chamaram minha atenção, e sim o “vaso” no qual elas se encontravam - um vidro de maionese! Eu nem acreditava no que via. O que é que um vidro daqueles estava fazendo ali?

Nesse momento, a anfitriã entrou na sala, acompanhada de sua filha de cinco anos.

“Howard, gostaria de apresentar-lhe minha filha Christine. Ela estava ansiosa para conhecê-lo, porque sabe que você mora no Texas. Ela acha que no Texas só há cactos e areia (isso não é verdade!); por isso, colheu estas flores para que você visse flores de verdade. O pior é que ela as colocou no primeiro vidro que encontrou. Mas não importa. As flores é que contam.”

As flores eram de fato lindas. Mais tarde pensei que foi isso que Paulo quis dizer quando falou sobre nosso tesouro estar num vaso de barro. É o tesouro que conta, e não o vaso. Não passamos de um vidro de maionese nos quais a beleza de Cristo precisa ser exibida. Você aceita esse desafio? Aceita ser o vidro de maionese de Deus, um vaso simples mas funcional, em que ele pode se reapresentar a um mundo que necessita desesperadamente do Senhor?

Segunda Parte

Servindo a Nossa Geração

Capítulo Sete

O Mentor

Em 1919, um jovem soldado, que retornava da Guerra Mundial na Europa, alugou um pequeno apartamento em Chicago para descansar e recuperar-se dos ferimentos recebidos. Escolheu aquele apartamento por estar próximo da casa de Sherwood Anderson, um famoso escritor. Anderson havia escrito o livro *Winesburg, Ohio,* aclamado pela crítica, e todos conheciam sua boa vontade em ajudar escritores iniciantes.

Os dois tornaram-se bons amigos e, no decorrer de mais ou menos dois anos, encontravam-se quase diariamente. Eles almoçavam juntos, faziam longas caminhadas, debatiam sobre a arte do bem escrever até tarde da noite. Não raro o jovem levava amostras do seu trabalho para Anderson, e o veterano escritor fazia análises sinceras delas. O jovem escritor não desanimava. Ficava a ouvi-lo atentamente, e fazia anotações. Depois retornava à máquina de escrever para aprimorar o trabalho. Nunca tentava se defender, pois, como explicou mais tarde:

“Eu não sabia escrever. Só aprendi depois que conheci Sherwood Anderson.”

Uma das coisas que Anderson fez que mais ajudou seu jovem amigo foi apresentá-lo a seus companheiros do mundo editorial. Não demorou muito e o jovem passou a escrever por si mesmo. Em 1926, publicou sua primeira obra que foi grandemente elogiada pela crítica. O título do livro era *The Sun Also Rises* (O sol também nasce); e o nome do autor, Ernest Hemingway.

Mas esperem! A história não termina aqui. Depois que Hemingway deixou Chicago, Anderson mudou-se para Nova Orleans. Lá, conheceu outro escritor, um poeta com uma sede insaciável de aperfeiçoar seu estilo. Anderson instruiu-o da mesma forma que havia feito com Hemingway: lendo-lhe as obras,

criticando, analisando, discutindo e animando-o. Deu ao jovem livros de sua autoria e o aconselhou a que os lesse cuidadosamente, tomando nota das palavras, temas e desenvolvimento do caráter das personagens e da narrativa. Após um ano de relacionamento, Anderson ajudou-o a publicar seu primeiro livro, *SoldierPay* (Soldo). Três anos mais tarde aquele novo talento, William Faulkner, escreveu *The Sound and the Fury* (O som e a fúria), que logo se tornou uma obra-prima da literatura americana.

O papel de Anderson como mestre daqueles que desejavam escrever não parou aí. Na Califórnia, trabalhou vários anos com Thomas Wolfe, um escritor de peças teatrais, e com outro jovem escritor, chamado John Steinbeck, entre outros. No total, três de seus pupilos receberam o Prêmio Nobel de literatura, e quatro, o Prêmio Pulitzer. O famoso crítico literário Malcolm Cowley disse que Anderson foi “o único escritor de sua geração que deixou a marca de seu estilo e visão na geração seguinte”.

O que fez com que Anderson dedicasse seu tempo e conhecimento tão generosamente à geração mais jovem? Um dos motivos pode ser que ele mesmo havia sido instruído e influenciado por outro escritor mais velho, o grande Theodore Dreiser. Além disso, passou também uma temporada considerável em companhia de Carl Sandburg.

Acho essa fórmula interessantíssima! Ela não só exemplifica minha própria experiência como também apresenta o que acredito seja um princípio fundamental da experiência humana. Trata-se do fato de que um dos meios mais poderosos de causarmos impacto no futuro é influenciarmos a vida de alguém, num relacionamento de mentor e pupilo.

“Mentorear” não é palavra que encontremos na Bíblia, mas o princípio é exemplificado tanto no Velho como no Novo Testamento. Na realidade basta olhar para o relacionamento entre

o profeta Elias e seu sucessor Eliseu, para termos um exemplo perfeito.

Voltemos à caverna onde Elias ouviu o cicio de Deus. Como estava o profeta nesse momento? Estava cansado, confuso e desanimado: “E eu fiquei só”, disse ele a Deus, “e procuram tirar-me a vida.” (1 Rs 19.14.)

Apenas parte do que disse era verdade. Sua vida estava em perigo, isso era fato. Mas o Senhor revelara que sete mil pessoas haviam se recusado a adorar Baal. Um deles o Senhor mencionou pelo nome: “Eliseu, filho de Safate, de Abel- Meolá, ungirás profeta em teu lugar.” (19.16.)

Muitas pessoas, ao ler essa passagem, têm a tendência de acreditar que a carreira de Elias estava encerrada, que Deus estava lhe dizendo:

“Olha, Elias, não preciso mais de você. Encontrei um jovem para substituí-lo. Mas, antes de ir para casa, por favor, vá avisá-lo de que ele será o novo titular.”

Contudo eu gostaria de oferecer uma interpretação diferente - uma que seja um pouco mais esperançosa. Ao nomear um sucessor para Elias, Deus estava provando sua fidelidade. Estava dizendo a Elias que seus esforços não haviam sido em vão. O futuro estava às portas. Melhor ainda, que ele próprio teria o privilégio de abrir as portas daquele futuro passando a tocha a Eliseu.

Na minha opinião, esse é o maior benefício de instruirmos outro indivíduo. Ao fazê-lo, estamos deixando uma herança àqueles que virão. Enquanto o Senhor não voltar, mais cedo ou mais tarde, todos nós passaremos desta vida. Isso é certo. O que temos de pensar, então, é: Qual será o nosso legado? A maioria das pessoas responde a essa pergunta elaborando um testamento. Mas, amigo, o testamento cuida apenas dos bens dispensáveis que acumulamos na terra. A pergunta mais profunda é: Qual será nosso legado pessoal para a próxima geração?

Não faz muito, um senhor chamado Walt morreu na cidade de Filadélfia. Walt tinha muitos familiares, mas nenhum deles famoso. Não possuía muitos bens, porque, apesar de aposentado, seu salário de fabricante de parafusos nunca lhe permitira excessos. Não deixou livros ou qualquer outra obra literária, pois completara apenas a 6.ª série. Em suma, a morte de Walt não mudou o curso da humanidade. Duvido que seu obituário no jornal tenha ocupado mais que uma ou duas linhas.

Mas acredite-me, aquele homem continua tendo um impacto profundo no cristianismo. E foi só isso que ele sempre desejou. Quando jovem, Walt fundou uma classe de escola dominical para meninos. Não era muito grande e a congregação da igreja de que fazia parte também não era digna de nota. Contudo, dos treze alunos da classe de Walt, onze entraram para o serviço cristão, muitos dos quais ainda trabalham para o Senhor. Eu sei, porque sou um deles.

É isso que chamo de legado! Mas não aconteceu por acaso. Walt criou um legado investindo na vida de meninos que precisavam de um professor, um mestre, um amigo, uma figura paterna. Assim é o mentor; uma pessoa que ajuda outra a desenvolver-se e crescer. Pode ser através de um relacionamento formal, como entre o professor e o aluno, ou num relacionamento informal, como no de Walt e seu grupo de garotos. Em cada caso, mentorear é manter um relacionamento no qual uma pessoa investe de si mesma na vida de outro.

Era isso que Deus estava pedindo a Elias que fizesse, pois Israel precisaria de um profeta depois que Elias partisse. Creio que a aplicação disso aos nossos dias é que Deus está convocando a mim e a você para sermos mentores, porque ele precisará de outras pessoas dispostas a servi-lo depois que partirmos.

E a necessidade nunca foi tão grande. Consideremos, por exemplo, o fato de que 40% das crianças nos Estados Unidos acham-se separadas de seus pais biológicos. David Blankenhorn,

em seu livro *Fatherless America* (América órfã), divulga os resultados dessa pesquisa. Enquanto no ano de 1950 a figura do pai estava ausente em apenas 6% das famílias, hoje essa taxa subiu para 24%. A verdade é que em muitos bairros de periferia nas grandes cidades *a figura do pai está completamente extinta!*

Quem será o exemplo de figura paterna para esses meninos? Quem os ensinará o valor da palavra de um homem? Quem ensinará o que é ser homem para os meninos que se encontram na mesma situação em que me vi quando criança? Graças a Deus tive o Walt que me ensinou. Sem ele, eu poderia ter vivido, morrido e passado a eternidade sem Cristo, e ninguém teria se importado. Mas o que sou hoje devo em grande parte à influência desse homem.

Mas não são apenas as crianças de lares desajustados que precisam de mentores. Até mesmo os filhos de boas famílias precisam de ajuda. Eu e Jeanne, minha esposa, gostamos de pensar que demos aos nossos quatro filhos tudo de que precisavam na vida. Mas, se formos realistas, temos de admitir que isso não é verdade. É uma tarefa impossível. Não importa o quanto os pais são zelosos. Todos os pais, até os melhores, precisam da ajuda de outros adultos para ensinar a seus filhos aquilo que eles não podem passar-lhes. Falamos dos talentos que eles não possuem, dos hábitos que não cultivaram, da sabedoria que lhes falta, das experiências que não tiveram. É esse papel que um mentor pode preencher.

E nas igrejas há uma necessidade enorme de mentores. Como professor de seminário, tenho tido o privilégio de observar os futuros líderes cristãos lutando para vencer a batalha. Mas, anos atrás, descobri algo que me perturbou profundamente. Notei que poucos desses alunos tiveram mentores. A maioria deles tem a mesma história para contar:

“Professor, nunca tive ninguém que me desse o exemplo. Nunca tive alguém cujos passos pudesse seguir.”

Ouço o mesmo depoimento dos integrantes do movimento *Promise Keepers* (“Cumpridores de Promessa”), do qual tenho a honra de fazer parte. Pude falar desse assunto em diversas conferências e retiros para treinamento de líderes e vários deles dizem:

“Daria *qualquer coisa* para ter um mentor! Quem se dispõe?!”

Percebo com júbilo que há um desejo crescente de relacionamento entre mentor e pupilo, mas perturba-me a ausência da figura do mentor em nosso meio porque é através desse relacionamento que os crentes crescem e alcançam maturidade. Infelizmente, existe ainda a falsa impressão de que o melhor meio para que os crentes se tornem espiritualmente maduros é matriculá-los em cursos sobre maturidade espiritual. Oferecemos-lhes livros sobre o assunto. Ensinamos-lhes as passagens bíblicas que exemplificam a maturidade. Marcamos pesquisas e trabalhos. Não há nada de errado com tais coisas. Mas a verdade é que o crescimento espiritual raramente resulta da assimilação de informações.

Se não fosse assim, poderiamos ter transformado o mundo há muito tempo, pois já publicamos vários milhões de livros. Mas assim como conhecer a Cristo requer *relacionamento*, o crescimento em Cristo também o requer. E um mentor é aquele que melhor pode ajudar-nos nesse relacionamento com o Senhor. Isso se deve ao fato de que a maioria das pessoas não precisa ter mais conhecimento. O de que precisamos realmente é deixar que outros nos conheçam. Não precisamos de mais regras para seguirmos. O de que precisamos de fato é que *alguém* nos ajude nisso. Precisamos de alguém que acredite em nós, permaneça conosco, nos guie e represente Cristo para nós. Precisamos do apoio, da sabedoria, do exemplo e da força de um mentor. Precisamos de seu sorriso, de seus abraços, de sua repreensão e de suas lágrimas.

Creio que foi isso que Elias deu a Eliseu. As Escrituras não lhes descrevem detalhadamente o relacionamento. Mas gostaria de ressaltar três maneiras pelas quais Elias mento- reou seu sucessor, e com isso ensinou a fórmula àqueles que precisam influenciar a geração mais jovem.

Em primeiro lugar, *Elias tomou a iniciativa.* O versículo 19 é claro: “Partiu, pois, Elias dali e achou a Eliseu, filho de Safate...” Gosto dessa atitude. Num ato de obediência à instrução de Deus, o profeta foi procurar Eliseu e o encontrou lavrando o campo. Então Elias lançou seu manto sobre ele, um gesto que simbolizava que Eliseu o sucederia. Elias *agiu.* Não esperou que Eliseu o procurasse. Não pensou:

“Eu sou o mestre. Se esse rapaz quiser seguir meus passos, vai ter que me procurar e pedir minha ajuda.”

Não; ele foi atrás de seu sucessor. E quando o encontrou, não escondeu suas intenções.

O mundo de hoje necessita de gente assim. Como eu já disse, onde quer que vá, escuto a mesma pergunta:

“Onde posso arranjar um mentor?”

E ao mesmo tempo, ouço os mais velhos perguntando: “Como é que posso ajudar?”

Será que não é óbvio? Mas a verdade é que se os mais velhos não tomarem a iniciativa, haverá poucos relacionamentos entre mentor e pupilo. Por quê? Porque muitos pupilos se sentem constrangidos. Receiam pedir ajuda. Alguns receiam rejeição.

Outros nem mesmo se sabem candidatos. Por isso, quando uma pessoa mais velha toma a iniciativa, é dado o primeiro passo para que se forme ali um sólido relacionamento.

Mas gostaria de contar um segredo. Muitos daqueles que possuem as qualidades de um mentor, sentem-se intimidados pelo processo de mentorear. Muitos se encontram no banco de reserva, pensando:

“Não tenho nada a oferecer. Não tive educação formal. O que é que vou dizer?”

Mas quem tem alguma experiência de fé, quem aprendeu lições na vida, possui muito mais a oferecer do que imagina. Lembremos que mentorear não é uma questão de transferir informação, mas uma questão de caminhar com a pessoa e auxiliá-la em seu crescimento.

“Mas a quem devo instruir?” alguém pergunta.

O Senhor deu instruções claras a Elias quanto a seu sucessor. Como é que nós hoje saberemos identificar aqueles que poderiam beneficiar-se de um relacionamento conosco? Mais adiante, ressaltaremos algumas das qualidades de Eliseu que dão a resposta a essa pergunta. Antes de prosseguirmos, gostaria de sugerir a você que me lê que ore a esse respeito. Lembre-se de que Elias orava constantemente. É bem provável, pois, que tenha passado bastante tempo orando e pedindo a Deus que lhe indicasse quem deveria receber seu manto para tornar-se o próximo profeta de Israel. Se assim foi, o Senhor lhe respondeu instruindo-o no tocante à escolha do sucessor, junto à caverna do monte Horebe.

Assim que pedirmos a Deus que nos mostre de quem devemos aproximar-nos, vamos abrir os olhos e tentar identificar alguém que pareça desejar crescer. Pode ser que percebamos isso através de algo que a pessoa disser. Ou talvez lhe notemos o desejo de aprender mais, ou uma vontade e prontidão para ouvir. O mais importante é que percebamos nela um *desejo* real de aperfeiçoar-se diante de Deus.

Lembro-me de um de meus alunos, anos atrás, que sempre se assentava numa carteira da primeira fila durante minhas aulas. Fazia perguntas sem parar, algumas das mais inteligentes que já ouvi. Depois da aula, vinha conversar comigo e perguntava mais e mais. E se me encontrava no corredor, não deixava passar a oportunidade de aprender ainda mais. Ao mesmo tempo, seus

trabalhos e pesquisas mostravam não apenas um profundo interesse no assunto, mas aplicação prática em sua caminhada com Cristo. Nem é preciso dizer que me foi fácil arranjar tempo para ele. Aquele aluno estava mais que motivado para aprender e crescer. Sabe como ele se chama? Charles Swindoll. Hoje Charles é o diretor do seminário onde leciono e é conhecido internacionalmente por sua sabedoria na interpretação da Palavra de Deus.

Poderia falar sobre muitos outros alunos como ele, os quais tive o privilégio de influenciar. O fator que possuíam em comum era o desejo de crescer. Sempre que percebia isso em algum deles sentia desejo de me colocar à disposição desse aluno. É por isso que sugiro que busquemos essa qualidade nos homens e mulheres que Deus coloca em nossa esfera de influência - em nossa igreja, em nosso bairro, na comunidade, em nosso trabalho. Sempre que percebermos que alguém tem sede de crescer tanto espiritualmente como em outras áreas, pensemos em que podemos fazer para ajudá-lo. Pode ser que esse indivíduo seja alguém que o Senhor escolheu para nós.

Isto nos coloca diante do segundo aspecto da atitude de Elias no tocante a Eliseu. *Elias se mostrou disponível.* Depois que ele, cerimoniosamente, depositou seu manto sobre Eliseu, diz o texto que o jovem lavrador deixou os bois e correu após o profeta (19.20). Mais tarde, depois de despedir-se de seus pais, Eliseu seguiu Elias e o servia (19.21). Dessa forma, Eliseu passou a caminhar com ele, e percebe-se que o experiente profeta investiu de si na preparação do jovem pupilo.

O relacionamento entre eles foi o que mais contribuiu para influenciar Eliseu. Sabe por que tenho a certeza disso? Porque naqueles dias não havia livros nem fitas cassetes. A “única” coisa que Elias podia fazer era oferecer-se a si mesmo. Sinceramente, isso foi uma bênção. Forçou os dois homens a lidar um com o outro frente a frente. Hoje em dia, se o indivíduo não escreveu um *best-*

seller, se não tem um programa de rádio ou televisão e não produziu uma série para estudos, todos supõem que ele não terá impacto na vida de ninguém. Mas minha experiência mostra que embora esses meios de aprendizagem sejam eficazes, nada substitui o valor de um relacionamento pessoal. Mesmo quem não é um comunicador eloqüente, não deve desanimar. Poderá ter uma influência incrível nas pessoas, se partilhar com elas sua própria experiência de vida.

Mas isso vai exigir tempo. Aposto que tendo lido isso, alguns possíveis mentores já estão se escondendo.

"Sou muito ocupado!"

Contudo, ao sugerir que seja um mentor, não estou pedindo que acrescente mais uma tarefa à sua agenda. Acredite-me, sei o que é ser um homem ocupado! Mas em vez de tentar acrescentar mais uma tarefa à sua vida, sugiro que mude de tática e passe a tratar os relacionamentos que já possui de forma diferente.

Digamos, por exemplo, que há um rapaz novo na firma onde você trabalha e que, ao conversar com ele, descobre que ele tem um grande amor pelo Salvador. Ele se abre e descreve seu desejo de crescer espiritualmente. Será que você poderia ajudá-lo? É bem provável que sim, e isso não tomaria muito do seu tempo. Afinal de contas, ambos almoçam todo dia, certo? Que tal convidar o rapaz para almoçar com você? Não é preciso "fazer" muitas coisas juntos (a menos que ambos desejem isso). Podem simplesmente conversar sobre aquilo que têm em comum - sua fé em Cristo e sua vida cristã. Garanto que com o tempo você exercerá uma profunda influência na vida daquele indivíduo, não apenas através do que fala, mas pelo fato de mostrar interesse e prestar atenção ao que ele diz. Lembremos que mentorear é um relacionamento, não um item em sua lista de afazeres.

Há ainda um terceiro ponto naquilo que Elias fez para influenciar Eliseu: *Serviu-lhe de modelo.* Para mim, esse é o principal aspecto do processo. Como bem demonstrou o pesquisador Albert

Bandura, a imitação é a forma de aprendizagem inconsciente de maior impacto. As pessoas com quem convivemos se esquecem daquilo que dizemos, mas raramente se esquecem do que fazemos. Por isso seja qual for o comportamento que tivermos perante nosso pupilo, será isso que ele provavelmente imitará ou, em alguns casos, rejeitará.

Elias deu a Eliseu a oportunidade de observá-lo em ação. Não sabemos exatamente quanto tempo transcorreu entre a convocação de Eliseu e a dramática partida de Elias na carruagem de fogo (2 Rs 2.1-12). Contudo sabemos que durante todo aquele período Eliseu permaneceu na companhia de Elias. Por isso ele, provavelmente, estava presente quando Elias teve o confronto com Acabe acerca do assassínio de Nabote e viu como Acabe se arrependeu e humilhou perante o Senhor (1 Rs 21.17-29). Da mesma maneira, é provável que acompanhasse Elias quando este foi enviado a Acazias, filho de Acabe, para avisá-lo das conseqüências de seu desejo de consultar os ídolos filisteus, em vez de buscar o Senhor Deus de Israel (2 Rs 1.1-17). Essas são apenas duas das inúmeras experiências que os dois compartilharam. Pensemos no quanto Eliseu deve ter aprendido através delas.

De maneira semelhante, o que alguém poderia aprender por nosso intermédio? Talvez possa aprender o valor da oração em momentos de crise, ou o que significa a fidelidade conjugal, ou qual é o padrão bíblico para nossa conduta no trabalho, ou como introduzir o evangelho a um incrédulo, ou mesmo como suportar a dor da perda de um ente querido. No dia-a-dia temos incontáveis oportunidades com que exemplificar o padrão de Cristo para um jovem na fé. Será que estamos permitindo que Deus nos use para que eles aprendam conosco?

Examinemos agora o outro lado da moeda. Talvez o leitor seja mais como Eliseu do que como Elias. Talvez sinta que gostaria de ter alguém que primeiro lhe orientasse os passos iniciais e só mais

tarde assumisse de vez o papel de mentor. Se essa é sua situação, vejamos a contribuição de Eliseu para o relacionamento.

Em primeiro lugar, ele *estava motivado.* Verificamos isso quando Elias o chamou: "... deixou este os bois, correu após Elias..." (19.20.) Em outras palavras, ele deixou o que estava fazendo para seguir o homem de Deus. Mais ainda, não se limitou a caminhar tranqüilo em direção ao profeta; correu atrás dele, como se não quisesse perdê-lo de vista. Essa atitude indica que Eliseu estava pronto para aceitar o desafio do crescimento.

E você? Certa vez um amigo contou-me os problemas que enfrentava em seu casamento. Passamos um bom tempo conversando sobre os conflitos do relacionamento. Concluímos que havia três ou quatro aplicações práticas que ele poderia executar imediatamente e que provavelmente melhorariam a situação. Na semana seguinte ele retornou ao meu gabinete com as mesmas reclamações.

- Tentou colocar em prática aquilo que sugeri? perguntei.
- O que, por exemplo? indagou confuso.

Conversamos novamente sobre os problemas e as soluções. Finalmente, depois de concordar comigo, ele saiu. Contudo ao retornar na semana seguinte, a situação continuava a mesma! Apesar dos problemas, ele não havia colocado em prática nenhuma das sugestões.

- Francamente, creio que não posso ajudá-lo, disse-lhe.

Na realidade, creio que ninguém pode ajudar uma pessoa assim. Ele queria reclamar, mas não queria mudar. Queria soluções teóricas, mas não aplicações práticas.

A reação de Eliseu foi completamente diferente! Era um jovem que estava ansioso para crescer.

Uma segunda qualidade, que marca Eliseu como um candidato ideal para pupilo, é sua *humildade.* O texto diz que Eliseu se tornou servo de Elias (19.21). Em outros textos do Velho Testamento, essa palavra é traduzida como "atendente" ou "servo", como no

caso do menino Samuel, que “ficou servindo ao Senhor, perante o sacerdote Eli” (1 Sm 2.11). O fato é que Eliseu servia a Elias. Buscava atender às suas necessidades enquanto aprendia com ele.

A atitude de servo requer humildade. É fácil imaginar que se Eliseu não fosse humilde, poderia ter-se orgulhado do fato de que o manto da liderança acabaria sobre ele.

“Pois é, em breve serei o representante de Deus aqui na terra. Serei eu quem fará descer fogo do céu. Estou feito! Não preciso desse velho. Seus dias estão contados. Agora é minha vez!”

Mas não, Eliseu assumiu o papel de servo, cuidando de fazer aquilo que seu mentor precisava.

Meu amigo, não sei que talentos você tem, mas sei que talento sem humildade é como um avião em pane. Seu fim é certo. Uma das formas mais eficazes de prevenir acidentes, é colocar-se sob a tutela de um indivíduo maduro e experiente e assumir o papel de servo dele. Isso não significa que você tem de negligenciar os dons que Deus lhe deu. Mas significa que terá que passá-los pelo filtro da humildade. Assim que provar que é confiável no pouco, estará pronto para assumir responsabilidades maiores.

Paulo aconselhou seu próprio pupilo Timóteo: “E o que de minha parte ouviste através de muitas testemunhas, isso mesmo transmite a homens *fiéis* e também *idôneos* para instruir a outros.” (2 Tm 2.2 - grifo do autor.) O que ele estava querendo dizer é: Não tenha muita pressa em delegar responsabilidades e posições de liderança baseando-se apenas em talentos. Veja também se a pessoa é sensata e fiel para não permitir que o sucesso lhe suba à cabeça.

É fácil identificar os humildes. Eles nunca têm a pretensão de saber tudo. Algumas pessoas têm sempre uma resposta para todo e qualquer problema. Portanto não se permitem aprender com outros. Mas os humildes reconhecem que há sempre lugar para mais aprendizagem e crescimento. Os humildes estão prontos a

admitir que podem aprender com os outros, sobretudo com aqueles que possuem mais experiência que eles. É esse tipo de pessoa que está pronto para receber a ajuda de um mentor.

Examinemos agora a qualidade final de Eliseu: ele era incrivelmente *leal.* Permaneceu com Elias até o fim. Três vezes teve a oportunidade de deixá-lo, mas a cada uma delas respondeu: “Tão certo como vive o Senhor e vive a tua alma, não te deixarei.” (2 Rs 2.2,4,6.)

A lealdade revela o caráter de uma pessoa. No capítulo anterior, relatei que Ernest Hemingway aprendeu a escrever com Sherwood Anderson. Infelizmente, essa história tem um final triste. Depois de alcançar fama internacional, Hemingway debochou de seu mentor. Ridicularizou-o publicamente, talvez para provar ao mundo que não precisava mais dele. Mas esse comportamento foi deplorável e Hemingway nunca admitiu completamente o que havia feito. Anos mais tarde, finalmente, deu crédito a seu predecessor, mas continuou recusando-se a pedir-lhe perdão. O comportamento de Hemingway é trágico porque, através de suas obras, ele demonstrou que entendia o valor da lealdade. Infelizmente, seu comportamento contradisse seu entendimento.

A lealdade é um fator indispensável ao caráter do pupilo, porque o relacionamento entre ele e o mentor é como uma balança. Assim como acreditamos em nosso mentor, ele por seu lado deposita certa medida de confiança em nós. Está nos dando parte de seu tempo, sabedoria, conhecimento, dinheiro, aceitação e outros recursos. Agindo assim, está dizendo:

“Confio em você. Conto com você para tomar estes dons e usá-los para tornar-se como Deus deseja que você seja.”

Esse tipo de investimento mostra que o mentor acredita que seu pupilo pode carregar o fardo da responsabilidade. Este, por sua vez, terá a oportunidade de demonstrar que tipo de pessoa é pela maneira como lidar com ela.

Alguns definem mentorear como o processo pelo qual uma pessoa mais velha ajuda um jovem a alcançar o sucesso. Há certa verdade nisso, mas prefiro interpretar essa tarefa de outra maneira. Em vez de restringir-se ao sucesso, creio que mentorear diz respeito à consecução de valor, de sentido. A diferença é que o sucesso diz respeito ao atingimento de nossos objetivos, ao passo que para dar sentido à vida temos de ser bênção para outros. Quantos já alcançaram seus objetivos mas continuam incertos do valor de sua vida para a humanidade?

É por isso que insisto nesse assunto. Mentorear é bom tanto para o mentor quanto para o pupilo. Na última ocasião em que Elias e Eliseu estiveram juntos, Eliseu viu o profeta sendo levado para o céu num redemoinho, por um carro de fogo (2 Rs 2.11). Quem saberia dizer o que Elias estaria pensando naquele momento? Creio que tudo que dizia respeito ao mundo ia perdendo a importância para ele. Não obstante, o profeta deve ter chegado ao fim de sua vida com um profundo senso de seu valor. Não apenas porque realizou muita coisa, mas acima de tudo porque deixava para trás um legado - um homem em cuja vida havia investido. Como já passei por experiência semelhante, posso assegurar que existem poucas coisas na vida que são mais gratifi- cantes que isso.

Quanto a Eliseu, ele também adquiriu um profundo senso de valor próprio através do relacionamento. Isso fica claro logo no início, quando tomou o manto que Elias deixara cair e disse: “Onde está o Senhor, Deus de Elias?” (2.14.) Que cena impressionante! Ela indica que Eliseu herdou mais que a posição de Elias como profeta; herdou também o conhecimento do poder de Deus. Ninguém poderia desejar mais que isso.

Meu irmão, você gostaria de ter uma comunhão mais íntima com Cristo? Se o deseja, sugiro que procure um mentor. É claro que ele nunca tomará o lugar do Salvador, mas poderá ensiná-lo a buscar o Senhor por suas próprias experiências.

Capítulo Oito

O Ministério

Um dos vocábulos mais erroneamente empregados hoje é “ministro” (do evangelho). Muitos o empregam quando se referem a um “pastor” ou “reverendo”, mas, ao fazê-lo, revelam falta de conhecimento fundamental do seu significado. Creio que ficariam surpresos se soubessem que a palavra “ministro” vem do latim *minus* e significa “servo” ou “ajudante”, ou seja, designa alguém de posição inferior (menor), cujo trabalho é servir, e não ser servido.

Não estou querendo dizer que os pastores e aqueles que trabalham no serviço cristão não estejam cumprindo seu papel de servos. Mas a maioria das pessoas, diria até mesmo a maioria dos crentes, considera os pastores como o “primeiro time” de Deus, aqueles cujo encargo é executar o trabalho de maior importância, enquanto o restante dos crentes assiste da arquibancada.

Mas essa definição comum hoje em dia é completamente diferente da perspectiva bíblica. Ao lermos Efésios 4, encontramos quatro categorias de pessoas mencionadas de acordo com seus dons: apóstolos, profetas, evangelistas e pasto- res-mestres. O Novo Testamento informa, em diversas passagens, que cada crente recebe dons do Espírito Santo (veja 1 Coríntios 12.7). Mas aqui Paulo identifica esses quatro dons por sua função singular: “Com vistas ao aperfeiçoamento dos santos para o desempenho do seu serviço...” (Ef 4.12.)

Essa passagem revela dois fatos importantes. O primeiro é que a função de realizar o serviço foi dada para o povo de Deus, comumente chamado de “leigos” (*laos* = povo). Ou seja, ministrar é primeiramente função do povo de Deus, não do corpo pastoral. O segundo fato é que a principal função que Deus deu aos líderes é a de aperfeiçoar os santos para o serviço.

Inexplicavelmente, revertemos as funções do clero e do povo e as consequências são óbvias. Encontro pastores que estão praticamente desmaiando de cansaço. Eles respiram fundo e dizem:

- Ah irmão Hendricks, não consigo fazer mais nada para motivar minha congregação!

- Qual é o problema? pergunto.

Muitas vezes descubro que o pobre pastor está se desgastando, executando tarefas que deveriam estar sendo realizadas pela congregação, tudo em nome do "servir" aos membros da igreja. Mas quando escuto algo assim, sinto que devo responder:

- Amigo, assim você não está servindo a eles; está é prestando-lhes um desserviço! Está tomando para si a responsabilidade que cabe *aos crentes.* Com isso, fica sem tempo para realizar a tarefa que Deus lhe atribuiu.

Se eu pudesse mudar alguma coisa na igreja de hoje, passaria a convocar os membros para desempenharem a função de ministrar. Não para fazer o trabalho que os pastores fazem, mas para executar a obra do Senhor. Como Elton Trueblood afirma, na primeira Reforma, colocou-se a Palavra de Deus nas mãos do povo. Agora precisamos de uma segunda Reforma para colocar o serviço de Deus nas mãos do povo.

Permita-me dar uma definição: *ministrar significa orientar as pessoas na direção de Jesus Cristo.* Precisamos trazer para dentro do círculo da fé aqueles que estão fora dele. Aqueles que estão do lado de dentro da fé, mas longe de Cristo, precisam aproximar-se mais dele. Essas tarefas pertencem aos membros da igreja, e não aos pastores. Ninguém precisa tornar-se funcionário de uma igreja ou de uma organização cristã para ministrar. Para ser franco, creio que seria até melhor que isso não ocorresse, porque as pessoas possuem a tendência de pensar que como os pastores recebem salário, têm de trabalhar, mas o restante da congregação não tem responsabilidade alguma.

Há quatro episódios da vida de Eliseu que nos ajudam a compreender melhor o ministério cristão. Talvez suponhamos que por ser Eliseu um profeta do Velho Testamento, ele estivesse no "primeiro time" de Deus, e portanto numa categoria diferente da nossa. Sem dúvida, ele foi divinamente escolhido para uma tarefa específica. Mas os princípios pelos quais ele conduziu seu ministério aplicam-se a todos nós.

Vejamos a situação. Quando Elias vivia seus últimos dias, ele percorreu com Eliseu um circuito que começa em Gilgal (que fica a nordeste de Jericó), segue em direção leste até Betei (mais ou menos 16 km ao norte de Jerusalém), e a seguir dirige-se rumo oeste, a Jericó, e finalmente, um pouco mais adiante, chega ao rio Jordão (2 Rs 2.1-6).

Quando passaram por Jericó, eles se encontraram com cinqüenta profetas que habitavam a cidade (2.7). Naqueles dias, muitas vezes os profetas reuniam-se em grupos e cada grupo possuía um líder. Aparentemente, o líder desses profetas era Elias. E por que não? Elias vencera Acabe, exterminara os profetas de Baal e restaurara o culto a Deus. Por isso, quando ele e Eliseu se aproximaram, o grupo correu para o Jordão, pronto a testemunhar o que estava por acontecer.

E não ficaram decepcionados. Primeiro Elias bateu na água com seu manto e o rio se dividiu (2.8). Isso nos lembra um incidente semelhante. Quem conhece bem a Bíblia, deve recordar-se de que Josué havia dividido o Jordão anteriormente, para permitir que os israelitas entrassem na Terra Prometida (Js 3.16,17) - curiosamente um milagre ocorrido bem perto do local onde Elias e Eliseu agora passavam. Por isso, desde o início percebemos o simbolismo do que está para acontecer.

Mas há mais porvir. Inicialmente vemos o pedido de Eliseu para herdar "porção dobrada" do espírito de Elias (2 Rs 2.9). Alguns interpretam esse pedido como o desejo de operar duas vezes mais milagres que Elias, ou ser duas vezes mais eficiente no ministério.

Isso é errado. A interpretação mais acurada é a de que Eliseu estava pedindo o que todo filho primogênito de um israelita tinha o direito de pedir - uma porção dobrada da herança da família (Dt 21.17). Elias não tinha família, portanto era de se esperar que perguntasse a Eliseu:

"O que você gostaria de receber antes da minha partida?"

Sabemos que o profeta não possuía bens materiais, assim sendo era natural que Eliseu pedisse a única coisa que Elias possuía - a autoridade e o poder do Deus vivo.

Logo a seguir, aparece uma carruagem de fogo e o Senhor leva Elias em meio a um redemoinho (2 Rs 2.11). Eliseu reconheceu imediatamente que seu "pai" espiritual se fora, levado pelas mãos de Deus. Atordoado, tomado de dor e de pesar, rasgou suas vestes, como era costume daqueles dias (2.12).

Nesse momento, teve início o ministério de Eliseu. A primeira coisa que ele fez foi pegar o manto de Elias, que havia caído. Caminhou de volta para a banda leste do rio Jordão, feriu as águas e disse: "Onde está o Senhor, o Deus de Elias?" (2.14.) E as águas se dividiram, um sinal claro que lhe fora concedido porção dobrada do espírito de Elias.

Esse é o primeiro princípio que notamos no ministério de Eliseu - o princípio da *comissão.* Eliseu agiu, não com base em sua própria autoridade, mas com base no fato de que Deus tem a posse de sua vida. Essa é a única maneira de obter sucesso no ministério. Se nossa intenção é realizar o trabalho de Deus, precisamos certificar-nos de que Deus nos convocou para fazê-lo. Do contrário, o trabalho será nosso, e não do Senhor.

Foi exatamente isso que Josué teve de aprender. Como Eliseu, ele foi o sucessor de um grande líder. E como Eliseu, também abriu as águas do Jordão. E ainda como Eliseu (como veremos em breve), a primeira parada de Josué em Canaã foi na cidade de Jericó. Todos conhecemos bem a história da queda das muralhas de Jericó, quando os israelitas marcharam ao redor da cidade por

sete dias. Mas talvez nem todos conheçam a parte da história que relata o que aconteceu pouco antes que os israelitas sitiassem a cidade.

Josué caminhava sozinho quando se viu frente a frente com um homem armado. Surpreendido e ciente de que estava em território inimigo, o general desembainhou sua espada e perguntou: “És tu dos nossos ou dos nossos adversários? Respondeu ele: Não; sou príncipe do exército do Senhor e acabo de chegar.” (Js 5.13,14.) O visitante celestial então ordenou que Josué tirasse os sapatos, porque o lugar em que estava era santo (5.15).

Alguns acreditam que esse homem era um anjo. Outros crêem que era o próprio Senhor Jesus Cristo no Velho Testamento. Seja qual for o caso, o visitante disse a Josué que a batalha não pertencia a ele, mas ao Senhor. Josué não estava lá para impor conquistas ao nível humano, mas para obedecer a uma comissão divina. O Senhor não estava lá para receber ordens, mas para assumir o controle!

Essa é a premissa fundamental, em que todo ministério deve basear-se. Se alguém não tem certeza absoluta de que está fazendo a vontade do Senhor, os resultados serão desastrosos. Ademais, se obtiver êxito, irá vangloriar-se de suas realizações. Se a situação tornar-se muito difícil, abandonará o barco. Qualquer que seja o resultado, o nome de Deus não será glorificado.

Como podemos saber se nosso ministério é do Senhor? Em primeiro lugar, temos de orar muito a respeito do assunto. Como diz Bobb Biehl, aquilo que nos faz chorar ou faz ferver nosso sangue; o problema, assunto ou oportunidade que falam tanto ao nosso coração, a ponto de clamarmos a Deus: “Senhor, precisamos fazer alguma coisa a respeito!” - eis as causas pelas quais Deus deseja que trabalhemos.

Além disso, quais são nossos dons? Que habilidades Deus nos concedeu que poderemos usar estrategicamente para solucionar os problemas pelos quais temos orado tão fervorosamente? Todo

crente recebe do Espírito Santo dons para ministrar no corpo de Cristo e através dele. Você sabe quais são seus dons? Se sabe, está exercitando-os?

Outro meio de determinarmos que ministério o Senhor deseja que exerçamos é considerar o conselho de líderes espirituais maduros. Quando fazemos aquilo que Deus deseja, as pessoas geralmente notam nossos esforços e nos apoiam. Se isso não acontecer, vamos questionar se estamos mesmo usando nossos dons da melhor forma possível.

Já vi recém-convertidos, ao entrarem para uma igreja, perguntarem:

“Onde será que posso ajudar?”

Então começam a envolver-se no trabalho, e fazem o melhor que podem. Então um dia um dos pastores recebe um telefonema de um pai.

“Pastor, não sei quem é que está trabalhando com os adolescentes, mas minha filha está muito entusiasmada com a igreja. Está lendo a Bíblia, está evangelizando os amigos e até os convida para a igreja. A atitude dela mudou completamente!”

Aí, fica bem claro: alguém encontrou seu lugar certo no ministério!

Não quero dizer com isso que os líderes nunca se enganam. Certa vez conheci um rapaz que trabalhava para uma firma de contabilidade. Ele sentia que era lá que Deus o estava usando - como contador. Tinha oportunidade de falar de Cristo para muita gente, estava liderando um estudo bíblico na própria firma, no horário do almoço, e ajudava muitos a passar sua situação financeira a limpo.

Na realidade, obteve tamanho sucesso nessa área, que até o pessoal da igreja notou. A diretoria lhe propôs que deixasse o emprego e se tornasse pastor administrativo da igreja. Durante algum tempo, ele recusou a oferta. Mas um dia um dos líderes lhe disse:

“Quando você acertar os ponteiros com Deus, tenho certeza de que assumirá o pastorado em tempo integral.”

Então esse irmão resolveu fazer o que “devia”. Obviamente, desejava “acertar os ponteiros com Deus”. Deixou o emprego, assumiu o novo cargo na igreja. Contudo, não muito depois, começou a sentir-se deprimido e desanimado. Por quê? Porque estava fora de seu ambiente (e fora da vontade de Deus). Na igreja, tinha pouco contato com incrédulos. Muitas de suas antigas amizades afastaram-se. E embora fosse um excelente administrador das finanças da igreja, era ineficiente em muitos outros aspectos do cargo.

Finalmente, pediu demissão de sua função na igreja e retornou ao emprego anterior. O resultado? Tão logo voltou, lá estava ele, ativo de novo, trabalhando para o Senhor. Além disso, aprendeu uma lição importante: um conselho bem-intencionado nem sempre representa os planos de Deus. Se estivermos produzindo frutos, não deveremos mudar de direção, a menos que tenhamos convicção absoluta de que é o que Deus deseja.

A maneira como as pessoas, sobretudo os líderes, enxergam nosso trabalho leva-nos ao segundo princípio que podemos aprender através do ministério de Eliseu: o princípio da *confirmação.* Assim que Eliseu cruzou o Jordão, foi cercado pelos cinqüenta profetas. Acho que é fácil perceber o porquê. Ali estava um homem que acabara de testemunhar, a olhos nus, Elias sendo levado para o céu. Mais ainda, havia cruzado o Jordão em terra seca. Não é de admirar que os profetas exclamassem: “O espírito de Elias repousa sobre Eliseu.” Não nos surpreende que se tenham curvado em atitude de respeito e honra (2.15).

Entretanto a reverência não foi total. Um dos profetas do grupo teve a brilhante idéia de que talvez Elias não tivesse sido levado aos céus. Talvez o redemoinho tivesse apenas lançado seu corpo em algum monte ou vale. Por isso, organizaram uma equipe de resgate para encontrar os restos mortais do profeta (2.15). Mas

Eliseu, que sabia que nem Elias nem seu corpo estavam mais na terra, tentou dissuadi- los. Contudo os profetas não lhe deram ouvidos. “... eles apertaram com ele, até que, constrangido, lhes disse: Enviai...” (2.17.)

Hoje em dia ainda ocorre o mesmo. Viajo pelo país todo falando nas igrejas, e invariavelmente, após o culto, tenho de tolerar com um sorriso o ritual maçante de cumprimentar todos os membros. Chamo a esse ritual de “a glorificação da minhoca”. Não é que eu não goste de cumprimentar as pessoas, mas é que geralmente recebo mais elogios do que mereço.

‘Ah, pastor Hendricks, este foi o melhor sermão que já ouvi na vida! Foi como se estivéssemos ouvindo o próprio apóstolo Paulo.”

De minha parte, duvido muito.

De qualquer forma, é interessante notar que, depois, quando tenho a oportunidade de conversar particularmente a fundo com um dos membros da turma do elogio, sobre os problemas pelos quais estão passando, eles me perguntam se conheço algum meio de resolvê-los. Então, abro a Bíblia, leio uma passagem e depois explico:

- Aqui está o que Deus diz sobre o assunto.

Mas, para minha surpresa, muitas vezes respondem mais ou menos assim:

- Bem, entendo o que a Bíblia está dizendo, mas isso resolvia o problema naquele tempo. Hoje a coisa é diferente. Quero dizer, não estou insinuando que a Bíblia não é verdadeira... mas é que, acho que, bem não estou conseguindo explicar-me bem.

E prosseguem relatando-me seus problemas mais uma vez.

Como é que numa hora colocam-me num pedestal e no minuto seguinte tratam-me como se eu não soubesse de nada? Foi exatamente assim que os profetas de Jericó agiram com Eliseu. Eles reconheceram que seu poder e autoridade vinham de Deus - até certo ponto. Assim que ele lhes contrariou os desejos, rebaixaram-no. Só depois que procuraram o corpo de Elias

durante três dias sem o acharem, foi que se convenceram de que ele estava certo, e concluíram:

“É; talvez o rapaz saiba mesmo das coisas!”

Muitas vezes Deus tem de confirmar o ministério de alguém para dissipar as dúvidas de outros - particularmente de outros líderes. As pessoas gostam de ver o trabalho de Deus até o ponto que não interfira com seus planos pessoais. Foi isso que aconteceu com a igreja primitiva. Os apóstolos começaram a pregar o evangelho e as pessoas se convertiam. O poder de Deus era evidente. Operavam-se milagres. Havia animação e entusiasmo e todos sentiam que “crer em Deus estava na moda”!

Até que um dia, Deus mandou Pedro a Cesarea e uma família de gentios se converteu. Foi a conta! Os líderes de Jerusalém saíram do sério! Convocaram uma reunião da junta executiva e interrogaram Pedro como a um criminoso:

“Como é que você teve coragem de entrar na casa dos incircuncisos (ou seja, gentios) e comer com eles?” perguntaram-lhe, escandalizados (At 11.2,3).

Essa dúvida sobre a credibilidade de Pedro é irônica, porque a igreja o tinha como seu principal líder. Não fora ele que havia pregado e três mil se converteram? (2.8-41.) Não foi Pedro que fez calar o sinédrio judeu? (4.8-22.) Porventura não foi ainda Pedro que expusera o pecado de Ananias e Safira? (5.1-11.) Por que é que agora decidiam tratá-lo como se não merecesse crédito?

Os líderes da igreja aceitaram a explicação que Pedro deu para a visita à casa de Cornélio. Mas não é interessante que a primeira vez que ouvimos falar de Pedro depois disso é quando o anjo do Senhor o liberta da prisão em resposta à oração da igreja (12.1-7)? Será que é mera coincidência, ou uma confirmação de que os esforços de Pedro estavam sendo guiados por Deus?

Não sei o que Deus poderá fazer para confirmar o ministério de cada um. Mas sei que mais cedo ou mais tarde, alguém questionará se estamos obedecendo a Deus ou à nossa própria

intuição. Se isso lhe acontecer, meu irmão, peça ao Senhor para deixar evidente a todos os interessados que ele aprova seu trabalho. Eliminando as dúvidas deles, não apenas ganhará mais confiança, mas possivelmente alguns aliados também.

Eliseu tinha certeza absoluta de que Deus havia lhe confiado aquele ministério. Ele convencera o grupo de profetas disso. Agora chegara o momento de fazer o mesmo com o povo. Diz o texto que Eliseu seguiu para Jericó enquanto os profetas saíram pelas estradas procurando o corpo de Elias. E Eliseu demonstrou grande sabedoria ao agir assim. Além disso, foi uma decisão estratégica, porque Jericó passava por grande necessidade. Nos dias de Josué, o problema tinham sido as muralhas. Agora era a água.

“Os homens da cidade disseram a Eliseu: Eis que é bem situada esta cidade, como vê o meu senhor, porém as águas são más, e a terra é estéril.” (2 Rs 2.19) Essa frase contém muitas lições para nós. Em primeiro lugar, no Velho Testamento, água é sinônimo de vitalidade espiritual. O fato de que a água de Jericó estava má faz paralelo com o estado espiritual do povo e da nação, ambos estagnados.

É interessante notar que Jericó havia sido reconstruída nos tempos de Acabe, numa desobediência direta à vontade de Deus. Quando os israelitas destruíram a cidade nos tempos de Josué, este a amaldiçoou, dizendo: “Maldito diante do Senhor seja o homem que se levantar e reedificar esta cidade de Jericó; com a perda do seu primogênito lhe porá os fundamentos e, à custa do mais novo, as portas.” (Js 6.26.)

Daquele dia em diante Jericó permaneceu desolada. As pessoas voltaram a habitá-la, mas ninguém a reconstruiu. Até que certo dia apareceu um homem chamado Hiel. A Escritura o vincula a Acabe e depois conta sua triste história. “... Hiel, o betelita, edificou a Jericó; quando lhe lançou os fundamentos, morreu-lhe Abirão, seu primogênito; quando lhe pôs as portas, morreu Segube, seu último, segundo a palavra do Senhor, que falara por

intermédio de Josué, filho de Num.” (1 Rs 16.34.) Não sabemos se Hiel sacrificou seus filhos num ritual idólatra, ou se de alguma forma eles morreram na construção da cidade. Mas fica claro que ao reconstruir Jericó ele contrariava ordens expressas de Deus.

Não é de surpreender que as águas fossem más e as terras improdutivas. Deus voltara sua face contra a cidade. Até que chegou Eliseu. Sabe o que o nome dele significa? “Deus é salvação”. (E por falar nisso, o nome de Josué também significa “salvação” - outro ponto comum entre os dois.) Enquanto Elias (“O Senhor é Deus”) fora enviado para reestabelecer o culto ao Deus verdadeiro, Eliseu foi enviado para trazer cura e restauração à terra.

Eliseu deu início a seu trabalho em Jericó encenando uma lição. Tomando um prato de sal, despejou seu conteúdo nas águas e disse: ‘Assim diz o Senhor: Tornei saudáveis estas águas; já não procederá daí morte nem esterilidade.” (2 Rs 2.21.) Embora eu não seja um grande conhecedor de hidrologia, sei que não se coloca sal na água para purificá-la. O que é que Eliseu estava querendo ilustrar com isso?

A resposta é que, como Elias, ele estava debochando de Baal, o falso deus ao qual muitos israelitas ainda adoravam, a despeito da espetacular derrota no monte Carmelo. Baal era o deus do fogo, mas era também considerado o deus da chuva e da vegetação. O fato de que a fonte de Jericó era amarga e suas terras improdutivas envergonhava os adoradores de Baal. Enquanto isso, aqueles que cultuavam a Deus, o honravam fazendo ofertas diárias de grãos e sal, numa simbologia de sua aliança com o Senhor (Lv 2.13).

Por isso, ao jogar sal na água, Eliseu dizia:

“É tempo de voltar ao Senhor. É tempo de renovar a aliança. O Senhor, e não Baal, é o único que pode transformar sua água e sua vida e torná-las produtivas novamente. Só o Senhor pode restaurar sua vitalidade espiritual.”

Foi uma mensagem de salvação. E esse é o terceiro princípio que notamos no ministério de Eliseu: o princípio da *comunicação*. Havia uma mensagem no ministério de Elias. Ele representava a vontade de Deus e não apenas a boa vontade de um homem.

Isso é um ponto importante para nós hoje. Há tanta carência à nossa volta - pobreza, doenças, falta de conhecimento, fome, vícios de todos os tipos, abrigos inadequados e até mesmo falta de lugar para morar. A lista é interminável. Mas muitas vezes nós, crentes, desperdiçamos tempo discutindo e debatendo sobre qual deve ser nossa tarefa principal - sanar as necessidades físicas do povo ou cuidar de sua vida espiritual. Acho que o exemplo de Eliseu sugere uma resposta: devemos fazer os dois. Devemos cuidar das necessidades físicas das pessoas enquanto atendemos às suas necessidades espirituais, e, semelhantemente, não devemos ignorar-lhes as necessidades espirituais enquanto buscamos garantir-lhes o bem-estar.

Foi isso que Eliseu fez. Ele “curou” a água da cidade - uma necessidade básica num lugar onde a água era uma questão de vida ou morte para a comunidade. Mas além de atuar como engenheiro civil, ele serviu também como engenheiro espiritual: avivou-lhes na memória o poder de Deus e o fato de que dependiam dele.

Qual é a mensagem que levamos através do nosso ministério? Talvez nossas obras sejam de ordem prática. Oferecemos nossos serviços num abrigo para pessoas carentes. Construímos casas para os pobres. Ensinamos as crianças da favela a jogar basquete... Mas ao atuar nesse tipo de programa, será que comunicamos a todos que o motivo que nos leva à doação de nós mesmos e de nosso tempo é nosso amor a Cristo? Estamos suprindo-lhes as necessidades *em nome de Deus*? Ou prestamos apenas um serviço para a comunidade que, embora estejamos bem-intencionados, oferece às pessoas uma esperança apenas temporal?

Ou será que nos preocupamos tanto com as almas que nos esquecemos do fato de que Deus as criou com corpo físico também? Conheço muitas organizações cristãs que parecem cegas a este aspecto. Sua atitude é:

"De que adianta alimentá-los, abrigá-los e vesti-los, se passarão a eternidade sem Cristo?"

Pensando assim, muitas vezes permitem que as pessoas vivam em condições desumanas. Não raro sua eficácia fica comprometida, porque sua credibilidade é duvidosa. Como podemos convencer alguém de que Deus o ama se damos as costas às suas necessidades práticas? Acha que é isso que Jesus faria?

Por falar nisso, a mensagem de nosso ministério deve conter muito mais que um lema feito apenas de palavras bonitas. Estou sempre recebendo documentos nos quais pessoas e organizações declaram as mais nobres das intenções. Mas a seguir visito-lhes as bases. Converso com aqueles com quem estão trabalhando. Troco idéias com os membros de sua diretoria. Entro em contato com os que contribuem financeiramente para a causa e com aqueles que trabalham nela. Quanto mais fico sabendo sobre o ministério, mais claramente percebo que eles não são exatamente aquilo que pregam. Sei que a intenção deles não é enganar o meio evangélico para conseguir apoio. Entretanto acabam promovendo uma coisa e *comunicando* outra. A diferença é enorme.

Alguém cujo desejo é alcançar almas através de uma cruzada evangelística pode, por exemplo, acabar se perdendo no emaranhado de programas de arrecadação de fundos. É claro que não podemos ignorar detalhes como esses, mas se o foco de interesse não for colocado no lugar certo, acabamos consumidos por outros interesses e não pela paixão de ganhar almas. Mais cedo ou mais tarde, fica clara a mudança de interesse.

Vivendo numa sociedade materialista, é fácil menosprezar o lado espiritual das coisas. É por isso que de tempos em tempos

precisamos pegar nossos planos, nossa lista de mantenedores, formulários, panfletos e pôsteres e colocá- los diante de Deus com a oração:

“Senhor, sê nossa força. Ajuda-nos a manter nossos olhos em ti. Ajuda-nos a manter o coração interessado naquilo que nos chamaste a realizar. Se há alguma coisa neste ministério que esteja nos distraindo, desviando-nos dos nossos propósitos ou comprometendo nossa mensagem, dá-nos a graça de colocá-la de lado e voltar nossa atenção inteiramente para ti e tua provisão. Permita que as pessoas vejam que representamos a Cristo e não a nós mesmos.”

Há ainda um último princípio que encontramos no ministério de Eliseu. Não podemos deixar de mencioná-lo! É o princípio da *confrontação.* Sempre que alguém se põe a trabalhar para o Senhor, mais cedo ou mais tarde, a oposição lhe bate à porta.

Para Eliseu, a oposição veio de um grupo de desordeiros. Algumas traduções da Bíblia os chamam de “rapazinhos”, mas, na verdade, eram homens feitos. Talvez fossem discípulos dos falsos profetas de Baal e, portanto, equivalentes ao grupo de discípulos dos profetas do Senhor, o grupo de Jericó.

Sem dúvida, a essa altura, a notícia da espetacular partida de Elias havia se espalhado pela região. Todos estavam cientes de que Elias havia sido levado aos céus num turbilhão. E é provável que tenham também ouvido falar que o manto da liderança profética jazia agora sobre Eliseu, e que ele, por sua vez, operara milagres tanto no Jordão como em Jericó. Por isso, na ocasião que Eliseu viajava para Betei, um grupo de rapazes o cercou e zombou dele, dizendo: “Sobe, calvo! Sobe, calvo!” (2 Rs 2.23.) Ou seja:

“Se você é tão bom quanto Elias, por que não sobe para o céu como ele?”

Mas sempre que alguém zomba de um servo de Deus, está zombando do próprio Deus. E as Escrituras deixam claro que de Deus não se zomba! Por isso, Eliseu voltou-se e os confrontou.

Não defendia a si mesmo, mas o nome do Senhor. Como o trecho indica, ele “os amaldiçoou em *nome do Senhor*” (2.24 - grifo do autor). O resultado foi que dois animais selvagens saíram do bosque e despedaçaram quarenta e dois deles.

Essa passagem não confere aos crentes perseguidos o direito de vingança. Lembremos que nosso modelo é Cristo e este, “quando ultrajado, não revidava com ultraje; quando maltratado, não fazia ameaças, mas entregava-se àquele que julga retamente” (1 Pe 2.23). Entretanto o exemplo de Eliseu ensina que não devemos aceitar que o nome do Senhor seja ridicularizado. Jesus agiu da mesma forma quando, por exemplo, os fariseus murmuravam que ele havia curado um cego pelo poder de Belzebu, ou Satanás (Mt 12.22-37). Enfrentar confrontações faz parte do ministério cristão.

Não há dúvida de que ao trabalharmos para o Senhor, sempre encontraremos oposição. Jesus disse: "... Se me perseguiram a mim, também perseguirão a vós outros...” (Jo 15.20.) Semelhantemente, Paulo escreveu que nos foi concedida a graça de padecermos por Cristo, e não somente crermos nele (Fp 1.29). Você está preparado para pagar este preço? Isso só lhe será possível, se estiver certo de que se acha no centro da vontade de Deus para sua vida.

Quando Eliseu saiu de Betei, viajou para o monte Carmelo (2 Rs 2.25). As Escrituras não revelam o porquê. Mas podemos imaginar que a montanha estava deserta. Nada restara do conflito entre Elias e os profetas de Baal, exceto uma depressão rasa no lugar onde antes se erguia o altar e talvez a terra enegrecida pelo fogo, marcando o local onde tudo encerrara. O que pensava Eliseu naquele momento?

Talvez tenha pensado:

“Fui escolhido pelo Senhor para levar adiante o ministério de Elias. Ele confirmou esse chamado demonstrando seu poder em minha vida e através da aprovação dos profetas. Ele enviou-me

para comunicar sua mensagem de salvação ao povo. E espera que eu confronte cada um daqueles que se colocam contra ele e sua verdade.”

Tendo concluído, Eliseu voltou-se e retornou a Samaria, a capital do reino, onde ministraria.

Deus tem uma Samaria para cada um de nós, um lugar onde deseja que o sirvamos. Mas antes de partirmos para esse lugar, vale a pena considerar os quatro elementos do ministério. Temos convicção de que o chamado é de Deus? Precisamos confirmação de que estamos ali por ser essa a vontade de Deus? Possuímos a mensagem certa a ser comunicada? Estamos preparados para as confrontações? Somente após respondermos a estas perguntas é que estaremos prontos a guiar as pessoas ao Salvador.

Capítulo Nove

A Missão

Creio que a maioria das pessoas tem sonhos, mas quantos de nós transformam seus sonhos em realidade? Larry Walters está entre os poucos que conseguiram isso. Sua história é verídica, embora talvez seja até difícil acreditar nela.

Larry era motorista de caminhão, mas seu sonho era pilotar um avião. Ao completar o segundo grau, entrou para a Força Aérea na esperança de tornar-se piloto. Infelizmente, foi desclassificado, devido a um problema de visão. Por isso, quando finalmente completou o serviço militar, teve de contentar-se em assistir a outras pessoas pilotando os jatos que riscavam o céu por sobre o teto de sua casa. Deitado em sua rede no quintal, olhava para o céu e sonhava voar.

Um dia, Larry Walters teve uma idéia. Foi a uma loja que vendia equipamento militar de segunda mão e comprou um tanque de gás hélio e quarenta e cinco balões meteorológicos. Para quem não sabe, os balões meteorológicos não são como balões coloridos usados nas festinhas infantis. São esferas resistentes que, infladas, medem mais ou menos 12 m de diâmetro.

Em seu quintal, Larry amarrou os balões na sua espreguiçadeira, que era uma simples cadeira de moldura de alumínio, do tipo que se leva à praia. Prendeu a cadeira ao pára-choque de seu jipe e inflou os balões com o gás hélio. A seguir, fez alguns sanduíches, pegou algumas latinhas de refrigerante e uma espingardinha de chumbo, para estourar alguns dos balões quando quisesse voltar para casa.

Findos os preparativos, Larry Walters sentou-se em sua cadeira e cortou a corda que a prendia ao jipe. Seu plano era subir vagarosamente algumas centenas de metros, passar um tempinho

no alto, curtindo a brisa, e depois voltar para terra firme. Mas as coisas não saíram bem como planejara.

Quando Larry cortou a corda, não subiu vagarosamente - foi lançado como uma bala de canhão! Nem subiu apenas uns duzentos metros, como pensava. Subiu, subiu e subiu até que parou a *3.350 m* de altura! Naquela altitude, não podia arriscar-se a estourar um dos balões, pois isso causaria um desequilíbrio e então ele voaria de verdade. E assim lá permaneceu, flutuando pelo céu durante quatorze horas, sem ter a mínima idéia de como iria descer.

À medida que o tempo ia passando, Larry ia sendo levado pela corrente de ar para o corredor de decolagem do Aeroporto Internacional de Los Angeles. Um piloto da Pan Am enviou uma mensagem para a torre de controle dizendo que acabara de passar por um sujeito sentado em uma cadeira a 3.350 m de altura, com uma arma no colo. Já imaginou a reação do controlador de vôo que recebeu a informação?

O Aeroporto Internacional de Los Angeles fica junto ao mar, e à noite os ventos ao longo da costa mudam de direção. Por isso, ao cair da tarde, Larry foi levado para o mar pela corrente marinha. Nesse ponto, a Marinha mandou um helicóptero para resgatá-lo. Mas a equipe de resgate passou por maus lençóis porque, toda vez que se aproximavam dele, o vento provocado pelas hélices o empurrava para mais longe. Passado bastante tempo, finalmente conseguiram pairar acima dele e lançaram uma corda para que fosse puxado para baixo.

Assim que aterrissou, foi levado preso. Mas ao ser algemado e escoltado pelos policiais um repórter perguntou:

- Senhor Walters, por que fez uma coisa dessas?

Larry parou, olhou bem para o repórter e respondeu, indiferente:

- A gente não pode simplesmente ficar sentado à toa!

É impossível não admirar a determinação de pessoas assim. Quero dizer, sei que foi uma idéia maluca e descabida! Mas isso

era o sonho dele, e ele fez o que pôde para torná-lo realidade. Quando consideramos todas as pessoas neste mundo que não estão dispostas a se arriscar, que se satisfazem com pouco e que nunca usam a cabeça, passamos a admirar uma pessoa como Larry Walters. Que importa se os detalhes não funcionaram exatamente como ele planejara? Pelo menos ele tentou.

Eliseu tinha espírito aventureiro também. Ficava a imaginar como o reino de Israel seria se a nação toda se voltasse para o Senhor, e estava disposto a agir para que sua visão se concretizasse. Por isso, podemos dizer que o ministério de Eliseu baseava-se numa *missão.*

O que significa o vocábulo “missão”? Nós crentes temos usado essa palavra há séculos para descrever a tarefa de levar as boas novas de Jesus Cristo aos lugares longínquos do mundo. Contudo, na época em que o evangelho foi trazido ao Novo Mundo, o sentido do termo mudou um pouco. Em vez de significar uma tarefa, designava um templo, um lugar onde o evangelho era pregado. Mais recentemente, o mundo administrativo passou a usar o termo “missão” para designar o propósito fundamental de uma organização.

Esse último é o que mais se aproxima do verdadeiro sentido da palavra. Uma missão é um encargo, um lema que define uma tarefa. De fato, a palavra “missão” deriva de um termo que significa “enviar” ou “mandar”. Por isso, a pessoa encarregada de uma missão é enviada com um propósito. Seu encargo é realizar algo específico. Sua responsabilidade é cumprir aquele propósito, e, se for genuinamente dedicada a ele, todos os seus atos serão determinados por ele.

Eliseu era um homem encarregado de uma missão, que herdara de seu mentor, o grande profeta Elias. Elias derrotou os adoradores de Baal. Mas a nação não estava completamente arrependida. O culto a Baal havia sofrido um revés, mas ainda não

fora erradicado. Por isso, o Senhor chamou Eliseu para completar a obra que Elias começara.

Essa tarefa era árdua. Acabe havia sido sucedido por seus filhos, primeiro Acazias e a seguir Jorão. Ambos seguiram o exemplo do pai. E Jezabel permanecia a postos. Por isso, quando Eliseu deu início a seu ministério, sabia que enfrentaria uma liderança espiritualmente falida.

Mas Deus sabe desbancar governantes malignos. No caso de Jorão, ele usou uma revolta. Em 2 Reis 3.4 explica-se a situação: “Então, Mesa, rei dos moabitas, era criador de gado e pagava o seu tributo ao rei de Israel com cem mil cordeiros e a lã de cem mil carneiros. Tendo, porém, morrido Acabe, revoltou-se o rei de Moabe contra o rei de Israel.”

Jorão respondeu a esse desafio pedindo ajuda ao reino de Judá e ao reino de Edom, vizinho de Judá, para que juntos lutassem contra Moabe. Mas quando os três exércitos, tomando o caminho sul ao redor do mar Morto, iam pegar os inimigos de surpresa, acabou-lhes a água.

Quem já passou por uma situação difícil na companhia de um amigo incrédulo sabe de algo muito interessante. Ao enfrentar uma crise, aqueles que ordinariamente não demonstram nenhum temor de Deus quase que instantaneamente tornam-se fervorosos.

Foi exatamente o que aconteceu com Jorão quando a água acabou. “O quê?” exclamou o rei de Israel. “Ai! O Senhor chamou a estes três reis para os entregar nas mãos de Moabe.” (3.10.)

Que cara-de-pau! Jorão ignorava completamente a Deus, mas quando se viu em apuros, disse:

“Foi Deus quem nos colocou nesta situação!”

Até parece que ele estava numa missão divina! Quem não o conhecesse até diria que era muito espiritual! Mas foi pura hipocrisia. Na verdade, ele estava colocando a culpa em Deus.

Felizmente, Josafá, o rei de Judá, era um homem de fé. Por isso, perguntou: “Não há, aqui, algum profeta do Senhor, para que consultemos o Senhor por ele?” (3.11.)

Eu creio que Jorão devia estar arquitetando um meio de mudar de assunto quando um de seus servos falou: “Aqui está Eliseu, filho de Safate, que deitava água sobre as mãos de Elias” (ou seja, Eliseu cuidava das necessidades pessoais de Elias).

À menção do nome de Elias, imagino que Jorão ficou com cara de quem chupara limão. Elias havia sido o arquiinimigo de seu pai Acabe. Por que é que justo agora alguém sugeria o nome do sucessor dele para resolver o problema da falta de água?

Mas estava feito. Josafá disse: “Está com ele a palavra do Senhor.” (3.12.) Então os três reis foram ter com Eliseu. Jorão colocou uma máscara de espiritual, mas o profeta não se deixou enganar. Entretanto Eliseu reconheceu a sinceridade de Josafá e concordou em ajudá-los.

Mas o que Eliseu ordenou parecia ridículo. Os reis deveriam ordenar a seus soldados que abrissem covas e depois esperassem que Deus as enchesse de água milagrosamente. Era um plano absurdo, mas os reis obedeceram. E o Senhor agiu: “Pela manhã, ao apresentar-se a oferta de manjares, eis que vinham as águas pelo caminho de Edom; e a terra se encheu de água.” (3.20.)

Contudo aquela água não serviu apenas para saciar a sede dos aliados. Quando os moabitas a viram, acharam que era sangue e concluíram que os três reis haviam se destruído mutuamente. Na esperança de arrematar os despojos, lançaram-se a um ataque mal planejado e os aliados os massacraram (3.24,25). A vitória de Israel foi completa e Eliseu foi aprovado. Aliás, esse episódio revela três aspectos do caráter de Eliseu e da missão para a qual Deus o havia chamado. Trata-se de três qualidades que todo aquele que planeja seguir os propósitos de Deus deve cultivar.

O primeiro é que Eliseu era um homem de *visão.* Ter visão é essencial para todo crente. Infelizmente, parece que as igrejas hoje estão repletas de pessoas atarefadas, mas vazias. Suas agendas estão cheias, mas nada realizam. Então se perguntam:

"Qual será o propósito de Deus para mim? Por que estou aqui neste planeta?"

Falta-lhes uma visão clara da vida e por isso lutam para encontrar seu propósito.

Gosto da afirmação feita por Bobb Biehl no sentido de que "para ter sucesso é preciso antes ter visão". Isso se dá porque quando temos uma visão para nossa vida, temos direção. Possuímos uma idéia geral de onde queremos chegar.

Meu irmão, alguma vez já pensou em seus objetivos de vida? Aonde quer chegar? Lamentavelmente muitas pessoas não pensam nisso. Conseqüentemente, não chegam a lugar nenhum. Assemelham-se à "Alice no País das Maravilhas", que perguntou ao Gato que caminho deveria tomar.

-

Isso depende de onde é que você quer ir, respondeu o Gato.

- Mas não sei aonde quero ir! disse Alice.
- Então pode escolher qualquer caminho, retorquiu o Gato.

É crucial que nós, os crentes, saibamos aonde queremos chegar.

Presumivelmente, queremos estar no centro da vontade de Deus. Por isso, não podemos nos dar ao luxo de ignorar as intenções dele para nossa vida. Precisamos fazer tudo que for necessário para alinhar nossos planos com os dele. Aliás, posso afirmar com convicção que não conheço nenhum indivíduo que tenha atingido o sucesso e que não tivesse uma meta certa, uma direção e uma visão para sua vida.

E como conseguimos isto? Será que requer um processo misterioso e etéreo? Certamente que não. Qualquer um pode desenvolver pelo menos em parte uma visão para sua vida,

verificando que recursos Deus lhe tem dado. Quando falo de recursos, refiro-me a três coisas em particular: dons, motivação e oportunidade.

Lembremos que cada dom, habilidade e talento que possuímos nos foram dados por Deus. Alguns deles aparecem já na infância. Outros se manifestam com o passar dos anos. Mas todos são presentes de Deus para nós, e todos visam à consecução de seus objetivos. Deus me concedeu, por exemplo, a habilidade de ensinar. Por outro lado, não me deu a habilidade de consertar carros. Por isso, creio que sua vontade está clara com relação à minha vida. Ele deseja que eu lecione e não que conserte carros.

Tudo fica mais simples quando analisamos nossa vida dessa maneira, não é verdade? Mas fico perplexo ao notar quantas pessoas ignoram os dons que Deus lhes deu e tentam fazer um serviço para o qual não possuem talento algum. Tomemos certo indivíduo que está convencido de que deve ser vendedor de seguros. O problema é que não tem jeito nenhum para esse tipo de negócio! Está frustrado, irrita seus clientes, seu patrão e todos mais. Por outro lado, possui uma habilidade incrível para paisagismo. Por que, então, não desiste do emprego na seguradora e se dedica à decoração de jardins?

Além dos dons, Deus deu a cada um de nós a motivação para o trabalho. Minha paixão é lecionar, o que faz sentido, já que esse também é meu dom. Por isso, leciono em um seminário. Mas já outra pessoa gosta mais de tentar convencer outros a aceitarem suas idéias. Essa motivação encaixa-se perfeitamente com a habilidade de escrever. Então esse indivíduo produz artigos e editoriais de grande impacto. Já uma terceira pessoa sente-se motivada a ajudar os que se encontram em situações de crise. Adicione-se a essa motivação um talento em matéria de gerenciamento e planejamento. Temos aí a pessoa perfeita para trabalhar como coordenadora de projeto numa agência de prestação de socorro em situações de emergência.

Meu irmão, qual o grande interesse de seu coração? Competir? conquistar? ajudar? aperfeiçoar? Existem milhares de possibilidades. Procuremos identificar nossa motivação básica, seja qual for. Além disso, precisamos reconhecer que a recebemos de Deus. Ele a colocou em nosso coração para que tenhamos energia para executar o seu plano.

Mas é claro que o talento e a motivação, isoladamente, não resolvem o problema. Precisamos da oportunidade para usá-los. Por isso, ao fazer essa auto-análise, vamos perguntar:

"Quais são minhas opções? Onde minhas habilidades e motivação seriam usadas com maior proveito?"

Sejamos bastante sinceros ao responder a essas perguntas. Talvez alguém tenha talento e interesse pelo cinema, mas se não pagar o preço necessário, eu diria que suas chances de ser um astro de Hollywood são mínimas. Essa não seria uma oportunidade realista. Mas essa pessoa pode usar seu talento artístico para participar da peça de Natal de sua escola dominical.

Se agarrarmos as oportunidades que nos surgem agora, descobriremos que oportunidades maiores surgirão mais rapidamente. Mas se desdenharmos as possibilidades que temos no momento, esperando que algo melhor surja no horizonte, será mais difícil que isso aconteça. Isso talvez se dê porque tais oportunidades nos são dadas por Deus. Ele deseja que sejamos fiéis no pouco para depois nos dar algo maior.

Assim que reconhecermos nossos dons, motivação e oportunidades, poderemos imprimir direção à nossa vida, reunindo esses elementos numa afirmação. Eis alguns exemplos do que estou dizendo:

"Estou aqui para amar a Deus e revelar seu amor a outros, sobretudo aos que sofrem."

"Deus colocou-me aqui para tornar o mundo um lugar melhor para outras pessoas."

"Eu existo para ajudar outros a alcançarem sucesso."

“Meu propósito de vida é servir a Deus usando todas as minhas habilidades para benefício de outros.”

Essas declarações foram escritas por um conselheiro, um carpinteiro, um administrador e um representante de vendas, respectivamente. Elas representam a visão e o propósito de cada um. Como se pode ver, elas não são longas, nem complicadas, mas simples e específicas. Além disso, baseiam-se nos recursos que Deus lhes concedeu. Assim, constituem uma síntese da direção estratégica da vida desses indivíduos.

Imagine como seria produtivo para você, meu irmão, ter uma visão semelhante. Que tal parar alguns minutos agora para refletir sobre sua vida, e começar a elaborar uma declaração que sintetize o propósito de Deus para você?

Na virada do século, havia um homem chamado William Jennings Bryan que foi grande pregador, advogado e político. Bryan concorreu à presidência dos Estados Unidos três vezes. Nascido e criado numa fazenda em Nebraska, tornou- se um dos maiores líderes políticos de seu tempo. Tanto assim que a imprensa americana o chamava de “O Líder Sem Par”. Certa ocasião, quando lhe indagaram qual o segredo de seu sucesso, Bryan respondeu:

“O destino não é uma questão de sorte, é uma questão de decisão pessoal. Não é algo pelo qual se espera, é algo a ser conquistado.”

Um homem com uma missão, como Eliseu, que não esperou seu destino. Visou bem ao alvo e meteu mãos à obra.

Mas ter visão por si só não é suficiente. A visão deve andar lado a lado com a *integridade.* Uma visão sem integridade não é missão, é manipulação. Eliseu era homem de integridade. Era justo, verdadeiro e sincero. Quando os três reis tentavam descobrir quem os poderia ajudar, o primeiro nome que veio à mente de seus conselheiros foi Eliseu. Ele era conhecido por sua integridade e intimidade com Deus. Aliás, embora Jorão provavelmente

suspeitasse que o profeta lhe diria algo que não queria ouvir, concordou em consultá-lo, porque sabia que receberia uma resposta sincera.

A integridade é um elemento essencial em toda missão. É necessário que haja certeza de que podemos confiar na pessoa encarregada de executar a missão e que sua palavra é verdadeira. Se assim não for, ela não tem muita credibilidade.

Anos atrás, um senador dos Estados Unidos (cujo nome prefiro omitir) candidatou-se à presidência. Quando alguém indagou da sua formação acadêmica, recebeu a pergunta como um insulto pessoal, e respondeu:

"Creio ter um Q. I. muito mais elevado que o seu."

E explicou que devido à sua inteligência recebera uma bolsa de estudos que lhe custeou o curso de Direito, integralmente. Gabou-se também de ter concluído o curso como o melhor aluno da classe, de ter sido premiado pelo departamento de Ciência Política e possuir três diplomas.

Mas é um perigo fazer declarações exageradas à imprensa, a qual não poupa esforços para descobrir os mínimos detalhes da vida pessoal de suas vítimas. Pouco tempo depois, descobriram que esse senador recebera apenas meia bolsa e que a obtivera por ser um aluno carente, e não por sua capacidade mental. Mais ainda, classificara-se em 76.° lugar numa turma de 85 alunos. Não recebera o prêmio de Ciência Política, e formara-se com apenas um diploma, e não três. Quando a imprensa revelou todos os detalhes, um repórter comentou sarcasticamente:

"Em vista do descoberto, será que o Q. I. do senador é tão alto quanto ele pensa?"

Nem é preciso dizer que sua campanha não durou muito. Quem quer um mentiroso na Casa Branca?

Como Daniel era diferente! Se alguém estiver procurando um modelo de integridade, recomendo que o conheça melhor. Sua história encontra-se no Velho Testamento, no livro que leva seu

nome. Como o tal senador, Daniel era poderoso e ocupava um alto cargo no governo. Sua carreira política durou oitenta anos e ele atuou junto a vários reis e dois impérios. E o mais notável é que, embora durante sua vida ele tenha trabalhado ao lado de governantes idólatras, permaneceu fiel ao Senhor.

Há um incidente da vida de Daniel que testemunha claramente essa integridade ímpar. O império babilônico ao qual Daniel servia foi tomado pelos persas. Contudo Dario, o rei persa, manteve Daniel como um de seus três adminis- tradores-mor. Uma decisão sábia, já que Daniel tinha um desempenho brilhante. Era tão competente, que Dario planejava promovê-lo. Daniel iria tornar-se o primeiro-ministro do império.

Como podemos imaginar, os demais oficiais da administração de Dario não gostaram da idéia. Não apenas almejavam o poder para si mesmos, como estavam plenamente cônscios de que com Daniel no poder suas práticas desonestas e corruptas acabariam expostas. Por isso, concluíram que tinham de encontrar um meio de tirar a credibilidade de Daniel. Mas como?

A Bíblia relata que eles buscaram de todas as formas um meio de incriminá-lo, e acredito que não deixaram pedra sobre pedra! Rebuscaram seus arquivos e consultaram sua ficha. Examinaram cada um dos seus documentos. Interrogaram as pessoas que o tinham conhecido no passado. Verificaram seu talão de cheques, sua conta bancária, seu cartão de crédito. Grampearam seu telefone. Foram até à escola onde Daniel estudara e fizeram um levantamento de seu histórico escolar, a partir do jardim-de-infância! Mas a despeito de seus esforços, nada encontraram, “porque ele era fiel, e não se achava nele nenhum erro nem culpa” (Dn 6.4).

Daniel foi um homem singularmente íntegro. Por isso, seus inimigos concluíram que restava apenas um meio de desbancá-lo. “Nunca acharemos ocasião alguma para acusar a este Daniel, se não a procurarmos contra ele na lei do seu Deus.” (6.5.) Essa frase

sintetiza tudo que precisamos saber para conhecer o caráter de Daniel. Ele não se corrompia. Não era venal. A única acusação que poderiam fazer contra ele era a de que obedecia a Deus.

Será que se pode dizer o mesmo de nós? A cada ano que passa, fico mais convencido de que muita gente, que tem planos mirabolantes para mudar o mundo, deveria começar mudando-se a si mesma. Obviamente precisamos de pessoas com visão. Mas se eu tivesse que escolher entre visão e integridade, escolheria integridade. Aquele que é idôneo e honesto nem sempre vai longe, mas Provérbios 11.3 afirma que sua vida terá direção. Em contraste, aquele que arquiteta muitos planos mas não tem caráter é perigoso. Envereda-se pelo caminho errado, pois sua bússola moral é defeituosa, e leva muitos consigo.

Se alguém deseja ser íntegro, sugiro que arranje alguns amigos fiéis, que se disponham a ajudá-lo a manter-se na linha. Será bom reunir-se com eles uma vez por semana e analisar o comportamento uns dos outros através das seguintes perguntas:

"Como está seu caminhar com o Senhor? Como vai seu casamento? Alguma vez sente-se tentado a ceder quando se encontra numa situação difícil no trabalho? Que valor você dá ao dinheiro? Tem observado seu momento devocional?"

Se eles aceitarem o desafio de ser completamente sinceros nessas questões, garanto-lhe que será íntegro.

Há ainda um elemento final na missão de Eliseu. Além de ter visão e integridade, Eliseu sentia *paixão pela causa.* Tinha forte convicção com relação à tarefa para a qual Deus o havia chamado.

Quando os três reis lhe bateram à porta, Eliseu deparou com um dilema. Ali estava Jorão, tentando se passar por servo de Deus: "Porque o Senhor é quem chamou estes três reis para os entregar nas mãos de Moabe" disse Jorão fingidamente (2 Rs 3.13). É claro que Eliseu sabia que Jorão era um lobo em pele de carneiro, como seu pai o fora. Embora tivesse mandado retirar o poste-ídolo que Acabe construíra, uma mudança meramente

cosmética, continuava a seguir os passos idólatras de seus pais (3.2,3).

Por isso, Eliseu nada tinha a dizer-lhe. Na realidade foi bem firme: “Que tenho eu contigo? Vai aos profetas de teu pai e aos profetas de tua mãe.” (3.13.) Na verdade, o que dizia era:

“Não me faça perder tempo!”

Embora a Eliseu pouco se lhe desse que Jorão e suas tropas perecessem no deserto, sua fidelidade para com sua missão era profunda. Lembremos que Eliseu havia sido chamado para levar a mensagem de salvação. Ele havia levado essa mensagem a Jericó (2.19-22). Agora era a vez de transmiti-la a Jorão e seus aliados. Por isso, o profeta concordou em consultar ao Senhor por eles.

Meu irmão, qual é seu grande interesse, seu compromisso fundamental? Que valor está decidido a respeitar, mesmo que isso signifique engolir o fingimento de alguém e ignorar o mal-estar que sua presença lhe causa? Infelizmente muita gente entre nós tem fortes interesses, mas não pelas coisas certas. Alguns perdem a cabeça no futebol, mas roncam como um caminhão quando se fala de assuntos espirituais. Outros dão a vida para ganhar mais dinheiro, mas quando se trata de ganhar mais almas para Cristo, somem do mapa.

Chuck Colson relata o que lhe aconteceu certa vez quando falava a um grupo de estudantes de uma universidade secular. Falava sobre seu compromisso com Cristo e confessou que, se necessário, estaria disposto a morrer pelo Salvador. Ao dizer isso, um dos jovens do auditório gritou enraivecido:

- Tenha paciência, Colson! Não vale a pena morrer por coisa alguma!

Ao que Colson respondeu:

- Se não há nada pelo qual esteja disposto a morrer, suponho então que não há coisa alguma em sua vida pela qual valha a pena viver.

Um compromisso assim torna-se cada vez mais raro entre os crentes na América do Noite. Mas em outras partes do mundo, os crentes entendem que seguir a Cristo tem seu preço, e às vezes esse preço é a morte. Em 1991, um etíope chamado Wandaro foi para o céu encontrar o Senhor. Wandaro tinha apenas 20 anos quando um grupo de missionários chegou ao seu povoado. Eles ensinaram o povo sobre o Criador e disseram que todos deviam seguir a Deus, e não a Satanás, como era de seu costume.

Passadas algumas semanas, Wandaro anunciou publicamente:

- Eu renuncio a Satanás e sigo a Jesus.

Foi então batizado e pediu que lhe ensinassem a ler, para que pudesse aprender mais sobre o livro dos missionários.

Desde o começo, Wandaro deixou claro que seu amor pelo Salvador tornara-se o grande interesse de sua vida. Quando seu filho estava morrendo de febre, o feiticeiro da localidade implorou-lhe que fizesse sacrifícios aos demônios. Mas Wandaro recusou-se.

- Amo meu filhinho, mas nunca mais farei sacrifícios a demônios.

O menino morreu e o povo começou a preparar-se para o ritual de luto. Mas enquanto gemiam e cortavam-se em fúria diabólica, Wandaro caminhava entre eles, gritando:

- Parem! Sinto a dor da perda do meu filho, mas Deus está me dando paz para enfrentar sua morte. Sei que meu filho está seguro nos braços de Jesus.

Através do testemunho de Wandaro, algumas pessoas passaram a prestar atenção na mensagem de Cristo. Contudo poucos estavam preparados para aceitá-la. Foi então que em 1936 o exército italiano dominou o país e algum tempo depois todos os missionários foram expulsos. Deixaram para trás quarenta e oito convertidos.

Os invasores e seus colaboradores etíopes não gostaram nada daquilo e deram início a uma perseguição aos crentes. Eles eram

presos e espancados. Suas propriedades eram destruídas, as igrejas queimadas. Entretanto, como acontece muitas vezes quando Satanás aperta o cerco nos filhos de Deus, o evangelho crescia entre o povo e a perseguição serviu apenas para que se conquistassem mais pessoas para Cristo.

Finalmente, um comandante chamado Dogesa decidiu usar Wandaro como exemplo. Depois de destruir a igreja, Dogesa mandou prender Wandaro, amarrou-o na praça central do povoado, onde o chicotearam.

- Agora quero ver se você não desiste desta religião! desafiou Dogesa.

- Nunca! gemeu Wandaro.

E Dogesa falou à multidão:

- Não dêem ouvidos a Wandaro. Vejam a situação dele! Não frequentem sua igreja! Ela foi destruída.

Mas Dogesa não contava com a reação de Wandaro. Ele começou a gritar para a multidão:

- Estas cordas não são o castigo final, pois foram atadas por homens! Creiam no Senhor Jesus e vocês serão livres do pecado!

Ao ouvir aquilo, Dogesa ordenou a seus homens que o açoitassem novamente. Durante o castigo, provocavam aquele valente servo de Deus, dizendo:

- Os estrangeiros foram embora. Não resta ninguém aqui para ajudá-lo. Desista!

Mas mesmo assim Wandaro permaneceu inabalável em sua fé.

- Não estou servindo aos missionários, mas ao Deus que os enviou. Ele é minha força! respondeu, destemido.

E o Senhor o fortaleceu. No dia seguinte cinco homens açoitaram Wandaro durante três horas, determinados a fazer com que ele negasse sua fé. Finalmente, vendo que não havia como dobrá-lo, prenderam-no em uma solitária de bambu. Ele sobreviveu, mas permaneceu um ano em custódia policial.

Sabe qual foi a primeira coisa que fez no dia em que foi solto? Reuniu outros crentes e foi para o campo de Dogesa ajudar na ceifa dos campos de seu opressor!

Em 1942, permitiu-se o retorno dos missionários. Imagine a surpresa deles ao descobrir que Deus havia multiplicado o grupo de quarenta e oito e a igreja tinha agora *dez mil convertidos!* Wandaro foi receber seus velhos amigos com um sorriso.

- Sejam bem-vindos! Que maravilha! Deus os enviou de volta. Precisamos de sua ajuda para ensinar os novos crentes. Estão vendo quantos somos agora? Mas falta-lhes conhecimento da Palavra!

Quero fazer uma pergunta que talvez seja um tanto constrangedora. Quantas pessoas se sentem atraídas a Cristo em virtude de nosso testemunho? Duvido que muita gente entre nós pudesse levar dez mil a Cristo dessa maneira. Mas não focalizemos nossa atenção em números. O que estou tentando ressaltar é nosso *interesse máximo.* Será que há em nossa vida alguma causa com a qual estejamos comprometidos a ponto de deixar que ela influencie nossas decisões e nosso viver, e de nos sacrificarmos por ela se for preciso? Se quisermos ser um povo com uma missão, precisamos ter esse tipo de amor pela causa. Como Martinho Lutero, precisamos ser capazes de declarar: ‘Aqui permaneço. Essa é minha decisão.”

Capítulo Dez

A Maturidade

Um dos maiores homens de fé deste país, durante o período colonial, foi David Brainerd. Inconformado com a brutalidade com que os europeus recém-chegados tratavam os índios, Brainerd decidiu levar o evangelho aos nativos. E tinha apenas dezenove anos.

Todos tentaram convencê-lo de que a idéia era absurda. Lembraram-lhe que não falava nenhuma das línguas indígenas. Avisaram-lhe que iria ser recebido com hostilidade, porque os índios eram animistas e, por isso, não gostavam de missionários. Além disso, se fosse morar no meio deles, iria desperdiçar seus talentos e perder a saúde.

Mas Brainerd tinha fé num Deus que supera qualquer obstáculo e que só espera que seus servos estejam dispostos a obedecer-lhe. Conseqüentemente, não dando importância àqueles que tentavam dissuadi-lo, saiu ao encontro dos índios. Nos nove anos que se seguiram, levou mais ou menos dez mil pessoas à fé em Cristo. Contudo, inesperadamente, quando estava com vinte e oito anos de idade, seu ministério foi interrompido por uma crise fatal de tuberculose, causada por excesso de trabalho e pelo frio que enfrentava em suas viagens.

Apesar de ter morrido no auge da mocidade, deixou para trás um legado sólido de maturidade espiritual. Em seu diário, ele revela uma vida marcada pela oração, por uma fé inabalável no plano e provisão divinos e a disposição de morrer pela causa de Cristo. O texto dele deveria tornar-se um manifesto sobre a maturidade cristã para nós que nos dizemos cristãos.

Em contraste com Brainerd, muitos entre nós permitem que nossa cultura corrompa sua espiritualidade. Tomemos como exemplo o irmão José. Seu sucesso no mundo dos negócios é

inegável. Trata-se de um homem respeitadíssimo em sua comunidade, mora numa mansão e tem na garagem um carro do ano, importado. Entretanto, embora o irmão José tenha feito profissão de fé, não cresceu espiritualmente. Continua tão imaturo quanto no dia em que aceitou a Cristo. E revela essa imaturidade em quase tudo que faz. Contudo esse pequeno detalhe não impede que sua igreja o mantenha num cargo de liderança. Ele faz parte até da diretoria. Participa de vários comitês e muitas vezes é elogiado na frente da congregação.

Por outro lado, temos o irmão Serafim, um homem calado e simples. Trabalha à noite. Tem uma vida tranqüila. Mora num barracão de dois cômodos, e nem carro tem. Na igreja, as pessoas passam por ele e sorriem educadamente, dizendo:

“Prazer em vê-lo, irmão!”

Mas a conversa não vai além disso, o que é uma pena, pois o irmão Serafim é um gigante espiritual. Sua prática de oração é invejável; sua integridade, imaculada. Ele procura regularmente dar testemunho de sua fé. Sabe quais são seus dons espirituais e faz uso deles. Acima de tudo, goza de uma intimidade profunda com o Salvador. Contudo o irmão Serafim passa despercebido na igreja do Senhor.

Creio que todos já tivemos oportunidade de testemunhar situação semelhante. Por isso, quero sugerir que passemos a limpo nosso entendimento da vida cristã. Deus não associa o sucesso à espiritualidade. Ele sabe que seus filhos amadurecem mais através do sofrimento do que do sucesso. Reconhece que precisamos passar por tribulações, e não apenas por triunfos. Aliás, a Palavra está repleta de exemplos de pessoas que descobriram a graça divina em meio ao sofrimento. Em alguns casos, os problemas por que passaram foram apenas o fruto amargo de suas decisões insensatas. Mesmo assim, Deus lhes foi fiel, e ao esgotarem seus próprios recursos conheceram a

suficiência dos recursos do Pai, o que os elevou a um nível bem mais alto de maturidade espiritual.

Até mesmo Jesus aprendeu o valor da obediência através daquilo que sofreu (Hb 5.8). Muitas vezes, nos esquecemos de que o Mestre nos deixou seu exemplo. Imaginemos o que aconteceria se o ministério de Jesus na terra ocorresse em nossos dias. Algumas pessoas diriam:

"Parece que desta vez o Senhor meteu mesmo os pés pelas mãos! Como é que pôde cometer o erro de escolher aquele sujeito, Judas, para ser um de seus discípulos? Está provado que ele não serve para o cargo. Se tivesse escolhido melhor não estaria enfrentando esse problema. Agora vão crucificá-lo e para dizer a verdade, creio que essa situação serve para provar que Jesus vacilou em sua escolha e julgamento de caráter."

Felizmente, os caminhos do Senhor não são como nós queremos. Entretanto ele deseja que seus caminhos *se tornem* nossos. E isso requer amadurecimento espiritual. Eliseu serve de exemplo nessa área. Ele foi um homem de fé numa sociedade marcada pela falta da mesma. O encontro de Eliseu com duas mulheres israelitas revelam mais três princípios:

1. A FÉ MADURA NÃO SE ABALA DIANTE DA APOSTASIA

Em 2 Reis 4, encontramos a história de uma viúva com um problema grave. Sempre que as Escrituras mencionarem uma viúva é bom ficarmos atentos. Há grande probabilidade de que o escritor esteja relatando um caso de injustiça *sistemática.* Deus tem um cuidado todo especial pelas viúvas. E ele cuida delas não somente por causa da perda emocional que sofreram, mas sobretudo porque naqueles dias uma mulher sem marido não tinha meios de se sustentar. Quando Deus deu a Lei a seu povo, havia nela instruções claras com relação às viúvas. Mas, não raro, quando o povo se desviava dos caminhos de Deus, sua apostasia

revelava-se no contexto social. As pessoas ignoravam as necessidades e os direitos das viúvas e dos órfãos.

Era exatamente isso que estava acontecendo nos dias de Eliseu. Um dos profetas havia morrido, deixando para trás esposa, dois filhos e contas vencidas. A viúva nada possuía para pagar o credor, e este por sua vez ameaçava levar-lhe os filhos como escravos, o que naquela época era perfeita- mente legal. Sem tempo a perder, a viúva pediu ajuda ao mestre de seu falecido marido, Eliseu (2 Rs 4.1).

Foi uma decisão sábia por parte da senhora, porque Eliseu estava disposto a representar a vontade de Deus e enfrentar os ventos contrários da cultura da época. E você? Quando todos à sua volta passam a aceitar as mudanças culturais, está disposto a permanecer firme na justiça de Deus? Isso nem sempre é fácil, mas é absolutamente essencial.

É claro que muitos entre nós, quando deparam com o declínio moral e espiritual de uma sociedade apóstata, erguem as mãos, em desespero, lamentando:

“Não adianta! O que vamos fazer?”

Mas Eliseu era como seu predecessor, Elias. Sabia que um acrescido de Deus resulta na maioria. Nesse caso, temos *dois*: Elias e a viúva, acrescidos de Deus. A fé deles num Deus que é sempre fiel era tudo de que precisavam.

Juridicamente falando, as mãos de Eliseu estavam atadas. O credor agia de acordo com seus direitos. Além disso, pelo que entendemos, Eliseu não tinha a menor condição de pagar as dívidas da mulher. Mas ele tinha compaixão e foi esse sentimento que o impulsionou a ajudá-la. “Que te hei de fazer?” perguntou à viúva (4.2). Era uma pergunta simples, mas provavelmente a mais importante de todas, pois indicava sua *disposição* de auxiliá-la.

E mais uma vez, sua disposição era contrária ao comportamento da cultura da época. Jesus menciona que havia muitas viúvas naquele ponto da história de Israel (Lc 4.25).

Aparentemente, a maior parte delas vivia em condições tão difíceis quanto as dessa senhora, ou ainda piores. Contudo, a sociedade virou-lhes as costas e tirava proveito da situação.

Será que existem situações semelhantes em nossos dias? Quem achar que não, sugiro que leia os jornais, ou converse com o pastor. É provável que ele lhe forneça uma lista bem longa de pessoas em circunstâncias deploráveis, mas ninguém parece se importar.

Deus castigou Israel por estar ignorando o clamor dos menos afortunados (exemplos disso encontram-se em Amós 2.6,7 e 5.11,12). Finalmente ele castigou a nação e permitiu que os assírios destruíssem a terra. Qual deve ser então nossa atitude diante do seguinte ensino do Novo Testamento: “Ora, aquele que possuir recursos deste mundo, e vir a seu irmão padecer necessidade, e fechar-lhe o seu coração, como pode permanecer nele o amor de Deus? Filhinhos, não amemos de palavra, nem de língua, mas de fato e de verdade.” (1 Jo 3.17,18.)

É verdade que não nos é possível suprir todas as necessidades. O que podemos fazer para ajudar outros talvez seja muito pouco. Mas falta de condição não se traduz em falta de disposição. Eliseu perguntou: “Que te hei de fazer?” Pois estava disposto a ouvi-la, mesmo que não tivesse condições de ajudá-la de forma concreta.

Observemos que o profeta equiparou compaixão e criatividade: “Dize-me que é o que tens em casa”, pediu-lhe. (2 Rs 4.2). Essa é a resposta. Quando desejamos de fato ajudar, encontramos um meio de fazê-lo. Mas se nosso coração estiver insensível, nossa criatividade não funcionará.

A mulher suspirou e mostrou para o profeta que sua casa estava vazia. “Tua serva não tem nada em casa”, foi o que disse. Mas ao dizê-lo, talvez tenha notado num cantinho da cozinha uma vasilha e então acrescentou: “senão uma botija de azeite” (4.2).

Seria interessante sublinharmos a palavra “senão” em nossa Bíblia. Parece pequena, mas é extremamente poderosa! Há

muitas menções na Bíblia de situações onde não havia mais esperança, *senão* alguém ou alguma coisa. Quando Deus disse a Israel que subisse e possuísse a Terra Prometida em Cades Barnéia, por exemplo, todos ficaram com medo dos gigantes de Canaã e se rebelaram - *salvo* Calebe e Josué, que no final entraram na terra (Nm 14.30). Quando Gideão foi contra os midianitas, não tinha consigo um exército treinado, *senão* trezentos homens (Jz 7.7,8). Quando Davi encarou Golias, estava desarmado, *exceto* pela pequena funda e cinco pedras (1 Sm 17.40). Quando os discípulos indagaram, numa multidão de cinco mil pessoas que seguia a Jesus, o que havia de comer entre eles, voltaram de mãos vazias, *a não ser* por cinco pães e dois peixes que pertenciam a um menino (Jo 6.8).

A moral de cada uma destas histórias é que “a não ser”, “senão” ou “com exceção de” não são motivos para duvidarmos do Senhor. E é isso que o torna um Deus tão extraordinário. Muitas vezes ele transforma algo que consideramos insignificante naquilo que usará para atender a nossas orações. Por isso, a questão não é saber o que temos a oferecer a Deus, para que ele o use, mas sim até que ponto estamos realmente *confiantes* de que ele usará o que temos.

Um de nossos alunos no seminário certa vez confessou que ele e a esposa precisavam de $142,00. Haviam feito uma lista de suas despesas básicas e chegaram à conclusão de que o mínimo de que precisavam para sobreviver era $142,00. Na época parecia uma soma enorme, e o problema é que tinham apenas cinco dias para conseguir o dinheiro. Por isso, colocaram-se de joelhos e pediram $142,00 a Deus.

No dia seguinte, receberam um cheque no valor de $70,00 de uma apólice de seguros que haviam cancelado dois anos atrás. A companhia de seguros não sabia para onde se tinham mudado, e finalmente, quando os localizou, emitiu o cheque. Portanto o cheque já estava pronto antes mesmo que o casal orasse. Um dia depois, eles receberam dois cheques no valor de $5,00 e $2,00,

respectivamente. Dois dias mais tarde o marido recebeu um cartão de aniversário atrasado. Dentro do cartão se encontrava um cheque no valor de $15,00. Finalmente, no último dia, ainda faltavam $50,00. Como era domingo, sabiam que não receberiam nada pelo correio. Mas naquela manhã, na igreja, encontraram um envelope com um bilhetinho dizendo:

“Achei que vocês poderiam estar precisando disso...”

Dentro do envelope havia a quantia de $50,00.

E assim, somados todos os cheques, eles receberam os $142,00 de que precisavam. Oraram com fé e Deus atendeu. Mais tarde aquele mesmo aluno disse-me:

- Professor, aprendi uma boa lição - da próxima vez vou pedir um milhão!

Deus se compraz em responder às orações daqueles que têm fé nele.

E Eliseu, pressentindo que Deus estava prestes a abençoar essa senhora, dando-lhe tanto azeite que ela poderia até montar uma distribuidora, disse-lhe que pedisse vasilhas, jarros e panelas a todos os amigos, parentes e vizinhos; “não poucas”, disse educadamente (4.3).

Admiro a fé dessa senhora. Após pedir-lhe ajuda, saiu e fez exatamente o que o profeta ordenara, sem questionar. Quisera eu que mais pessoas estivessem dispostas a obedecer aos mandamentos de Deus da mesma maneira. Quantas vezes me aborreço ao ouvir falar de pessoas que estão passando por dificuldades, mas que, quando conversam com um pastor ou líder espiritual não fazem muito caso da palavra deles. Elas explicam ao pastor o problema. Este busca de Deus uma resposta e aconselha o indivíduo de forma prática e específica. Talvez o pastor não lhe dê a solução final do problema, mas pelo menos oferece-lhe um meio de aliviar- lhe a carga. Entretanto o que faz o indivíduo? Dá um passo de fé? Não; prefere sentar-se sobre um monte de dúvidas!

“O pastor se limitou a aconselhar-me a orar”, reclamam. “Ele só me disse para procurar um emprego. Já tentei inúmeras vezes, mas não adianta.”

Quando escuto casos assim, minha vontade é dizer: “Amigo, o que Deus está tentando mostrar-lhe é que só poderá suprir suas necessidades se você orar mais e depender integralmente dele. Ou, talvez na quinqüagésima-primeira vez que mandar seu currículo é que será chamado para o emprego de seus sonhos. Ou prefere acreditar que Deus fechou os ouvidos às orações que o pastor fez por você?” Deus *sempre* atende à fé que exercitamos pela obediência. Tenho um amigo pastor que visitou a capital dos Estados Unidos algum tempo atrás. Contou-me que, ao passar pelo Senado, o Espírito Santo ordenou-lhe que parasse, saísse do carro e orasse. Gostaria de mencionar aqui que esse pastor é um dos mais conservadores que conheço. O único instrumento musical que admite em sua igreja é um órgão. Por isso, nem é preciso dizer que se sentia extremamente constrangido em ter de pedir à pessoa que dirigia o carro que parasse. Afinal de contas, que explicação daria? Diria que Deus estava mandando?

Todavia pensou:

“Isso é uma ordem de Deus.”

Assim, pediu ao amigo que parasse e desceu. Isso foi apenas o início de sua aventura. Pois bem, depois que estava fora do carro, o que deveria fazer? Entrou no Senado timidamente, sentindo-se fora de seu ambiente, e começando a suspeitar que havia se enganado. Mas depois de passar por alguns corredores, percebeu que estava à porta de um dos senadores de seu estado.

- O que é que estou fazendo aqui, Senhor? perguntou a Deus silenciosamente.

- Quero que ore, foi a resposta imediata.

- O quê? Bem aqui? No corredor de um dos lugares mais importantes deste país? Em frente à sala de um homem em quem não votei e que não aprecio?

Mas a resposta permaneceu imutável:

- Ore por ele.

Naquela época, esse senador estava passando pelo escrutínio do Comitê Ético do Senado. O pastor pôs-se então a orar. Silenciosamente. Curvou a cabeça e colocou diante do Senhor, em oração, o senador e a situação por ele vivida.

Passados alguns minutos, um grupo de assistentes do senador passou por ele e perguntou:

- Poderiamos ajudá-lo em alguma coisa?

- Não, obrigado. Estou aqui para... ah... apenas para orar pelo senador, respondeu constrangido.

Os assistentes o olharam como se ele tivesse fugido de um hospício e, preocupados, foram conversar com o senador.

Alguns minutos mais tarde, um dos auxiliares dele veio dizer-lhe:

- Importa-se de dizer-me o que está fazendo? perguntou em tom oficial.

Bastante envergonhado, o pastor gaguejou:

- Estou, ah, estou orando pelo senador. Sei que ele tem uma audiência com o Comitê Ético amanhã, e sinto que preciso orar por ele.

Achou que o homem iria chamar os seguranças, mas, em vez disso, ele não disse uma palavra, e continuou olhando-o intensamente. De repente, virou-se e regressou ao gabinete, reaparecendo instantes depois:

- Queira me acompanhar, por favor, pediu polidamente.

Desta vez, foi o pastor que ficou sem palavras. Mas recobrou a voz e perguntou:

- Quem? Eu?

Confuso, seguiu o secretário ao escritório, onde foi conduzido a uma pequena sala. Fechando a porta atrás de si, o homem lhe disse:

- Eu também sou crente e gostaria de agradecer-lhe pelas orações. A situação amanhã vai ser muito difícil.

Os dois puseram-se a orar juntos, bem no gabinete do senador. De repente, abriu-se a porta e entrou o senador, seguido de uma multidão de repórteres.

- Estávamos orando, disse o secretário. Este senhor chegou aqui com ordens de Deus para orar por você.

Ao ouvirem aquilo, todos ficaram em silêncio. Os repórteres não sabiam o que fazer. Mas o senador, tomando o braço do pastor, conduziu-o ao seu gabinete. Quando a porta se fechou, o senador, com os olhos rasos de lágrimas, pediu a meu amigo que orasse por ele novamente.

Mais tarde, ao retornar ao carro, o amigo que dirigia lhe perguntou:

- E então, vai me contar onde esteve?

- Vou, mas tenho certeza de que você não vai acreditar! respondeu meu amigo.

Não sei exatamente como Deus usou as orações daquele homem na vida do senador, mas uma coisa é certa: Deus honra a fé obediente. A questão não é saber se podemos confiar que ele fará o que prometeu, mas se ele pode confiar em que faremos aquilo que nos ordenou. É através desse processo que nos tornamos maduros em nossa caminhada com Cristo.

2. A FÉ MADURA MANTÉM-SE ESTÁVEL EM FACE DA GANÂNCIA

Depois da viuvez, a esterilidade era provavelmente a pior desgraça que uma mulher do mundo antigo poderia sofrer. Não somente isso era considerado uma maldição, mas também invariavelmente a culpa era atribuída à mulher. Por isso, é interessante que o outro incidente do ministério de Eliseu envolva uma mulher estéril de Suném (2 Rs 4.8-14). No primeiro caso, a

mulher temia que seus filhos lhe fossem tomados. Esta segunda nunca teve filhos.

E como a viuvez, a ausência de filhos não era temida apenas por motivos sentimentais, mas também por motivos práticos. Os filhos, sobretudo homens, levavam adiante o nome da família e, entre os israelitas, herdavam as terras dos pais, o que fazia com que permanecessem no clã. Quando um filho atingia a maioridade, se o pai morresse, a responsabilidade de cuidar do bem-estar da mãe recaía nos ombros do mais velho. Quando uma filha se casava, a família de seu marido geralmente cuidava de sua mãe, caso não tivesse irmão para assumir a responsabilidade. Mas se uma mulher não tivesse filhos, filhas ou parentes, uma vez viúva, ela ficava à mercê da sociedade - e a sociedade israelita havia abandonado as leis de Deus.

Contudo a mulher de Suném não receava morrer de fome. Era casada com um homem de posses. Além disso, sabia que seus parentes cuidariam dela. Como relatou a Eliseu: “Habito no meio do meu povo.” (4.13) Portanto, quando o marido morresse - o que não tardaria, pois já era velho - estaria financeiramente segura, mesmo sendo viúva e não tendo filhos (4.14).

O mais notável nisso tudo era sua generosidade. Tornaram-se amigos, provavelmente quando Eliseu viajava pela região a trabalho. Suném ficava aproximadamente a 5 km de Jezreel, uma região vinícola onde a família real possuía terras (1 Rs 21.1,15; 2 Rs 8.29). Independentemente das circunstâncias, a sunamita convidou Eliseu para comer em sua casa. A primeira visita levou a inúmeras outras, dando a entender que ela era uma pessoa de fé, embora, curiosamente, o texto não o revele com clareza.

Mas está claro que a sunamita reconhecia que Eliseu era um homem santo e por isso mandou fazer-lhe um quarto adjacente à casa, e mobiliou-o (2 Rs 4.9). Esse gesto revela- nos seu coração. Indica que ela tinha cuidado com as coisas de Deus e que era generosa com seus bens.

Creio que todos conhecemos alguém assim. Eu, pelo menos, tenho a sorte de conhecer. Poderia mencionar inúmeras pessoas que contribuem tanto para o avanço da obra do Senhor como para os que trabalham na propagação do evangelho. São generosas, não somente com seu dinheiro, mas, como a sunamita, oferecem a outros também suas posses - residência, casa de campo, casa de praia, carro, barco, avião, equipamentos. Esses abençoados servos de Deus, alguns deles consideravelmente ricos, seguram seus bens com as mãos abertas, prontos a permitir que sejam usados para a glória de Deus.

Mas talvez o leitor esteja pensando:

"Eu também faria o mesmo se tivesse tanto dinheiro assim."

Se tem certeza disso, considere o seguinte. A loteria do estado do Texas, onde moro, faz sorteio duas vezes por semana, e é a que mais arrecada no país. Sabe qual é a justificativa número um que as pessoas dão para jogar na loteria?

Dizem que se ganharem, doarão o dinheiro para um orfanato, para ajudar uma escola, ou sua igreja. É o que todos afirmam. Acreditam que *seriam* muito generosos se tivessem dinheiro.

E você? Tem idéias semelhantes? Há um teste muito simples que todos podemos fazer agora mesmo para tirar a dúvida quanto à sinceridade de nossas intenções. Somos generosos com o pouco que temos *agora?.* É muito fácil imaginar que distribuiríamos muito dinheiro aos pobres, se ganhássemos na loteria. É o mesmo que gastar o dinheiro de outra pessoa. Mas a questão é: o que você está fazendo com o dinheiro que tem *agora?* Quem não é generoso hoje, nunca mudará seu coração, por mais dinheiro que ganhe. Aliás, ganhar dinheiro pode até piorar a situação.

A sunamita tinha um coração sincero. Tanto era que demonstrou grande maturidade espiritual quando Eliseu, um dia, decidiu-se retribuir-lhe as gentilezas. Através de seu servo Geazi, ele disse: "... nos tem tratado com muita abnegação; que se há de fazer por ti?..." (4.13.)

Eliseu desejava abençoá-la, mas essa oferta constituiu também um teste para o seu caráter. Ofertas assim sempre o são. Um exemplo disso é a oferta que Deus fez a Salomão: “... apareceu o Senhor a Salomão, de noite, em sonhos. Disse-lhe Deus: Pede-me o que queres que eu te dê.” (1 Rs 3 5.) Imaginemos Deus colocando um cheque em branco em nossas mãos e autorizando-nos a escrever nele a quantia que desejarmos. “O que quiser lhe será concedido.” As portas do céu se acham escancaradas para nós. Uma oferta assim é também um teste de caráter. E Salomão passou com nota 10, pois pediu sabedoria e um coração compreensivo para julgar e capaz de discernir prudentemente (3.9). Provou que sua vontade era devotar-se completamente ao Senhor.

A sunamita provou força de caráter semelhante ao dizer a Eliseu que agradecia a oferta mas tinha tudo de que precisava (2 Rs 4.13). Na realidade, era feliz, apesar de não ter algo que desejava - filhos! Quando Eliseu lhe revelou que Deus lhe concederia um filho, ela tentou recusar a oferta (4.16).

Admiro esse tipo de maturidade. E se me permitem, confesso que “invejo” aqueles que a possuem, pois gostaria de que todo o povo de Deus a tivesse, sobretudo aqui no Ocidente, onde possuímos os recursos que a maioria das pessoas do passado não teve e que muitos dos que vivem em outros países nem imaginam existir.

Temos sido sobremodo abençoados com bens materiais. Tantas são as bugigangas com que enchemos nossa casa, que às vezes nos falta espaço; aí temos de recorrer ao quarto de despejo para acomodar o excesso de quinquilharias.

Por isso, quando descobrimos que Jesus Cristo falou mais sobre dinheiro do que sobre o céu e o inferno, precisamos apurar os ouvidos. O que ele falou aplica-se a nós hoje. Quando percebemos que as Escrituras em geral focalizam os males do dinheiro com maior freqüência do que qualquer outro assunto,

precisamos prestar atenção. O Espírito Santo está nos falando! Quando o apóstolo Paulo escreveu ao pastor Timóteo para exortar “aos ricos do presente século que não sejam orgulhosos”, estava se referindo também a nós, crentes ricos (1 Tm 6.17).

E qual é a orientação de Paulo? Exorta-os a que “não sejam orgulhosos, nem depositem a sua esperança na instabilidade da riqueza, mas em Deus, que tudo nos proporciona ricamente para nosso aprazimento; que pratiquem o bem, sejam ricos de boas obras, generosos em dar e prontos a repartir” (6.17,18).

Como podemos cultivar esse tipo de generosidade vivendo numa sociedade saturada de ganância? Somente buscando maior intimidade com Jesus Cristo, para que aprendamos a viver contentes com o que ele nos dá e com o que ele não nos dá. “De fato, grande fonte de lucro é a piedade com o contentamento. Porque nada temos trazido para o mundo, nem cousa alguma podemos levar dele” (6.6-8).

Nunca me esqueço de certa vez quando fiz uma viagem missionária e fui a um povoado paupérrimo no México. O pastor da igreja vivia num barracão apertadinho. Muitos dos homens da congregação não encontravam trabalho. As crianças, as que estavam vestidas, trajavam trapos e brincavam descalças. O único brinquedo que possuíam era um filtro de óleo usado amarrado a um pedaço de barbante.

Na hora do jantar, meus anfitriões usaram como grelha uma estrutura de metal, parte de uma cadeira de jardim encontrada no aterro público e a colocaram sobre uma fogueirinha. A seguir, trouxeram a galinha mais magra que já vira em toda a minha vida e a assaram. Quando a galinha ficou pronta, estava do tamanho de um pombo.

Finalmente, quando nos sentamos para jantar, o pastor pediu silêncio e orou da seguinte maneira:

“Senhor, tu nos tem dado tanto...”

Fiquei tão constrangido, que quase perdi a fome! Tanto contentamento assim me deixou impressionado. Pensei comigo mesmo:

"Nos tem dado tanto? Ele deve estar brincando! Olhe à sua volta, irmão! Como é que pode dizer uma coisa dessas?"

Foi então que o Senhor me respondeu:

"Howard, é tudo uma questão de perspectiva."

A pessoa amadurecida na fé é satisfeita com aquilo que Deus lhe dá, e com o que ele não lhe dá.

3. A FÉ MADURA PERMANECE CONFIANTE, INDIFERENTEMENTE DAS CIRCUNSTANCIAS

A sunamita não queria o filho que Deus lhe prometia (2 Rs 4.16). Quero dizer, creio que ela queria ter um filho, e muito! Mas vivera tanto tempo na condição de mulher estéril, que se havia conformado. Agora, quase que instantaneamente, sua vida é virada de cabeça para baixo.

Mas criar aquele menino fortaleceu-lhe a fé. Isso é comum a muitos pais, embora alguns não o percebam. É muito comum alguém pedir à sua igreja que ore para que Deus lhe dê um filho. Mais tarde, ao receber de Deus a resposta, essa pessoa retorna pedindo mais oração porque descobriu que criar filhos é um trabalho árduo.

Contudo, a sunamita passou pelo pior dos testes (aquele que todo pai receia): a morte do filho (4.18-21). Então, selou seu jumento (o que por sinal era o mesmo que um BMW naqueles dias - só os mais ricos andavam de jumento) e foi ter com Eliseu, que se achava no monte Carmelo. O texto indica que ela estava amargurada, mas suas palavras parecem de raiva: "Pedi eu a meu senhor algum filho? Não disse eu: Não me enganes?" (4.28.)

Não faço a menor idéia do que Eliseu sentiu naquele momento. Tentara recompensar essa senhora generosa com a bênção de

um filho. Agora a bênção mais parecia uma maldição. Causara sofrimento àquela a quem quisera ajudar.

Mas a atitude de Eliseu serve para estudo em cursos de gerenciamento de crises. Ele sabia que sua atitude determinaria o modo como a sunamita reagiria a seguir. Por isso, a primeira coisa que fez foi ordenar a Geazi que fosse aonde estava o menino, levando consigo o bordão do profeta, símbolo da sua autoridade espiritual. E Eliseu permaneceu com a mulher e nada disse.

Você já experimentou o poder da presença de alguém e o consolo do silêncio? Muitas vezes, quando uma pessoa está sofrendo, a única coisa que devemos fazer é fechar a boca e abrir os braços. Foi exatamente assim que Eliseu tentou consolá-la - permanecendo a seu lado enquanto Geazi corria adiante.

Mais tarde, tomou a estrada de Suném, seguindo o jumento da sunamita - um percurso longo e íngreme. Provavelmente era a mesma estrada onde Elias havia ultrapassado os carros de Acabe (1 Rs 18.46). Tenho certeza de que durante o trajeto Eliseu conversou sério com Deus! A Bíblia nada declara sobre o que aconteceu no caminho, mas relata que assim que chegou à casa da sunamita, ele se pôs a agir, como que se preparando para o milagre (2 Rs 4.32-35). Temos a impressão de que da mesma forma que a sunamita dissera: “Eliseu, você me colocou nesta...”, este também disse a Deus: “Senhor, colocaste-me nesta situação.” E depois acrescentou: “Agora, confio que nos ajudará.”

Não há no texto nenhuma indicação de que Eliseu duvidara que Deus ressuscitaria o menino. Afinal de contas, ele sabia que Deus operara milagre semelhante no tempo de Elias (1 Rs 17.17-24). Agora era a vez dele de demonstrar o poder de Deus, não apenas para a mulher, mas para todos que ouvissem falar desse milagre.

E nós estamos incluídos na lista. O Espírito Santo inspirou o autor dessa história para que a escrevesse visando a instruir-nos. O que ele deseja nos ensinar? Que quando Deus nos concede um

dom ou responsabilidade, não temos o direito de devolvê-lo a ele. O Senhor espera que o empreguemos.

Notemos que quando o menino morreu, a sunamita subiu, deitou-o sobre a cama do homem de Deus; fechou a porta, e saiu (4.21). Por quê? Por que esperava um milagre? Provavelmente, não. Acho que o fez porque estava com raiva. Ela havia oferecido a Eliseu um quarto mobiliado e ele lhe retribuira o favor dando-lhe um fdho - a despeito de suas objeções. Agora o menino morrera, tornando concreto seu maior temor. Ela deixou o corpo do menino no quarto do profeta como quem dizia:

'Aqui está seu 'presente'. Veja só o sofrimento que me causou!"

É bem provável que todos nós já tenham sentido o mesmo. Às vezes temos vontade de "devolver" o cônjuge que Deus nos deu. Em outras, queremos desistir da carreira em que melhor empregamos os dons que Deus nos concedeu. Algumas pessoas diriam que preferiríam nunca ter recebido o dinheiro, a fama, o poder ou a posição com as quais Deus as "abençoou". Quanto maior o privilégio, maior a responsabilidade, e às vezes, como no caso da sunamita, maior o sofrimento.

Mas Deus não desejava o menino de volta. Queria que a criança crescesse com a mãe. Esse era seu plano. No futuro a história desse menino faria com que os reis temessem ao Senhor (2 Rs 8.1-6).

Creio que a maioria dos crentes já orou pela cura de um enfermo, mas ele acabou morrendo. Ou, como o aluno que mencionamos anteriormente, imploramos que Deus mande certo dinheiro, mas ele não vem. Será que isso significa que Deus falhou conosco? Certamente que não! Significa apenas que desconhecemos seus propósitos. Nosso desafio é confiar que aquilo que ele nos dá - seja morte ou vida, saúde ou doença, riqueza ou pobreza, prazer ou dor - tudo faz parte de seu plano. E o plano *é dele,* não nosso. Nós apenas vivenciamos a nossa parte do plano. Contudo ele nos assegura que nossa parte, assim como

a de todos os demais, coopera para o bem, mas decidiu não nos revelar o plano completo - pelo menos por ora.

Por isso, andamos pela fé, não de acordo com o que sabemos. Para alguns isto é como firmar os pés no ar. Mas Deus não nos está pedindo para saltar num despenhadeiro - pede que confiemos nele. Os que assim vivem descobrem algo interessante: com o passar do tempo deixam de escalar montanhas, mas sobrevoam-nas suspensos pelo sopro do Espírito de Deus. Esse sopro está à nossa disposição vinte e quatro horas por dia. Mas os que mais se beneficiam dele são os que “criam” asas - asas amadurecidas na fé.

Capítulo Onze

O Exemplo

Anos atrás, ouvi uma experiência em que aprendi uma boa lição. Encontrava-me numa via-expressa, tentando desesperadamente correr para atender a um compromisso. A estrada se achava muito congestionada, devido a um serviço que obstruía alguma das pistas, deixando apenas uma desimpedida. À minha frente estava um sujeito tranqüilo, dirigindo como se tivéssemos o dia todo para desperdiçar. Não havia a menor possibilidade de ultrapassá-lo, e minha pressão começou a subir.

- Afunda o pé, José! gritei, frustrado, e dei uma guinada no volante para assustá-lo um pouco.

Meu filho, que na época era pequeno, estava sentado ao meu lado, brincando com um carrinho. Alguns dias mais tarde, paramos em outro engarrafamento, só que dessa vez eu não estava com pressa. Mas, quando esperávamos que a pessoa à minha frente arrancasse, ouvi meu filho dizer:

- Afunda o pé, José!

A seguir, deu um tapinha no seu carrinho. Na mesma hora, senti Deus me dando um tapinha também!

“Pois é, Hendricks, está vendo? Sendo pai, você tem que servir de exemplo para ele, nos bons e nos maus momentos.”

Aquele incidente abriu-me os olhos. Estava tenso e irritado, mas completamente esquecido de meu papel de pai. Nem lembrei que meu filho estava prestando atenção em cada um de meus movimentos. Achei que ele estivesse prestando atenção no “trânsito dele”, tanto quanto eu prestava atenção no meu. Mas ele não perdia sequer um de meus movimentos.

Não estou querendo dizer com isso que devemos assumir o papel de bom cidadão na frente de nossos filhos. Esse tipo de atitude não adianta, porque eles perceberão a farsa. Mas

precisamos lembrar que tudo que fizermos lhes servirá de padrão. E é difícil encarar nossos erros. Hoje, quando vejo meus filhos, agora adultos, fazerem o mesmo que eu costumava fazer, arrependo-me bastante. Sempre que percebo algo assim, penso:

"Com quem será que eles aprenderam uma coisa dessas?"

Um dos aspectos mais importantes da vida de Jesus foi servir de modelo para seus discípulos. No curto período de três anos, ele tomou um grupo de homens comuns e os ensinou a viver uma vida sem igual. Não foram apenas seus sermões que os transformaram - embora eles tenham sido indispensáveis. O fator determinante da transformação foi o próprio viver do Senhor. Ele *mostrou*-lhes como deveriam orar, como poderiam vencer a tentação, como teriam que lidar com os adversários, como iriam representar a verdade. Ele pregou sobre o perdão, e quando uma mulher foi descoberta em adultério, pôs em prática esse ensinamento na maneira como agiu com ela. Semelhantemente, ensinou que devemos amar nossos inimigos, e exemplificou na cruz o amor de Deus, ao clamar: "Pai, perdoa-lhes porque não sabem o que fazem."

Jesus não foi modelo apenas para seus discípulos. Ele é o padrão divino dos crentes de hoje. Por nossa vez, devemos ser exemplo para aqueles que nos cercam - nos bons e nos maus momentos. Muitos dos que não conhecem Jesus nos observam, para ver se Cristo transforma nossas atitudes e ações. Nossos irmãos também nos observam, para ver se Cristo realmente transforma nossos valores e compromissos. E nossos familiares reparam se Cristo muda alguma coisa em nossas relações. E como já observei, nossos filhos nos observam atentamente, para ver se Cristo opera alguma diferença na maneira como os amamos e como os ensinamos a viver. Todos temos de parar e pensar bem nesse fato. E você?

Certo pastor abriu as portas de sua igreja para um grupo de senhoras do bairro e informou ao zelador que elas usariam o salão

de atividades do prédio. Aproximadamente uma semana mais tarde o pastor e o líder da união de jovens estavam trabalhando nos fundos da igreja, transferindo algumas caixas de um lugar para outro, quando deram início a uma brincadeira. Como a tarefa de carregar caixas era muito enfadonha, puseram-se a competir entre si para ver quem carregava mais caixas em menor tempo. Não demorou muito para que a brincadeira se transformasse num jogo de polícia e ladrão, e os dois disparavam pelos corredores da igreja, dando tiros imaginários e fazendo uma tremenda barulheira.

No auge da brincadeira, perseguiram-se no corredor principal e entraram a todo vapor pelas portas do salão de atividades, sempre correndo e "atirando". Quando o pastor passou pela porta, foi gritando:

- Mãos ao alto, espertalhão!

Foi então que notou que ele e o "ladrão" não estavam sozinhos. Oito senhoras, sentadas no meio do salão, olhavam surpresas para os dois apontando as "armas", isto é, seus dedos um para o outro.

Numa tentativa desesperada de "salvar" a situação, o pastor "colocou a pistola no coldre", olhou para as senhoras e disse:

- Estou preparando o sermão de domingo. Vou falar sobre a guerra espiritual e achei que seria de grande ajuda ensaiar uma dramatização para ilustrar o tema!

As senhoras sorriram educadamente, mas pareciam deixar claro que não aprovavam aquele tipo de comportamento num pastor...

Nunca se sabe quando alguém está olhando. Aliás, nós, os crentes, sabemos que o *tempo todo* alguém está nos olhando. Devemos ser exemplo de fé nos bons e nos maus momentos. Foi por isso que Paulo escreveu: "Portanto, vede prudentemente como andais, não como néscios e sim como sábios." (Ef 5.15.) Nosso alvo de vida é ser "irrepreensíveis e sinceros, filhos de Deus

inculpáveis no meio de uma geração pervertida e corrupta, na qual resplandeceis como luzeiros no mundo” (Fp 2.15).

Eliseu deu-nos um bom exemplo, vivendo com sabedoria e discernimento. E ele próprio tivera em seu predecessor um padrão elevado a seguir. Agora chegara sua vez de brilhar como luzeiro no meio de uma geração corrupta e pervertida. Vejamos as três áreas em que ele mostrou o que é ser um homem de Deus.

1. SANTIDADE

Elias era tido como homem santo entre seu povo, e sua reputação ficou conhecida até mesmo entre os povos gentios de sua época. Um desses povos eram os siros, que habitavam as terras ao redor de Damasco, ao norte de Israel. Os siros atacavam Israel freqüentemente, tentando tirar-lhes terras e levando consigo despojos e escravos.

O general que comandava esses ataques chamava-se Naamã. A Bíblia relata que ele era valente na batalha, mas contraíra lepra (2 Rs 5.1). O termo lepra abrange uma variedade de doenças da pele, uma das quais era incurável e geralmente fatal. Aliás, os israelitas criam que somente Deus poderia curar a lepra (5.7). Essa doença temível havia atacado o corpo daquele comandante gentio, e como muitos que se achavam em situação semelhante, ele procurava desesperadamente um meio de se curar. Pela providência divina, a esposa de Naamã havia tomado para si uma menina dentre os cativos de Israel, e ela aconselhou o general que ele fosse ter com Eliseu (5.2).

Há dois fatos nesse relato que me intrigam muito. O primeiro é a sugestão sábia e oportuna da menina. Ela não deixou passar a oportunidade. Ela não poderia ajudar Naamã, mas sabia de alguém que poderia e não guardou segredo. Hoje em dia, estamos na mesma situação. À nossa volta, há centenas de pessoas que estão sofrendo de uma incurável doença do espírito: o pecado. Embora não possamos curá- las, conhecemos aquele que cura a

alma humana. Mesmo que nossa posição não seja vantajosa (como era o caso da garota que era escrava), podemos pelo menos indicar-lhes o caminho.

O outro aspecto a notar é que a sugestão da menina mostra claramente que tipo de reputação e credibilidade Eliseu possuía. Não eram apenas outros reis e profetas que o reconheciam como homem de Deus. Até mesmo as crianças que moravam nas fronteiras de Israel com outros países sabiam que ele era o representante de Deus. E ela não teve a menor hesitação ou dúvida ao fazer sua sugestão: “Tomara o meu senhor estivesse diante do profeta que está em Samaria; ele o restauraria da sua lepra.” (5.3.)

Imagine ter uma reputação assim! Suponhamos que os incrédulos de nosso local de trabalho ou de nosso bairro, ao encontrarem alguém com problemas ou dúvidas espirituais, dissessem:

“Eu não posso te ajudar, mas tenho um vizinho (ou um rapaz onde trabalho) que pode.”

E a seguir trouxessem essa pessoa para conversar conosco. *Isso é que seria* exemplo de santidade!

Creio que Deus deseja que cultivemos esse tipo de reputação - a reputação da santidade. Do contrário, ele ficaria sem testemunhas neste mundo de trevas.

Quando Charles Spurgeon, o grande pregador do século XIX, pastor da igreja *All Souls,* em Londres, deu início a seu ministério, um ateu bem conhecido informou a seus amigos que iria ouvir Spurgeon pregar.

- Por quê? perguntaram seus amigos, incrédulos. Você não acredita em nada que ele prega.
- Eu não acredito, concordou o ateu, mas *ele* acredita.

Até mesmo um incrédulo respeita o fervor e a fé de um crente completamente comprometido com Deus. Foi por isso que Pedro deu a seguinte instrução à igreja primitiva: “Mantendo exemplar o

vosso procedimento no meio dos gentios, para que, naquilo que falam contra vós outros como de malfeitores, observando-vos em vossas boas obras, glorifiquem a Deus no dia da visitação.” (1 Pe 2.12.) Foi exatamente isso que fez Eliseu - manteve exemplar o seu procedimento.

Alguém se sente intimidado pela idéia de levar uma vida de santidade? Tem a tendência de ir logo pensando: “Nem adianta tentar, nunca conseguirei isso”? Se você pensa assim, meu irmão, está pronto para experimentar a graça de Deus. A verdade é que nenhum de nós poderia viver o perfeito padrão de santidade divino. Se pudéssemos, Cristo não teria que morrer. Mas ele morreu - em nosso lugar - porque era suficientemente santo para satisfazer as exigências de Deus. Graças a ele, e por sua própria graça, podemos estar na presença de um Deus santo. E como temos sua vantagem, Deus nos chama a viver uma vida de santidade, para nos tornarmos como nosso Salvador.

Permita-me apontar três implicações práticas dessa verdade. A primeira refere-se à obediência. A vida de santidade significa viver integralmente para o Senhor. Um dos motivos pelos quais as pessoas respeitavam Eliseu era o fato de que ele cumpria tudo aquilo que Deus lhe ordenava. Deus nos chama a nós, crentes modernos, a ter a mesma devoção ao Senhor. Pedro escreveu: “... segundo é santo aquele que vos chamou, tornai-vos santos também vós mesmos em todo o vosso procedimento, porque escrito está: Sede santos, porque eu sou santo.” (1 Pe 1.15,16.)

O segundo princípio é que viver em santidade significa viver em reverência a Deus. Pedro escreve ainda: “Ora, se invocais como Pai aquele que, sem acepção de pessoas, julga segundo as obras de cada um, portai-vos com temor durante o tempo da vossa peregrinação.” (1.17.) Será que respeitamos mesmo o Todo-Poderoso? Há muita gente que não o respeita. Até fazem piadinhas com o nome dele. Outros usam seu nome em vão. Há pessoas que até ridicularizam o que lhe é mais precioso. Mas

aqueles que temem a Deus, respeitam-no como Criador, Senhor e Juiz.

Finalmente, a busca de santidade envolve autocontrole. “Amados, exorto-vos, como peregrinos e forasteiros que sois, a vos absterdes das paixões carnais, que fazem guerra contra a alma.” (2.11.) Estamos vivendo em território ocupado. Nosso inimigo, o Maligno, prepara emboscadas cujas iscas são nossos desejos carnais. Por isso, como Pedro exorta, estejamos atentos e preparados. Exercitemos nosso autocontrole.

E quanto a você, meu irmão? São puras as suas palavras? Será que os outros percebem através de suas palavras que é um seguidor de Cristo? Não estou perguntando se você diz muitas “aleluias” e se recita diversos versículos de cor. Minha pergunta é esta: você glorifica a Deus em sua linguagem?

E seus pensamentos? Talvez seja impossível impedir a entrada de todo e qualquer pensamento pecaminoso em nossa mente. Contudo podemos limitar o tempo em que lá permanecem. Está alimentando sua mente com imundícies? ou com o leite puro da Palavra de Deus e sua verdade?

E sua vida sexual? As Escrituras deixam bem claro que uma vida de santidade anda de mãos dadas com a pureza sexual, o que requer autodomínio. “Pois esta é a vontade de Deus: a vossa santificação, que vos abstenhais da prostituição; que cada um de vós saiba possuir o próprio corpo em santificação e honra, não com o desejo de lascívia, como os gentios que não conhecem a Deus.” (1 Ts 4.3-5.)

O grande evangelista escocês Robert Murray McCheyne disse:

“O homem santo é uma arma poderosa nas mãos de Deus.”

Não seria bom se todos almejassem ser armas nas mãos de Deus? Mas assim que nos colocarmos nesta posição, Satanás se voltará contra nós. Fará tudo que estiver ao seu alcance para nos derrubar. Por isso Pedro nos exorta: “Sede sóbrios e vigilantes. O

diabo, vosso adversário, anda em derredor, como leão que ruge procurando alguém para devorar; resisti-lhe firmes na fé, certos de que sofrimentos iguais aos vossos estão-se cumprindo na vossa irmandade espalhada pelo mundo. Ora, o Deus de toda a graça, que em Cristo vos chamou à sua eterna glória, depois de terdes sofrido por um pouco, ele mesmo vos há de aperfeiçoar, firmar, fortificar e fundamentar.” (1 Pe 5.8-10.)

2. CORAÇÃO

Certa vez tive a oportunidade de observar algumas crianças brincando num parque. Uma menininha, que corria, esbarrou sem querer num garoto, jogando-o no chão. Com isso ele esfolou o joelho. Sabe o que ele fez? Levantou-se imediatamente, correu atrás da menina e empurrou-a com força. Ela caiu e pôs-se a chorar. Fato bem comum, não é mesmo? A coisa mais natural do mundo é tentar ferir aqueles que nos ferem. Quando vemos esse tipo de reação natural das crianças, percebemos que a retaliação é inata ao homem.

Mas não a Deus. Pensando nas opções que temos para tratar com nossos inimigos, lembremos que Jesus nos desafia a amá-los e orar por eles (Mt 5.44).

É muito difícil amar meus inimigos. Contudo quando isso ocorre, reconheço que é o amor de Deus que está operando através de mim, pois demonstro um amor que não tenho. Certa vez um conhecido disse coisas a meu respeito a outra pessoa que não era verdade. Quando fui ter com ele, negou tudo.

- Nunca falei uma coisa dessas! exclamou ele, pondo-se na defensiva. Você deve ter ouvido mal.

Mas eu tinha bons motivos para acreditar no oposto e senti-me bastante magoado. Mais tarde, chamaram-me para perguntar qual era minha opinião a respeito daquele indivíduo. Ele estava sendo entrevistado para um cargo para o qual era bastante qualificado. Assim que me perguntaram, pensei comigo mesmo:

“Agora é a minha chance. Finalmente, posso vingar-me.”

Mas naquele momento o Senhor trouxe à minha mente o seguinte versículo: “Pois ele, quando ultrajado, não revidava com ultraje; quando maltratado, não fazia ameaças, mas entregava-se àquele que julga retamente.” (1 Pe 2.23.) Então teria de decidir. Podia ir à forra contra aquele sujeito manchando sua imagem e fazendo com que perdesse a oportunidade de um bom emprego, ou podia ser justo e obedecer a Deus.

Decidi agir à maneira de Deus. Entenda-me, eu não *queria* dizer nada de positivo sobre ele. Não era minha reação natural. Mas Deus mudou meu coração. Operou de forma sobrenatural por meu intermédio e informei que o indivíduo era qualificado para o cargo. Todavia, completei, devido a meus conflitos pessoais para com ele, seria mais prudente que se pedisse a opinião de outra pessoa.

Num mundo repleto de conflitos e tensão, o povo de Deus tem a missão de ser um modelo de compaixão. Foi o que Eliseu fez. Quando Naamã ficou sabendo que havia um profeta em Israel que poderia curá-lo de sua lepra, pediu ao rei da Síria que o deixasse partir imediatamente. Ao que o rei respondeu: “Vai, anda, e enviarei uma carta ao rei de Israel” (presumivelmente o rei Jorão). E Naamã partiu levando a carta e alguns presentes no objetivo de obter a cooperação do rei vizinho (2 Rs 5.4-6).

É natural que o rei de Israel suspeitasse de tudo aquilo. Mas o coração de Eliseu estava sintonizado com o desespero do comandante gentio. Ao invés de assumir uma atitude hostil e dizer algo assim: “Lepra! Que bom! Espero que morras... Assim teremos um siro a menos a nos atormentar”, o profeta o acolheu e aproveitou a oportunidade para glorificar o nome de Deus, dizendo: “Deixa-o vir a mim, e saberá que há profeta em Israel.” (5.8.)

Todos conhecemos alguém que em nossa opinião dificilmente entregará a vida a Cristo. Um amigo meu tinha um companheiro assim, de nome Charlie. Os dois gostavam de velejar juntos e meu

amigo, que é crente, não tinha a menor esperança de que o amigo se convertesse. Ele acreditava que nada faria com que Charlie se humilhasse diante de Deus. Contou-me, então, que um dia, quando velejavam, seu amigo estava na cabine bebendo uma cerveja e, ao virar-se de repente, bateu na latinha, que por sua vez caiu no chão. Quando percebeu que a cerveja havia se derramado, proferiu algumas obscenidades e completou:

"Melhor ver uma igreja incendiada que minha cerveja derramada!"

Entretanto um dia a coisa mudou. Charlie estava enfrentando muitos problemas pessoais. E nessa ocasião notou que meu amigo crente tinha muita paz e boas relações. Ao conversar com meu amigo, os dois discutiram sobre o que fazia a vida valer a pena. Não demorou muito para que Charlie começasse a ler a Bíblia e em pouco tempo aquele incrédulo convicto tornou-se um filho redimido de Deus! Mas a transformação na vida de Charlie foi tão profunda quanto a mudança na perspectiva do meu amigo.

"Nunca teria acreditado (que Charles se converteria), se não tivesse visto com meus próprios olhos!" disse-me ele.

Situação semelhante ocorreu com Naamã. A princípio, rejeitara a instrução de Eliseu para ir banhar-se no rio Jordão (5.10-12). Mas seus oficiais convenceram-no a reconsiderar sua posição. Quando Naamã fez o que Eliseu dissera, ficou milagrosamente curado. Reparemos no que ele disse: "Eis que, agora, reconheço que em toda a terra não há Deus, senão em Israel"; e "nunca mais oferecerá este teu servo holocausto nem sacrifício a outros deuses, senão ao Senhor" (5.15,17).

Ninguém esperava por isso, exceto Eliseu. Todos supunham que Naamã era um soldado de coração endurecido, um inimigo ferrenho de Israel, adorador de ídolos, que jamais se humilharia diante de Deus. Mas Eliseu sabia que o Senhor transforma corações. Elias, por exemplo, testemunhara uma mudança (embora temporária) no coração de Acabe (1 Rs 21.17-29). Sendo

servo de Elias, Eliseu provavelmente presenciou o fato. Se Acabe, que era completamente hostil a Deus podia mudar, por que não Naamã, que pelo menos estava buscando uma solução para seu problema?

Se alguém deseja ser como Eliseu e sentir compaixão pelos outros, permita-me sugerir que comece orando nominalmente pelos seus conhecidos. Jesus ordenou que orássemos por nossos inimigos. Mas quantos colocam em princípio essa prática? É mais comum orarmos pedindo que Deus nos salve *de* nossos inimigos do que pedindo que ele salve nossos inimigos.

Durante a Guerra do Golfo entre o Iraque e os Estados Unidos e seus aliados, um grupo de cristãos iraquianos permaneceu unido em Bagdá. Sabe o que faziam em meio ao bombardeio que destruía a cidade? Oravam. Oravam pelos líderes dos Estados Unidos e por Saddam Hussein. Tenho a impressão de que Eliseu ficaria orgulhoso deles.

Mas tenhamos cuidado! Ao orarmos por um inimigo, é possível que acabemos gostando dele! Pode ser que se tome nosso amigo! Isso aconteceu a Dolphus Weary, de Mendenhall, Mississippi. Deus o indicou para assumir a liderança de um ministério iniciado por John Perkins, e Dolphus pôs-se a orar pelas autoridades de Mendenhall, uma pequena cidade não muito longe de Jackson. Como em muitas outras cidades do sul dos Estados Unidos, Mendenhall sofria com a segregação racial. Dolphus era negro. Os líderes da cidade eram brancos. Alguns deles até faziam parte da Ku Klux Klan. Por isso, na hora de orar por seus inimigos, Dolphus não tinha tempo a perder!

Começou levando o nome de cada um dos líderes a Deus - o prefeito, os vereadores, os policiais, os grandes empresários. Um dia quando falava a um grupo, teve uma surpresa, pois um dos líderes por quem orava interrompeu-o e pediu-lhe que relatasse mais sobre o trabalho do Ministério de Mendenhall. Esse homem era um dos organizadores da KKK e Dolphus receava conversar

com ele. Contudo, durante a conversa, descobriu que Deus estava operando na vida dele. Algum tempo depois, aquele senhor arrependeu-se de seu racismo e entregou a vida a Deus. Passou a ter um interesse sincero no trabalho do Ministério Mendenhall e até se tornou um dos diretores!

Nosso mundo é repleto de pessoas como esse homem - iradas, confusas, magoadas, solitárias. Elas precisam do amor transformador de Jesus Cristo. O problema é que seu pecado e seus dilemas muitas vezes fazem com que nós, que lhes poderiamos mostrar o caminho, nos afastemos com repulsa. É por isso que é muito importante orar. A oração tem o poder de nos transformar!

Depois de orar, o passo seguinte para cultivar compaixão pelos outros é envolver-se com eles. Há uma cena clássica nos desenhos animados da turma do Snoopy. Nela, Lucy grita:

"Adoro a humanidade! Mas não suporto as pessoas!”

Não estou querendo constranger ninguém, mas percebo que essa é a mentalidade de muitos crentes. Ficamos com os olhos rasos de água quando ouvimos os missionários falando das pobres almas dos confins da terra, a quem provavelmente nunca conheceremos. Mas ao mesmo tempo, não damos a menor atenção aos nossos vizinhos, que provavelmente estão prestes a partir para uma eternidade sem Cristo. Nós os vemos com freqüência, cuidando do quintal, lavando o carro, brincando com os filhos. Às vezes até os cumprimentamos e batemos um papinho com eles. Mas nunca nos aproximamos o suficiente para conhecê-los melhor e descobrir se eles têm algum interesse em ouvir acerca do evangelho.

Quem deseja ser modelo de compaixão, tem de tomar a iniciativa e procurar descobrir quais são as necessidades dos outros. E assim que descobrir, tem de tomar uma posição e fazer aquilo que estiver ao seu alcance para ajudá-los.

Meu amigo, Allan Emery, que há anos é diretor da *Service Master Industries*, conta algo que lhe aconteceu numa ocasião em que viajou com seus pais de trem de Chicago para Phoenix, em 1937. Durante o percurso, Allan descobriu que um dos carregadores estava sofrendo com a dor causada por uma unha encravada que se infeccionara. Quando o pai dele ficou sabendo disso, perguntou ao atendente se havia algo que poderia fazer para ajudar. Afinal o homem concordou em aceitar os cuidados do pai de Allan. Ele lacerou a infecção, limpou-a e fez um curativo para mantê- la limpa.

Depois da "operação", o carregador passou pelo vagão panorâmico, onde Allan estava sentado. Allan reparou que havia lágrimas em seu rosto. Depois de passar por ele, o homem caminhou até um vagão, sentou-se numa das poltronas e pôs-se a chorar e soluçar como uma criança. Preocupado, Allan aproximou-se para lhe oferecer ajuda.

- Está chorando porque seu pé está doendo demais? perguntou.

- Não, estou chorando por causa do seu pai, respondeu o atendente, chorando ainda mais.

Finalmente, Allan conseguiu que ele se acalmasse e que relatasse o que se passara.

- Quando seu pai fazia o curativo, ele me perguntou se eu amava o Senhor Jesus. Eu disse que minha mãe o amava mas que eu não tinha a mesma fé. Então ele me disse que Jesus me amava e que morreu por mim. Ao perceber o zelo com que seu pai cuidava do meu pé, vi nele um amor que era o amor de Jesus e então tive certeza que podia acreditar. Ajoelhamo-nos e oramos, e agora sei que sou importante para Jesus, e que ele me ama.

Ao terminar, chorou mais uma vez. Eram lágrimas de felicidade, e em meio aos soluços, balbuciou:

- Compaixão também causa lágrimas!

Gostaria de que o corpo de Cristo causasse mais lágrimas assim.

3. HUMILDADE

Eliseu era homem santo e compassivo, mas também era humilde. Depois que Naamã se banhou no rio Jordão sete vezes e sua pele ficou igual a de uma criança (2 Rs 5.14), é óbvio que se sentiu imensamente grato a Eliseu. Por isso, tentou convencer o profeta a aceitar um presente, mas Eliseu recusou-se veementemente.

Interpreto esse gesto como um sinal de humildade. Eliseu tinha suas próprias necessidades pessoais. E não era orgulhoso demais para aceitar um presente de alguém. Aliás, ele aceitara da sunamita o presente de um quarto mobiliado e ficara muito agradecido (4.8-11). Mas vejamos o que respondeu a Naamã: “Tão certo como vive o Senhor, em cuja presença estou, não o aceitarei.” (5.16.)

Eliseu estava muito mais preocupado com a reputação de Deus do que com sua própria. Estava bem mais interessado em glorificar o nome de Deus do que em receber presentes. Queria que Naamã voltasse para sua terra, e contasse a todos que o Senhor o havia curado por sua graça, sem nada exigir. Dessa forma, estaria envergonhando os deuses dos siros, e seus profetas, a quem as pessoas ofereciam somas enormes na esperança de obter favores.

Posso imaginar o que Naamã estaria dizendo:

“É inacreditável! Esse profeta em Samaria fica sabendo do meu problema, e manda que eu entre neste riozinho. Eu mergulho nele e saio de lá curado! Completamente curado! Com a pele igual a de uma criança. Ainda por cima, ele não me cobra nada pelo serviço! Nem um tostão! Disse que foi o Senhor quem me curou. Disse que se eu quisesse mostrar minha gratidão, que adorasse a Deus pelo resto da vida. Mas ele nem precisava me dizer uma coisa dessas!”

O exemplo de Eliseu é inspirador! Ele fez tudo que pôde para que Naamã soubesse com certeza quem realmente o curara. O profeta não queria receber uma glória que era devida a Deus. Como era diferente de seu servo Geazi, um tolo que, tragicamente, se aproveitou do incidente para conseguir algo para si próprio (5.19-27). Da mesma maneira, como Eliseu é diferente de tanta gente hoje que diz representar Jesus Cristo, mas quanto mais lhe conhecemos as intenções e o coração, menos conhecemos a Jesus e o coração dele. Tais pessoas fariam bem se assumissem pelo menos em parte a atitude de João Batista: “Convém que ele cresça e que eu diminua.” (Jo 3.30.)

Uma das coisas mais importantes que podemos fazer para servir de exemplo é sermos humildes. Certa vez, perguntaram a Leonard Bernstein, o grande compositor e maestro, qual era o instrumento musical que ele achava mais difícil quanto à disponibilidade de músicos qualificados. E ele respondeu sem hesitar:

“O segundo violino.”

É fácil encontrar pessoas dispostas a assumirem o papel principal, a executarem solos e a receberem as atenções do público. Mas quem é que está interessado em tocar o segundo violino? E no entanto é isso que significa brilhar como luzeiro num mundo corrupto e degenerado. No mundo em que todos querem ficar por cima, o mais humilde é que se destaca. Por isso, Paulo instruiu os filipenses: “Nada façais por partidarismo ou vangloria, mas por humildade, considerando cada um os outros superiores a si mesmo. Não tenha cada um em vista o que é propriamente seu, senão também cada qual o que é dos outros. Tende em vós o mesmo sentimento que houve também em Cristo Jesus.” (Fp 2.3-5.)

Já relatei aqui a história do atendente de trem que se entregou a Cristo através do pai de Allan Emery. Como se percebe, o pai dele era um homem que se interessava pelos “humildes”. Graças

à sua atitude, ele fez amizade com outro carregador, que trabalhava em outro trem. Certa ocasião, esse atendente perguntou ao Sr. Emery se poderia fazer-lhe uma pergunta. Então quando o trem chegou ao seu destino e todos os passageiros desembarcaram, o atendente veio até ele e lhe narrou o seguinte:

"Em minha família, somos dois filhos. Minha mãe esforçou-se ao máximo para nos ensinar tudo que sabia e para que recebêssemos a melhor educação possível. Eu era bom aluno. Quando completei o segundo grau, arranjei emprego de garçom na estrada de ferro e foi através desse emprego que consegui essa posição hoje. Meu desejo era poder ajudar minha mãe e transformar em realidade o seu desejo de que eu entrasse para o seminário e me tornasse pastor. Ela queria poder sentir o orgulho de ter um filho pastor. Bem, procurei economizar ao máximo, mas, enquanto eu trabalhava, meu irmão escolheu outros caminhos. Ele bebia e vivia em festas e quase morreu por levar uma vida de acordo com os padrões do inimigo. Mais ou menos na época em que entrei para o seminário, meu irmão se converteu. Ele decidiu que queria ser pastor. Como não tinha dinheiro nenhum, pediu que eu o ajudasse financeiramente. Fiquei tão feliz em ver a transformação de sua vida, que concordei, e hoje meu irmão é conhecido nacionalmente. Talvez até o senhor o tenha ouvido no rádio. Muitos entregam a vida a Deus quando ele prega. Por isso não tive oportunidade de estudar para ser pastor, e agora estou velho demais. Mas Sr. Emery, queria muito saber uma coisa: acha que Deus vai me recompensar um pouco pelas almas que meu irmão ganhou?"

Allan Emery conta que, mais tarde quando seu pai narrava essa história a outros, ficou tão comovido que quase chorou. Todos sabiam qual foi a resposta que ele deu, e o princípio bíblico por detrás dela é o versículo:

Porque qual é a parte dos que desceram à peleja, tal será a parte dos que ficaram com a bagagem; receberão partes iguais.” (1 Sm 30.24.)

Meu irmão, está disposto a ser carregador, se for este o plano de Deus? a circular só pelos bastidores, afastado da ribalta, se tanto for necessário para que os propósitos do Senhor sejam realizados? Deus não está procurando mais “astros”, porém mais servos. Ele talvez nos escolha para servir na linha de frente da batalha, como Eliseu. Ou talvez nos escolha para servir nos bastidores como a menina cativa. O que importa não é quanto, nem onde servimos, mas a *quem* servimos e qual é a atitude de nosso coração. Como Jim Elliott declara:

“Aqueles que esperam a postos também são servos.”

(As duas histórias de Allan Emery fazem parte do seu livro *A Turtle on a Fencepost* [Uma tartaruga na cerca].)

Capítulo Doze

A Multiplicação

Houve um inglês chamado Chades Peace - um nome irônico para aquele senhor, porque Peace*(*Peace* significa *paz.* (N. da T.) não era um homem de paz, mas exatamente o contrário. Violento, trapaceiro, ladrão, era um criminoso que não respeitava a lei de Deus, nem a dos homens. Finalmente, as autoridades o capturaram, e ele foi julgado e condenado à forca na prisão de Armley, em Leeds.

Na manhã do dia em que seria executado, uma escolta policial foi buscá-lo em sua cela para conduzi-lo ao patíbulo. Entre os policiais, encontrava-se o capelão da prisão, muito sonolento, cujo trabalho era preparar a alma do condenado para o porvir. Enquanto o grupo marchava pelos corredores da prisão em direção ao patíbulo, o pároco recitava entre os dentes uma série de preces ininteligíveis.

De repente, sentiu um tapinha nas costas e alguém lhe perguntou:

- O que está lendo?

O capelão virou-se e percebeu que fora Peace quem fizera a pergunta.

- As consolações da religião, respondeu o outro.
- Acredita no que está lendo? inquiriu o prisioneiro.
- Bem, sim, creio que sim.

Peace olhou-o surpreso. Ali estava ele, um prisioneiro indo ao encontro da morte, sabendo que o que havia feito na terra o levaria à condenação certa pelo Juiz Final, e esse pároco recitava palavras sobre céu e inferno de maneira tão desinteressada. Voltou-se mais uma vez para o capelão e disse:

- Senhor, não compartilho de sua fé. Mas se compartilhasse, se acreditasse naquilo em que diz acreditar, mesmo que a Inglaterra

estivesse coberta de cacos de vidro de costa a costa, atravessaria toda ela de bom grado, engatinhando se fosse preciso, só para salvar uma única alma desse inferno sobre o qual o senhor está falando.

Que profundidade! Faltava fé a Charles Peace, mas certamente lhe sobrava perspicácia. Mesmo sendo incrédulo, reconheceu instintivamente que se o evangelho fosse verdadeiro, cada crente teria obrigação moral de proclamá-lo em cada oportunidade - sobretudo quando encontrasse um criminoso condenado à morte!

Cristo nos chamou para executar essa tarefa. Deseja que seu povo cause impactos, não apenas neste mundo, mas no por vir. Legado maior não pode haver.

Paulo sintetizou a essência desse mandamento quando escreveu o seguinte a seu jovem pupilo Timóteo: “E o que de minha parte ouviste através de muitas testemunhas, isso mesmo transmite a homens fiéis e também idôneos para instruir a outros.” (2 Tm 2.2.) Nesse versículo, ele descreve o ministério da multiplicação. Cada vez que causamos impacto na vida espiritual de outro indivíduo, estamos dando início a um processo que tem o potencial de prosseguir indeterminadamente. Da mesma forma que levamos uma pessoa ao conhecimento de Cristo, ela por sua vez levará outros a ele. Daí minha pergunta:

“Quais as pessoas em quem investimos nossa vida para que, chegada a vez delas, tenham algo a oferecer a outros?”

O titular de um juizado de menores se empenhava em combater uma onda de crimes. Várias crianças de certo bairro da periferia passavam diante de sua bancada para receberem a condenação de seus crimes. Finalmente, exasperado com o crescimento da delinqüência em sua jurisdição, perguntou a um dos jovens delinqüentes:

- Onde é que aprendeu a fazer esse tipo de coisa?
- Rocko me ensinou, respondeu o adolescente.

Chamando o próximo da pauta, o juiz fez a mesma pergunta:

- Quem lhe ensinou a roubar?
- Foi o Rocko.

Nos três dias que se seguiram, o juiz sentenciou trinta e três jovens criminosos que haviam aprendido seus crimes com o abominável Rocko, fosse lá quem fosse. Percebendo que esse indivíduo era o ponto-chave para o fim da onda de crimes, o juiz instruiu o promotor para que o encontrasse e o trouxesse para ser interrogado. Dois dias mais tarde, Rocko viu-se frente a frente com o juiz.

- O que tem a dizer, rapaz? A cadeia está cheia de menores cuja vida você corrompeu. Como pôde fazer algo assim?
- Tudo que sou e sei devo ao Duda, respondeu o jovem.

A igreja poderia aprender uma lição com essa história!

Quantos já reclamaram que sua comunidade está sendo controlada por gangues? Exigimos mais participação da polícia e adoção de leis mais severas. Mas a situação não está sendo remediada adequadamente. Se conseguíssemos a eliminação das gangues pelo simples uso da força, bastaria a implementação de penas mais longas e a concessão de mais poder aos policiais para que o problema ficasse resolvido.

Mas enfrentamos um problema muito mais poderoso e eficaz - a influência das pessoas na vida dessas crianças. De forma distorcida mas igualmente eficiente, as gangues têm feito o que os crentes deveriam estar fazendo - multiplicando-se através de relacionamentos pessoais que influenciam a atitude e o comportamento dos jovens de forma profunda e duradoura. As gangues oferecem um objetivo de vida a crianças que não têm nenhum, a jovens sem esperanças e, em muitos casos, sem família.

E por falar nisso, a quem se dirige o evangelho? Aos que vivem sem um propósito, sem esperança e, em muitos casos, sem família. Não tenha dúvidas, está tudo bem claro no Novo

Testamento. Grande parte daqueles que se sentiram atraídos a Cristo viviam nessas condições.

Pensemos no seguinte. A igreja primitiva teve início com um grupo de fiéis orando num cantinho de Jerusalém. Contudo, no final do primeiro século, o mesmo grupo já estava virando o mundo de cabeça para baixo. E o fez a despeito do governo da época, que era tão cruel que faz com que o sistema judicial muçulmano de hoje pareça até amistoso. Como os crentes da igreja primitiva alcançaram esse feito? Obviamente através do poder do Espírito Santo. Mas *a estratégia* que usaram foi a do ministério de multiplicação - uma pessoa influenciava outra, esta a outra, e por aí ia.

Eliseu usou a mesma tática. É claro que ele viveu numa era diferente e que seu chamado também era outro - ou seja, ele era o representante oficial de Deus no reino de Israel. Por isso, não podemos estabelecer um paralelo direto entre ele e os crentes da igreja primitiva. A missão dele era representar Deus, e não pregar o evangelho. Mesmo assim, ele levava santidade por onde quer que andasse, e percebemos a extensão de seus métodos através das referências bíblicas que mencionam “os discípulos dos profetas” (2 Rs 2.3,5, etc.).

Já mencionamos esse grupo de profetas em capítulos anteriores, quando falamos da prodigiosa partida de Elias na carruagem de fogo do Senhor. Aparentemente, naquele tempo, os profetas andavam em grupos espalhados por todo o território de Israel e Judá. O grupo de Jericó parece ter sido um dos mais proeminentes. O texto oferece indícios de que havia nele pelo menos cinqüenta profetas (2.17), e talvez mais. Um seminário moderno com um corpo letivo de mais de cinqüenta professores seria considerado uma escola grande; por isso o grupo de Jericó formava uma comunidade de peso.

Cada um desses grupos elegia um profeta como mestre, para guiá-los, inspirá-los e, provavelmente, autenticar-lhes o trabalho.

Não sabemos exatamente como o relacionamento funcionava, mas as Escrituras trazem alguns pontos importantes. Geralmente eles acompanhavam seu líder em suas viagens, quer individualmente, como Eliseu seguia a Elias (1 Rs 19.21), quer em grupos (2 Rs 2.3,5,7).

Sabemos de outra situação em que alguém usou a mesma estratégia. Foi Jesus. Ele recrutou um grupo de seguidores, que se tornaram seus *discípulos* (alunos), e ele era o *Rabi* (mestre) deles. É interessante ressaltar que o profeta Isaías, que viveu mais ou menos um século depois de Elias e Eliseu, também se referiu aos profetas que o acompanhavam como seus discípulos (Is 8.16). Por isso, quando lemos que um grupo de discípulos dos profetas se encontrava regularmente com Eliseu (2 Rs 4.38; 6.1), temos bons motivos para supor que lá estivessem para aprender com ele.

Mais ainda, podemos concluir que Eliseu deve ter sido um bom professor, porque o grupo parece ter crescido bastante durante seu ministério. Sendo eu professor, posso assegurar- lhe que um aumento no número de alunos significa que o professor sabe comunicar bem a matéria. Eliseu deve ter sido assim, porque o lugar onde se encontravam regularmente se tornou demasiado pequeno para todos eles: “Disseram os discípulos dos profetas a Eliseu: Eis que o lugar em que habitamos contigo é estreito demais para nós. Vamos, pois, até ao Jordão, tomemos de lá, cada um de nós uma viga, e construamos um lugar em que habitemos. Respondeu ele: Ide.” (6.1,2.)

Assim sendo, teve início a construção. E embora muitos leitores não dêem a devida atenção a esse episódio, ele foi na verdade um marco na vida espiritual de Israel durante aquele período. Lembremos que, não havia muito, Elias conversara com o Senhor junto à caverna no monte Horebe. E o que foi que o profeta reclamara? “Tenho sido zeloso pelo Senhor, Deus dos Exércitos, porque os filhos de Israel deixaram a tua aliança, derribaram os

teus altares e mataram os teus profetas à espada; e eu fiquei só, e procuram tirar-me a vida.” (1 Rs 19.10,14.)

É claro que Elias não estava sozinho. Havia ainda sete mil pessoas que permaneciam fiéis ao Senhor. Mas a maioria delas escondia-se em cavernas. Apesar disso, algumas décadas depois, encontramos grupos de profetas dedicados à Palavra de Deus, trabalhando ao longo do rio Jordão. Um feito extraordinário. Das cavernas às verdadeiras academias. Como foi que isso aconteceu? É claro que foi obra de Deus. Mas dois homens destacam-se na execução da vontade de Deus: Elias e Eliseu. Ambos comprometidos com o ministério da multiplicação.

Gostaria de causar o mesmo tipo de impacto em sua geração? Se o deseja, sugiro que siga a mesma estratégia. Invista seu tempo e sua vida na vida de um grupo de pessoas. Não se preocupe com números, mas com *nomes.* Ou seja, temos de considerar cada um como indivíduo, e não como parte apenas de um grupo. Temos de descobrir quais são seus problemas, suas esperanças, seus talentos e habilidades. Oremos com eles e por eles. Peçamos que Deus opere na vida deles, dando-lhes propósitos e direção, e os torne eficientes no serviço de Deus. Já mencionei alguns aspectos práticos da tarefa de mentorear e de servir de modelo para outros; por isso, não repetirei esses princípios aqui.

Mas gostaria de ressaltar que se alguém deseja influenciar a vida de outras pessoas, mais cedo ou mais tarde encontrará algum tipo de oposição. Satanás se opõe ao crescimento e aprimoramento do crente. Então, ele não vai ficar parado, olhando passivamente, vendo os crentes trabalhar para conquistar mais pessoas e mais território para a causa de Cristo. Ele vai declarar guerra contra nossos esforços, sobretudo no nível espiritual. Usando a vida de Eliseu como exemplo, gostaria de mencionar duas áreas nas quais poderemos esperar uma contra-ofensiva de

Satanás. São dois pontos em que ele nos ataca quando procuramos representar a Deus.

A IRA

O pano de fundo de nosso estudo é um estado de sítio. No capítulo anterior, vimos o que aconteceu a Naamã, comandante do exército da Síria, país vizinho de Israel. Durante os ministérios de Elias e Eliseu, os siros atacavam os israelitas regularmente, e vice-versa. Mas dessa vez, Ben- Hadade, rei da Síria, não estava poupando esforços. Em vez de atacar pequenas cidades na fronteira, enviou um grande exército para atacar Samaria, a capital de Israel.

Esse ataque não seria fácil. Samaria se estendia por sobre uma colina acima do vale e, como a maioria das cidades grandes daquele tempo, era cercada por muralhas altíssimas. A única maneira de conquistar uma cidade assim era sitiá-la, ou seja, cercá-la com tropas para impedir a entrada e saída de pessoas e alimentos. Essa foi a estratégia de Ben-Hadade (2 Rs 6.24).

Um estado de sítio podia durar meses ou até mesmo anos. Geralmente isso causava muito sofrimento físico e psicológico aos cidadãos da cidade sob ataque. Em Samaria, a comida acabou. O trecho descreve que a fome era tão deplorável, que mesmo a cabeça de um jumento, que os israelitas consideravam imunda, valia uma fortuna. E até mesmo esterco de pombas podia ser vendido por cinco siclos de prata (6.25). A situação era alarmante.

A fome era tanta, que os israelitas apelaram para o canibalismo. Lemos o trágico relato de duas mulheres que fizeram um acordo sinistro - matariam seus filhos para comê-los. Contudo, depois de matarem e comerem um dos meninos, a mãe do outro voltou atrás em sua palavra (6.29).

Essa história nos causa repulsa, mas ao rei de Israel causou ira. “Tendo o rei ouvido as palavras da mulher, rasgou as suas vestes” (6.30), fazendo como era costume na época, para expressar

grande transtorno emocional. Mas notem a quem culpou: “Assim me faça Deus o que bem lhe aprouver se a cabeça de Eliseu, filho de Safate, lhe ficar, hoje, sobre os ombros.” (6.31).

Eliseu? Por que o rei estaria com tanto ódio de Eliseu? Porque Eliseu representava a Deus. Além disso, era uma presa fácil. No fundo, o rei sabia que a causa dos problemas de sua cidade não eram os siros. Estes eram apenas a causa visível. A causa real era a apostasia da nação, a corrupção do rei e sua idolatria. Os gentios às portas da cidade representavam apenas o castigo de Deus. É por isso que o rei finalmente admitiu: “Eis que este mal vem do Senhor...” (6.33.)

É certo que Eliseu avisara o rei do castigo iminente. Mas agora que ele se tornara realidade, o rei fez o que é comum a quase todos os reis em apuros: ignorou a mensagem e ordenou a morte do mensageiro. O que deveria ter feito era cair de joelhos, arrependido, pedindo que Deus perdoasse os pecados da nação. Em vez de agir assim, irou-se contra o homem que poderia explicar a causa da desolação em que a nação se encontrava.

Um ex-aluno meu passou por um problema semelhante ao de Eliseu. Ele foi convidado a pastorear uma igreja grande no litoral do país, uma igreja pela qual havia passado uma série de pastores em pouco tempo. Não demorou muito para que meu aluno identificasse o problema. Um pequeno grupo de diáconos controlava tudo. Sem amor e inflexíveis, faziam apenas o que lhes interessava, e não permitiam que nada os impedisse. Finalmente, o pastor convocou uma reunião com a diretoria, explicou o problema e sugeriu uma mudança. Mas, em vez de agradecer-lhe, a diretoria ficou irada.

“Como é que ele tinha coragem de chegar à igreja e ir logo apontando seus problemas?”

Pouco tempo depois, votaram a demissão dele. Como se pode imaginar, a igreja continuou engatinhando - outro caso clássico de ignorância da mensagem e aniquilamento do mensageiro.

Eliseu ofereceu-nos o modelo perfeito no tratamento desse tipo de oposição. Permaneceu calmo e não se desviou da verdade. Quando os emissários do rei vieram buscá- lo, ele estava sentado com os anciãos da cidade em sua casa. Não entrou em pânico, não tentou fugir, apenas trancou a porta e esperou que o rei viesse pessoalmente (6.32).

Mas que será que Eliseu e os anciãos faziam? Será que estavam fazendo aquilo que o rei deveria estar fazendo - orando e humilhando-se perante o Senhor e implorando- lhe que livrasse a cidade? As Escrituras não revelam o que faziam, mas pelo que sabemos sobre o profeta, creio que podemos inferir que oravam. Pois essa atitude é característica daqueles cujo desejo é multiplicar sua fé.

A DESCRENÇA

Mas a fé exige uma resposta, e apesar da oportunidade de confiar em Deus, o rei e seus conselheiros reagiram com dúvida e descrença. Convencido de que Deus o havia abandonado, o rei estava pronto a abandonar o Senhor. “Que mais, pois, esperaria eu do Senhor?” (6.33.) Aparentemente, estava prestes a buscar outros meios de salvação da cidade - talvez oferecendo sacrifícios aos ídolos, talvez pedindo a misericórdia do adversário.

Já esteve em situação semelhante? Talvez você esteja agüentando firme com seu casamento, seu emprego, ou sua igreja, tentando não abandonar tudo em face dos problemas e conflitos. Talvez tenha orado e esperado no Senhor. Mas quando você chega ao fundo do poço, conclui:

“Não adianta. Parece que Deus não se importa. Tenho de tomar providências por conta própria.”

Assim é a dúvida. Encontro inúmeros casos desses na Bíblia. Um exemplo é Abraão e Sara. Deus lhes prometeu um filho. Contudo, quando Sara envelheceu sem haver gerado filhos, decidiu pôr em prática a segunda opção. De acordo com os

costumes da época, deu sua serva Hagar a Abraão, para gerar um herdeiro através dela (Gn 15.4; 16.1-4). Semelhantemente, quando os israelitas chegaram à Terra Prometida, esperaram que o Senhor estabelecesse um rei. Mas quando Samuel, seu líder, envelheceu sem haver estabelecido um rei, exigiram que Saul fosse eleito seu regente (1 Sm 8.1-10).

Não sei exatamente por que Deus permite que esgotemos todos os nossos recursos para depois agir. Contudo sei que se vacilarmos na fé e duvidarmos, estaremos caminhando em direção a um desastre. Paulo enumera alguns desses desastres na história de Israel em 1 Coríntios 10. Em seguida nos exorta sobre o risco de falharmos assim mesmo em nossos testes de fé. Nossa tarefa é guardar no coração a certeza de que “Deus é fiel e não permitirá que sejais tentados além das vossas forças; pelo contrário, juntamente com a tentação, vos proverá livramento, de sorte que a possais suportar” (v. 13).

É estranho, mas muitas vezes a “saída” só aparece quando estamos prestes a desistir. Foi exatamente isso que aconteceu em Samaria. Quando a situação se tomou desesperadora, a ponto de as próprias mães se transformarem em canibais e o rei pensar em desistir, Eliseu entregou uma palavra profética do Senhor. Daí a vinte e quatro horas, a situação se reverteria. Haverí a comida suficiente para saciar a todos. Observemos que o profeta começou da seguinte maneira: “... assim diz o Senhor...” (2 Rs 7.1.) Foi o nome de Quem assinava a promessa que a tomava oficial. Deus havia falado!

Deus fala aos crentes de hoje? Claro que sim, sobretudo quando se trata de multiplicarmos nossa fé. Quando Pedro declarou que Jesus era o Cristo, o Senhor se alegrou com sua visão e fez a seguinte promessa: “Também eu te digo que tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha igreja, e as portas do inferno não prevalecerão contra ela.” (Mt 16.18.) Mais tarde, ordenou a todos os seus seguidores que fossem por toda parte e

fizessem discípulos, enviando-os com a seguinte promessa: “E eis que estou convosco todos os dias até à consumação do século.” (28.20.) Temos aí duas promessas claras do Senhor - a de que o inferno não prevalecerá e a de sua presença.

Contudo muitos crentes hoje duvidam dessas promessas. Aparentemente, não crêem que Jesus Cristo edificará sua igreja, pois acham que ninguém está interessado no evangelho. Mais ainda, não estão convencidos de que Jesus Cristo esteja realmente com eles, porque se sentem muito sós na presença de incrédulos. O resultado é que não plantam sementes de fé, porque não crêem que brotarão. E assim acontece. A fé não brota. E como podería? Lembremos a pergunta de Paulo: “Como, porém, invocarão aquele em quem não creram?” (Rm 10.14.)

Felizmente, existem os que crêem no Senhor e em sua Palavra. Norman Miller é uma dessas pessoas. Ele é presidente executivo da companhia *Interstate Batteries*, responsável pela distribuição das pilhas mais vendidas nos Estados Unidos. Quando se trata do evangelho, Norman leva as promessas de Deus a sério. Não somente comunica sua fé a cada oportunidade, como também usa a firma onde trabalha como meio de ganhar almas para Cristo.

A matriz da *Interstate* encontra-se em Dallas, uma cidade do Texas que vem crescendo rapidamente nos últimos anos. Quando Norman notou seu crescimento demográfico, perguntou-se:

“Como poderemos alcançar os novos moradores para Cristo?”

Tendo essa preocupação em mente, foi conversar com Jim Coté, o capelão da empresa, para saber se havia algum ministério encarregado de evangelismo de porta em porta na área.

“Sabe-se que ninguém mais faz evangelismo de porta em porta, porque não acreditam na eficácia desse trabalho”, respondeu Jim.

Mas Norman, que entende de vendas e *marketing*, chamou atenção para uma coisa: já que ninguém estava fazendo evangelismo dessa maneira, como é que se sabia que era

ineficaz? Talvez não estivesse dando certo porque ninguém se interessava em tentar fazer com que desse certo.

Então a *Interstate* contratou um evangelista e criou um plano de uma campanha de evangelismo nas casas. Sabe qual foi o resultado? Algumas pessoas entregaram a vida a Cristo. Se a campanha não tivesse sido levada a cabo, é provável que muitas delas não tivessem ouvido o evangelho. O projeto não deu início a um reavivamento espiritual no estado, mas o resultado obtido foi suficiente para confirmar que a fé de Norman em Deus não havia sido perda de tempo. O Senhor estava edificando sua igreja!

Deus sempre recompensa nossa fé. E trata a descrença com justiça. Foi exatamente assim que agiu em Samaria. Eliseu mal acabara de profetizar abundância na cidade, quando o capitão do rei falou mais ou menos assim:

"Isso é impossível! Nem se a comida caísse diretamente do céu!" (2 Rs 7.2.)

Portanto, contrariou o que Eliseu havia dito, tornando o "assim diz o Senhor" em "assim *não* diz o Senhor!".

Apenas um deles estaria certo. Mas o impasse era muito mais sério do que a disputa da Copa do Mundo. Era uma questão de vida ou morte. Em primeiro lugar, o destino da cidade estava em jogo. E em segundo, a vida de Eliseu estava em jogo - não por causa da ameaça do rei, mas devido aos estatutos da Lei do Velho Testamento.

Sendo profeta, Eliseu não podia errar. Tinha de ser 100% exato. Se não o fosse, se falhasse, a Lei determinava que ele morresse, por entender que se fazia passar por mensageiro de Deus (Dt 18.20). O trabalho de um profeta era como o de um trapezista sem rede. Imaginemos o que aconteceria se aplicássemos a mesma lei aos que dizem representar a Deus hoje. Seria interessante verificar quantos púlpitos ficariam vazios! Hoje em dia existem pessoas demais "assinando cheques" em nome de Deus. As palavras que lhes saem da boca soam profundas, mas,

infelizmente, são fraudulentas. E no final, acabam manchando o nome do Senhor.

Pois bem, o capitão contradisse a promessa de Eliseu. É interessante ressaltar que a Lei também dizia que se alguém se recusasse a atender as palavras de um profeta que falava em nome do Senhor, Deus acertaria as contas com ele (18.19). Por isso, o capitão do rei acabara de colocar sua vida em jogo, mercê do comentário sarcástico feito a Eliseu. O profeta imediatamente declarou qual seria seu destino: “Eis que tu o verás com os teus olhos, porém disso não comerás.” (2 Rs 7.2.)

A moral dessa história é que não devemos sair por aí fazendo declarações extravagantes sobre aquilo que Deus fará ou não fará, condenando em seguida os que duvidaram de nossas palavras. Um ministério assim seria de condenação, não de multiplicação. Não. Deus nos convoca a declarar com integridade e honestidade a verdade simples do evangelho e suas implicações, e deixar que as pessoas se decidam por si mesmas. Assim que começarmos a trabalhar, encontraremos gente que duvida. Alguns, por exemplo, tentarão provar que a Bíblia não é digna de confiança. Outros duvidarão da veracidade dos milagres. Algumas pessoas questionarão até a existência de Deus. Enfim, surgirão diversos pontos de dis- sensão.

Quando enfrentamos situações assim, devemos tentar defender nossa fé sem atacar aqueles que a questionam.

Devemos argumentar *a favor do* evangelho, e não *contra* nossos oponentes. Devemos rejeitar as mentiras, e não as pessoas. Precisamos renunciar às idéias delas, mas respeitar-lhes o direito de escolha. Essa é a recomendação de Paulo. "... antes, nos recomendamos à consciência de todo homem, na presença de Deus, pela manifestação da verdade.” (2 Co 4.2.)

Mas e se eles se recusarem a crer? Nesses casos, o que nos resta a fazer é orar pacientemente para que a luz de Deus lhes penetre a escuridão. Por esse motivo, Paulo continuou: “Mas, se o

nosso evangelho ainda está encoberto, é para os que se perdem que está encoberto, nos quais o deus deste século cegou o entendimento dos incrédulos, para que lhes não resplandeça a luz do evangelho da glória de Cristo...” (4.3,4.)

Deus nunca força ninguém a aceitar sua verdade. Assim também não há motivo para obrigarmos as pessoas a ter fé, nem para condená-las se resistirem à Palavra de Deus. Eliseu não fez nada disso com o capitão. Sabia que era de Deus a responsabilidade de cuidar da descrença daquele homem.

A FE E A VITORIA!

No final é claro que Deus provou sua fidelidade. Lemos em 2 Reis 7 o relato da vitória do Senhor sobre os siros, quando o nome de Deus foi exaltado aos olhos do seu povo. Quem alguma vez já se perguntou se Deus tem senso de humor, precisa ler essa passagem. Ela é um exemplo perfeito de ironia e comédia, com o propósito singular de mostrar que não apenas o Senhor é Deus, mas que é também o Salvador!

Primeiro, Deus dispersou os siros assustando-os com o som de um exército poderoso no meio da noite. Os soldados entraram em pânico e fugiram amedrontados (2 Rs 7.6,7). Aliás, ficaram tão apavorados que deixaram tudo para trás, e foram largando a roupa e o equipamento pelo caminho (7.15). Faz-nos lembrar do que aconteceu na estrada do Kuweit a Bagdá, depois que o Iraque se retirou do Kuweit na Guerra do Golfo. Eles deixaram tanques, jipes e equipamento pela estrada. Foi exatamente assim que a estrada de Samaria a Damasco ficou.

Essa vitória serviu para dar uma lição ao rei de Israel. Ele havia perdido as esperanças em Deus e estava irado. Mas Deus provou sua fidelidade, o rei ficou com cara de bobo e todos perceberam isso. Percebemos o senso de humor de Deus logo de início, quando enviou quatro leprosos ao arraial siro para que descobrissem o acontecido (7.3-11).

É interessante notar quem Deus escolheu como seus mensageiros. O Senhor escolhe os rejeitados da sociedade, gente como os leprosos, para anunciarem as boas novas. Esses homens estavam à margem da sociedade. Não tinham nada a perder (7.3,4). Talvez por esse motivo estivessem mais dispostos a se arriscar. Por isso, entraram no arraial siro e o encontraram completamente deserto!

A história revela detalhes de seu estado emocional: "... entraram numa tenda, e comeram, e beberam, e tomaram dali prata, e ouro, e vestes, e se foram, e os esconderam; voltaram, e entraram em outra tenda, e dali também tomaram alguma cousa, e a esconderam." (7.8.) Ou seja, para eles, aquele acampamento era um céu na terra!

Mas não demorou muito para que a consciência lhes pesasse. "Disseram uns para os outros: Não fazemos bem; este dia é dia de boas-novas, e nós nos calamos." (7.9.) Por isso, decidiram-se a ir relatar o acontecimento na casa do rei.

Acho que o Espírito Santo fez questão que essa passagem fosse escrita para nos despertar a nós crentes à beira do século XXI. Quantos de nós têm conhecimento das boas novas e se calam? Andamos de casa em casa nas comunidades evangélicas, confraternizamos com os amigos crentes, ouvimos palestras cristãs, lemos nossos livros evangélicos e vivemos uma vida de festa em nossa subcultura cristã. Esbanjamos o legado que a vitória de Cristo na cruz nos deixou. Enquanto isso, muita gente à nossa volta morre de fome espiritual. Permita-me fazer-lhe uma pergunta pessoal:

"Quantos de seus amigos *pessoais* são incrédulos?" Tenho notado que é cada vez maior o número de crentes que não têm amigos incrédulos. Será que é isso que Cristo quer que façamos?

Talvez alguns estejam dizendo:

“Mas, irmão Hendricks, não está me entendendo. Não faço amizade com incrédulos, porque não quero que eles me corrompam.”

Aí respondo:

“É; assim talvez você se mantenha puro, mas também será infrutífero.”

Nós, os seguidores de Cristo, não devemos ser do mundo, mas devemos fazer parte dele. Devemos fazer parte do mundo para que o alcancemos para Cristo. E a maneira mais fácil de alcançarmos pessoas para Cristo é através de relacionamentos pessoais, É um amigo contando para o outro amigo onde pode encontrar vida eterna.

Os leprosos retornaram à cidade e as boas novas chegaram aos ouvidos do rei. O rei recusou-se a acreditar no que ouvia. Estava certo de que não passava de um truque dos siros. Então enviou um grupo de homens em missão suicida para descobrir o que se passava, e quando o grupo retornou, confirmou o que os leprosos haviam relatado. Assim, saiu o povo, e saqueou o arraial dos siros e a palavra de Eliseu ao rei se cumpriu (7.11-16).

Com a derrota dos siros e a lição do rei, só restava a Deus cumprir o castigo do capitão por sua descrença. O que aconteceu a esse homem parece ser a principal parte da passagem. Observemos que o relato enfatiza seu destino, colocando-o no final do capítulo. Em quatro versículos, o autor descreve o que lhe aconteceu, repetindo palavra por palavra a profecia de Eliseu, a descrença do capitão e a condenação de Deus, no sentido de que ele veria tudo, mas não comeria. E para encerrar, fecharam com a seguinte lição: ‘Assim lhe sucedeu, porque o povo o atropelou na porta, e ele morreu.” (7.17-20.) Moral da história? Nada é mais fatal que a descrença.

Por outro lado, não há vitória maior que a da fé. É vital que guardemos isso no coração para produzirmos frutos como seguidores de Cristo. Provavelmente você enfrentará oposição -

quer seja o ódio das pessoas ou a frieza da dúvida. De qualquer forma, sua missão é manter-se firme naquilo que Deus disse: “E esta é a vitória que vence o mundo”, escreve o apóstolo João, “a nossa fé” (1 Jo 5.4).

Terceira Parte

Nosso Legado

Capítulo Treze

Ser Uma Bênção, Causar Impacto

Há quatro décadas leciono em nível universitário. Nos primeiros trinta anos, devotei-me ao ensino da educação cristã - a arte e a ciência de treinar seguidores de Cristo. Nos últimos dez anos, porém, tenho me concentrado em liderança, pela convicção de que tanto a igreja quanto o mundo precisam de pessoas preparadas para liderar. Mentorear, por natureza, envolve essas duas questões, tanto em princípio como na prática. Portanto é um relacionamento sutil mas poderoso, em que uma pessoa pode alterar o curso da vida de outra.

Como se pode notar, estou convencido de que Deus colocou seu povo aqui para influenciar o mundo. Entendo que alguns terão mais influência que outros e que cada um exerce influência de forma diferente da de outro. Mas ninguém jamais poderá me convencer de que Deus deseja que passemos por esta terra silenciosamente e a deixemos sem o legado de nossa contribuição, tanto de forma temporal como eterna.

Como cheguei a essa conclusão? Como sempre, usei a Palavra de Deus. Afinal de contas, ela é nossa única referência confiável. Lemos na epístola de Paulo aos efésios, que Deus nos deu um propósito mesmo antes que fôssemos criados (1.3-14). E mais; para que este propósito fosse levado a cabo, Deus nos salvou pela graça, mediante a fé (2.8). E para encerrar, Paulo ressalta o lado prático de tudo isso: “Pois somos feitura dele, criados em Cristo Jesus para boas obras, as quais Deus de antemão preparou para que andássemos nelas.” (2.10.)

Então, fomos criados em Jesus Cristo para boas obras que Deus *preparou* para nós. Há um bom motivo para que estejamos aqui. Deus tem planos para nossa vida - para a minha e a sua. Ele

nos preparou, chamou, salvou e capacitou para sermos uma bênção neste mundo e para causarmos *impacto.*

Infelizmente, muitos crentes têm deixado essa visão de lado. Alguns estão convencidos de que nada possuem para oferecer ao mundo. Outros, acreditando que nada precisam fazer, decidiram-se permanecer inertes. Por causa disso, cruzam os braços e tornam-se espectadores, e, por fim, ficam cativos do mundo em que vivemos. Ao invés de influenciarem, tornam-se influenciados. Ao invés de determinarem o passo, mal conseguem manter o ritmo.

Estou mais ou menos conformado com essa situação. Cheguei à conclusão de que sempre haverá pessoas que preferem seguir e outras que preferem guiar. Isso aconteceu no tempo dos profetas e acontece hoje.

Mas quem pertence ao grupo de indivíduos que estão abertos ao chamado de Deus, como o menino Samuel, então estará dizendo: “Fala, Senhor, porque teu servo ouve.” (1 Sm 3.9,10.) Quem, como Isaías, está disposto a entregar sua vida aos planos e propósitos de Deus, dirá: “Eis-me aqui, envia-me a mim.” (Is 6.8.) Meu irmão, se o desejo de seu coração é fazer o que for preciso para que Deus use sua vida para a realização dos seus planos, então este capítulo foi escrito para você.

Gostaria de apresentar quatro princípios extraídos da vida de Elias e Eliseu que exemplificam maneiras pelas quais podemos causar impacto em nossa sociedade. Esses homens não apenas transformaram sua geração como deixaram um legado para as seguintes. Como conseguiram exercer tamanha influência? E que lições podemos extrair da experiência deles para aplicarmos em nosso viver? Vejamos quatro observações com relação a isso.

1. *Se quisermos causar um impacto duradouro, precisamos enfrentar nossa cultura da maneira que é, e não da maneira de que gostaríamos que fosse.* O leitor, alguma vez, já pensou que gostaria de ter vivido em outro período da história? Talvez tenha

escolhido a época de Abraão, um tempo em que a fé em Deus estava tomando forma. Ou talvez prefira o período iluminado dos gregos e romanos, nos quais teve início a fundação da civilização ocidental. Há ainda a Renascença, quando a arte e a literatura alcançaram seu apogeu. Por outro lado, sua preferência talvez seja o período colonial das Américas, quando várias nações foram descobertas e muitos se sacrificaram pelo amor à pátria e à independência.

É divertido tentar imaginar a vida naqueles tempos. Às vezes, aprendemos muita coisa através deles. Mas cabe a nós viver hoje, não ontem. Para isso, temos de estudar a história que se desenrola hoje, da mesma forma que estudamos a História antiga. Precisamos entender o mundo da forma que é, e não o alterando em nossa mente para fazer com que se torne da maneira como gostaríamos que fosse.

Gostaria de exemplificar esse princípio com uma experiência comum a professores de seminário. Certa vez eu estava ensinando sobre uma certa passagem de Marcos. A passagem que analisaríamos em nosso estudo bíblico encontrava-se no final do capítulo 4, onde Jesus acalma a tempestade no mar da Galiléia. Mais ou menos meia hora depois que começamos o estudo, uma jovem do grupo ergueu a mão e disse:

- Um momento! Onde é que foi que este incidente ocorreu?
- No mar da Galiléia, respondi.
- Sim, eu sei, mas qual é exatamente sua localização? perguntou.
- No norte da Palestina, respondi virando-me para apontar no mapa.
- Sei que fica no norte da Palestina, mas onde é que é a Palestina? continuou ela, irritada, mas querendo ansiosamente uma resposta.

Fiquei chocado. Essa jovem não era inculta. Possuía até Ph.D.! Mas pensei comigo mesmo:

“Como é que ela chegou até aqui sem ter idéia de onde fica a Palestina?”

Foi então que percebi que a geração de hoje não faz uso da Bíblia como no meu tempo. O conhecimento básico de fatos bíblicos, que fazia parte do ensino de qualquer crente, hoje é considerado aprendizagem especializada.

E as estatísticas estão aí para provar. Apesar de que quase 100% dos lares nos Estados Unidos possuem Bíblia, uma pesquisa do Instituto Gallup revela que mais da metade da população adulta do país não sabe o nome de pelo menos um dos quatro evangelhos. Menos da metade sabe quem foi o autor do Sermão da Montanha ou que Jesus teve doze apóstolos. Muitos nem mesmo sabem que Jesus nasceu em Belém (apesar de tantas vezes comemorado o Natal!). Em suma, inúmeras pessoas de nossa sociedade são iletradas, em termos de conhecimento básico da Bíblia. Como a socióloga Miriam Murphy ressalta:

“Muitos têm Ph.D. em Aerodinâmica, mas um conhecimento bíblico de 3.ª série primária.”

Eu posso querer que a situação seja diferente! Posso passar o resto da minha vida lamentando o estado das coisas. Posso ralhar com todos os pais e professores de escola dominical e todos os educadores que deveriam ter ensinado fatos bíblicos aos jovens de nosso século. Posso fazer tudo isso e mais. Mas, o que adiantaria? Se quero causar impacto, tenho de encarar a realidade do jeito que ela é e seguir em frente. Tenho de aceitar o fato de que quando se trata da Bíblia, a maioria das pessoas é inculta, ou melhor, mal informada. Por isso, tenho de explicar, ilustrar e fazê-las entender. Do contrário, não poderei influenciá-las. Se eu não tentar me comunicar com elas em nível que entendam, não passarei de um professor esnobe, ocupando um pedestal.

Elias e Eliseu viviam em situação muito pior. A sociedade em que viviam se entregara de corpo e alma à rebeldia contra o Senhor. Israel não era uma sociedade pagã, mas um povo em

apostasia. Israel guardava na memória o Todo-Poderoso, mas a julgar-se por seu estado espiritual, aquela lembrança era como uma dor de cabeça.

Para recapitular (já que estamos tratando de conhecimento básico), Deus havia tirado os israelitas da escravidão do Egito, levando-os para a Terra Prometida de Canaã. Deu-lhes um rei, Davi. Depois de Davi veio Salomão. Depois de Salomão, veio seu filho Roboão. Mas Roboão tinha um coração duro, e pouco depois que assumiu o poder o povo se revoltou. Dez tribos se separaram e formaram seu próprio reino, chamando-o Israel. Elegeram para si o rei Jeroboão. As duas tribos que permaneceram sob a autoridade de Roboão, Judá e Benjamim, passaram a ser chamadas Judá.

Talvez pensemos que Deus apoiaria um grupo ou outro, mas ele não o fez. Na realidade, ele prometeu dar a Jeroboão uma dinastia duradoura, desde que seus descendentes seguissem ao Senhor (1 Rs 11.37,38). Mas Jeroboão deixou os estatutos do Senhor quase de imediato e voltou-se à idolatria. Além disso, todos os reis que o seguiram “fizeram o que era mal perante os olhos do Senhor”. Nem um só deles se arrependeu e voltou para o Senhor.

Era este, portanto, o ambiente em que viviam Elias e Eliseu. Quando foram feitos profetas, a cultura estava profundamente envolvida na idolatria em torno de Baal, um dos principais deuses dos povos pagãos que viviam próximos de Israel. Baal era o deus da fertilidade. Suas práticas, entre as quais se incluía a prostituição ritual, tinham como objetivo agradar aos deuses para que eles abençoassem os campos e os animais.

O culto a Baal não possuía nenhuma base moral e, por isso, de nada servia para refrear a decadência do povo. Os israelitas mergulharam num abismo moral ainda mais profundo do que o dos cananeus, que haviam derrotado e dominado. E como acontecera aos cananeus, o resultado foi que sua sociedade se dividiu. No alto, estavam os aristocratas ricos e poderosos. Na base, o povo

empobrecido que lavrava a terra. A cada rei que assumia o trono, a idolatria firmava-se mais e a lembrança de Deus sumia-lhes da memória.

Agora imaginemos que nossa tarefa era levar a mensagem de Deus nessa situação. Qual seria nossa estratégia? Onde começaríamos? Posso dizer-lhe onde Elias e Eliseu começaram. Primeiro, desenvolveram um conhecimento profundo da Palavra de Deus. A seguir, aprenderam sobre os costumes da sociedade da época. Finalmente, entraram em ação.

Essa ordem é crucial para o alcance dos objetivos. Primeiro, eles ouviram o que Deus tinha a dizer sobre a nação. Ou seja, o declínio moral e espiritual de Israel não pegou o Senhor de surpresa. Havia séculos ele sabia o que estava para acontecer. Contou até para Moisés o que faria naquela situação. “Quebrantarei a soberba da vossa força e vos farei que os céus sejam como ferro e a vossa terra, como bronze. Debalde se gastará a vossa força; a vossa terra não dará a sua messe, e as árvores da terra não darão o seu fruto.” (Lv 26.19,20.) Deus enviou a fome sobre a terra tanto como castigo quanto por medida disciplinar, para trazer seu povo de volta a ele.

Elias sabia disso. Ele estudava a Palavra. Aliás, quando o Senhor lhe ordenou que fosse ter com Acabe e declarasse que não choveria (1 Rs 17.1), creio que o profeta já estava *esperando* aquela ordem. Deus já lhe dissera o que faria. Era só uma questão de tempo, e o castigo seria executado.

Mas Elias e Eliseu também estudavam a sociedade em que viviam. Não se esconderam com medo e ignorância. Encararam a realidade dos tempos. Percebe-se claramente, por exemplo, que Elias era um entendido do culto a Baal. Em seu encontro com os 450 profetas no monte Carmelo, ele sabia exatamente o que iria dizer e como iria lidar com eles. Sabia em que eles criam, o que pensavam, quais eram seus rituais e suas oferendas. Acima de

tudo, sabia do conceito que eles tinham entre o povo e o que ele precisaria fazer para que os israelitas enxergassem o engano.

Quando somamos o conhecimento da Palavra de Deus com o conhecimento da cultura da sociedade, estamos preparados para agir. Esse era o padrão dos profetas. Todas as suas ações estavam carregadas de simbolismo. Estavam sempre aplicando a verdade de Deus aos problemas do dia. A fé deles não existia no vazio. Era um instrumento - às vezes até uma arma - para reparar e transformar sua cultura.

Essa é a arte que precisamos cultivar hoje, a arte de colocar o dedo de Deus no nervo da necessidade social. Temos estudiosos bíblicos por toda parte. Mas como professor de Teologia tenho vergonha de dizer que muitos entre nós hoje estão respondendo a perguntas que ninguém fez. Por outro lado, temos sociólogos e muitos outros estudiosos do comportamento humano analisando nossa cultura acuradamente e diagnosticando seus problemas com precisão. Mas quando chega a hora de apresentarem a cura, não sabem o que dizer.

Precisamos de uma síntese. Precisamos de gente que saiba examinar as Escrituras, examinar o mundo e encontrar uma correlação entre ambos. Gosto da análise de John Stott:

"É fácil ter conhecimento bíblico sem ser moderno, e é fácil ser moderno sem ter conhecimento bíblico. Mas ter conhecimento bíblico e ser moderno é a arte que leva a uma comunicação eficaz."

2. *Se desejamos causar um impacto duradouro em outros, nosso objetivo deve ser mantermo-nos fiéis sem a preocupação de sucesso.* Nós ocidentais temos mania de sucesso. Além disso, definimos sucesso de forma bem rígida. Contudo, a meu ver, o sucesso é um valor determinado pela cultura. O resto do mundo, tanto hoje quanto no passado, não valoriza o sucesso tanto quanto nós.

Vamos parar um pouco e pensar nisso. O que é que o resto do mundo sabe que nós não sabemos? Será possível que estejamos correndo atrás de algo totalmente sem mérito ou sem valor?

Estou trazendo essa questão à tona porque quando falamos de causar impacto no mundo, temos a tendência de interpretar esse objetivo através das lentes de nossa cultura. Para o americano típico, por exemplo, “causar impacto” significa dar início a algo novo, discursar numa tribuna, levantar fundos para uma causa nobre, mudar o sistema político. Tais atividades podem ser medidas e avaliadas de acordo com o grau de “sucesso” que elas obtiverem.

Não estou querendo menosprezar o valor e a necessidade dessas atividades. Mas gostaria de ressaltar que elas dependem largamente das circunstâncias. Ou seja, nem todo mundo é capaz, ou está interessado em causar impacto dessa forma. Na realidade, ao considerarmos o mundo como um todo, poucos assumem essas tarefas. Portanto, se Deus deseja que seu povo realize alguma coisa, então, “alguma coisa” deve significar algo que vá além da mera criação de programas ou projetos de sucesso.

Gostaria de dar um esclarecimento. Quem leu até aqui, talvez esteja pensando:

“Não sei como eu poderia causar impacto. Não tenho nada a oferecer. O autor está falando sobre estudar a Palavra e estudar a cultura e depois fazer uma síntese. Como?! Eu não sei nem o que é síntese! Estou simplesmente tentando viver de forma a honrar a Deus. É claro que desejo viver uma vida que realize alguma coisa. Mas só tenho a oferecer aquilo que sou - e um pouco de fé.”

Se é isto que está pensando, minha resposta é:

“Perfeito!”

É exatamente isso que o Senhor deseja - um indivíduo disposto a exercitar sua fé e usar aquilo que Deus lhe deu. É assim que causamos impacto.

Talvez o fato de estarmos usando o exemplo de Elias e Eliseu - dois dos maiores profetas da história de Israel - deixe alguém meio assustado. Será que o exemplo que eles oferecem o intimidam? Se se sente assim considere o seguinte. Os feitos deles parecem grandiosos porque os vemos retrospectiva e não prospectivamente. Lemos o relato de suas experiências com emoção e assombro. Mas sabe qual era a posição deles na batalha travada naqueles dias? Eles não estavam no centro dela. Deus lhes confiou o plano de emergência. Permita-me explicar.

Há pouco mencionei que o reino do Norte de Israel era um estado rebelde. Separara-se de Judá, que continuava governada pelos descendentes de Davi. Israel não se recuperara de sua apostasia. Aliás, Deus até permitiu que no final os assírios os derrotassem. Os sobreviventes foram levados para a Assíria, onde a maioria se adaptou àquela sociedade pagã. Um número reduzido permaneceu em Canaã, onde se casaram com outros povos e se tornaram o que conhecemos hoje como samaritanos, a respeito dos quais lemos inúmeros relatos no Novo Testamento.

Por isso, o foco principal do plano de Deus era o estado do Sul, o reino de Judá. Este também foi levado cativo, mas o povo permaneceu fiel à sua cultura judaica. De fato, Deus poupou Judá, para que Jesus nascesse.

Onde é que Eliás e Eliseu se encaixam em tudo isso? Eles eram parte do plano alternativo. Foram enviados a ministrar a um povo que desobedecia à vontade de Deus e nunca se arrependeu. Como poderiam então os profetas medir o “sucesso” de seu trabalho? Obtiveram sucesso temporário combatendo a idolatria e a apostasia. Mas se seu objetivo era fazer com que o reino voltasse a levar uma vida justa ou pelo menos fizesse as pazes com seus irmãos da tribo de Judá, temos de admitir que falharam, porque nada disso aconteceu.

Pelo menos essa seria a interpretação ocidental da historia. Segundo nossos padrões de sucesso, os ministérios de Elias e

Eliseu parecem bem-intencionados, mas inegavelmente vãos. Afinal de contas, não produziram os “resultados” esperados.

Mas estou convencido de que Deus interpreta a situação de outra maneira. A primeira indicação vem da declaração do apóstolo Paulo em sua carta aos corintios sobre como eles deveriam ver o ministério dele, Paulo. “Assim, pois, importa que os homens nos considerem como ministros de Cristo e despenseiros dos mistérios de Deus.” (1 Co 4.1.) Ministros de Cristo, despenseiros dos mistérios de Deus - a descrição perfeita para o trabalho de Elias e Eliseu!

E Paulo acrescenta: “Ora, além disso, o que se requer dos despenseiros é que cada um deles seja encontrado fiel.” (4.2.) Que declaração poderosa! Paulo não está dizendo que um servo - uma pessoa encarregada de um trabalho - precisa alcançar “sucesso”, mas sim que precisa ser *fiel.* Precisa apenas obedecer fielmente. A fidelidade poderá produzir grandes resultados, ou não.

Jesus ensina a mesma lição através da parábola dos dez talentos (Mt 25.14-20). Vamos recordá-la. Um homem rico saiu de viagem, mas antes de partir entregou uma certa quantia em dinheiro a três servos (ou administradores). Ao primeiro ele deu cinco talentos; ao segundo, dois, e ao terceiro, apenas um talento. E deu-lhes instrução sobre como aplicar lucrativamente o dinheiro.

Aqui também temos a tendência de olhar para os *resultados,* para a *quantia* que cada administrador ganhou ou deixou de ganhar. O primeiro dobrou o que recebera, ficando com dez talentos. O segundo também fez a mesma coisa, e apresentou quatro talentos a seu senhor. O terceiro nada fez com sua parte e ficou com apenas um.

Quando o patrão retornou, ajustou contas com eles. Mas avaliou o desempenho de cada um, não de acordo com o lucro obtido, mas sim de acordo com sua *fidelidade.* Aos dois administradores fiéis disse: “Muito bem, servo *bom e fiel,* foste *fiel* no pouco, sobre o

muito te colocarei...” (25.2123 - grifo do autor.) Mas ao servo que nada fizera chamou de negligente, inútil e mau (25.26,30).

Devo admitir, porém, que sou tão preocupado com resultados como qualquer outra pessoa. Mas tenho consciência de que os resultados, sobretudo no âmbito espiritual, estão fora de nosso controle. Muitos fatores interferem neles. Por isso nos seria proveitoso abandonar nossas idéias sobre sucesso e concentrar nossos esforços na fidelidade que se requer para execução da tarefa que Deus nos confiou. *Depois deixemos os resultados por conta dele.*

Há grandes vantagens em se proceder assim. Em primeiro lugar, ficamos protegidos contra o orgulho próprio. Isso é uma tentação constante quando causamos impacto na sociedade. Seria muita arrogância de nossa parte achar que deixaremos nossa marca no mundo para sempre. Infelizmente, se nosso objetivo for alcançar sucesso, quanto mais êxito obtivermos, mais inclinados estaremos a nos sentir assim.

Se, contudo, concentrarmos nossos esforços em ser fiéis, poderemos parar de nos preocupar em mudar o curso da história e começar a viver o presente. O tempo que Deus nos deu é este. Portanto nosso foco de atenção não deve ser o futuro, mas o *presente.* Devemos fazer *do momento em que vivemos* uma época de trabalho para o Senhor. É claro que é importante planejar e estar alerta às tendências de comportamento do futuro. Mas seremos mais fiéis se ao final de cada dia pudermos dizer:

“Este dia foi muito produtivo, porque fiz exatamente aquilo que Deus queria que eu fizesse.”

A segunda vantagem de concentrarmos nossos esforços na fidelidade é exatamente o oposto da primeira. A fidelidade nos protege contra a falta de amor-próprio. Sentimo-nos assim quando achamos que não temos nada para oferecer.

“Não sei ensinar, não sei dirigir nada, não sou um estudioso da Bíblia. Não terminei nem o segundo grau.”

Já ouvi todas essas desculpas.

Mas gostaria de dizer que quem está em Cristo, tem tudo de que precisa para realizar alguma coisa. Talvez você precise cultivar os recursos que Deus lhe tem dado. Não foi por acaso que Deus nos colocou na terra. Ele concedeu-lhe algumas habilidades e oportunidades, relacionamentos e uma certa noção de que sua vida tem valor - do contrário, não estaria lendo este capítulo. Meu irmão, tome posse do que Deus lhe concedeu e decida-se a usar seus dons para glória dele. Deus honrará sua fidelidade.

Contudo sentir-nos inferiores às vezes não diz respeito apenas àquilo que somos, mas também à posição que ocupamos. Percebo esse problema entre alguns ex-alunos meus. Três ou quatro anos após assumirem o pastorado de uma igreja, mal os reconheço. Parecem tão tristes, que a fisionomia deles poderia servir de ilustração da capa do livro de Lamentações.

Quando lhes pergunto o porquê, afirmam sentir que estão desperdiçando seus talentos. A seguir, reclamam da igreja. Elas não são aquilo que esperavam. Pelo contrário, são exatamente o oposto. Logo percebo que sua idéia de um pastorado relevante é uma igreja grande numa metrópole, em que pudessem gravar programas diários de televisão e rádio, e que fosse reconhecida publicamente pela mídia secular. Como a situação em que se encontram está longe disso e a possibilidade de que tal aconteça é remota, sentem-se derrotados.

Mas o raciocínio que há por detrás desse problema está errado. Eles acham que realizar alguma coisa para Deus tem a ver com o *lugar* onde trabalham, e não com o modo *como* trabalham. Eles precisam entender que muitos dos grandes servos de Deus trabalham na obscuridade - em casas, fábricas, favelas, prisões, no deserto, em alto-mar. Embora a contribuição deles tenha passado despercebida pela humanidade, Deus a conhece bem.

Creio que a maioria dos obreiros gostaria de sentir que está no centro da batalha. Mas essa decisão cabe a Deus, e não a nós. O

plano dele é que alguns de nós sirvam nos bastidores, em lugares onde poucos verão seus esforços, ou, como se deu com Elias e Eliseu, onde a idoneidade perante Deus não era e nunca seria honrada pelos homens. Será que podemos causar impacto assim? Certamente, desde que obedeçamos às instruções de Deus. A questão não é *onde* servimos, mas a *quem* servimos. Nosso Mestre não está nos chamando para sermos famosos, mas sim fiéis.

Por último, a fidelidade ajuda-nos a ter uma visão correta a nosso respeito. A maior pedra de tropeço na síndrome do sucesso é comparar-nos com outras pessoas. A comparação é um perigo. Deus nunca pergunta por que não obtemos tanto sucesso quanto fulano, e nem mesmo por que não somos tão fiéis quanto beltrano. O que ele pergunta é se executamos ou não o trabalho que ele nos confiou. Não pergunta por que não agimos como Elias e Eliseu. O que deseja saber é por que não agimos de acordo com a capacidade que ele nos deu.

3. *Se desejarmos deixar nossa marca, precisamos cultivar paciência, não pressa.* Mais uma vez, sendo ocidentais, nosso primeiro impulso é correr atrás do sucesso, e o segundo é desejar resultados imediatos. Quando queremos mudança, queremos que ela ocorra imediatamente.

Mas não existe impacto imediato. De acordo com a perspectiva divina, o impacto não se mede por anos nem décadas, mas por vidas e gerações. Pelo menos esse é o caso de Israel.

Quando Elias entrou em cena, o rei Acabe estava no poder. Acabe reinou vinte e dois anos, entre 874 e 852 a.C. Foi sucedido por seu filho Acazias e alguns acreditam que Elias foi levado aos céus mais ou menos na época da morte de Acazias, provavelmente em 852 a.C. A partir daí, Eliseu tornou-se o principal profeta de Israel, e viveu cerca de oitenta anos, morrendo durante o reinado de Jeoás (801-786 a.C.).

Como mencionei anteriormente, a nação nunca retornou completamente ao Senhor. De fato, os pequenos avivamen- tos espirituais que Elias e Eliseu testemunharam, foram os últimos da história de Israel. Poucos anos depois, os assírios invadiram e saquearam Samaria, e levaram seus moradores para o exílio.

Então o período em que estes profetas viveram e trabalharam foi de oitenta e oito anos. Em termos bíblicos trata-se de um tempo relativamente curto. Contudo muita coisa aconteceu. No começo do ministério de Elias, havia 450 profetas de Baal instituídos por Acabe e Jezabel, além de outros 400 dedicados a Astarote, outra divindade pagã. Quase todos os que permaneciam fiéis ao Senhor estavam escondidos. Mas quando Eliseu morreu, a família de Acabe havia sido removida. Jezabel morrera. Havia uma escola para profetas em Jericó. E Israel resistia firmemente contra seu inimigo, a Síria.

Analisando essa história, percebemos que o mais notável não é que esses dois servos de Deus não pudessem realizar mais, mas que houvessem conseguido realizar tudo isso! Eles enfrentaram um estado de rebeldia bem estabelecido. Cada rei que subia ao poder lhes fazia oposição. Cada um de seus passos era vigiado. Por isso concluímos que só não plantaram mais sementes de fé porque tiveram de enfrentar grandes obstáculos só para fazer o que fizeram.

Entretanto conseguiram muita coisa em seus setenta ou mais anos de trabalho. Quisera eu que mais pessoas tivessem uma tal perspectiva de longo prazo. Talvez estejamos nos esquecendo das dificuldades que os profetas enfrentaram.

Faço parte da diretoria de diversas organizações evangélicas e por isso tenho a oportunidade de testemunhar grandes obras de Deus em nossos dias. Mas ao mesmo tempo ouço comentários como o seguinte:

“Não é seu grupo que está trabalhando com jovens? Outro dia mesmo li no jornal que a promiscuidade sexual entre adolescentes

está mais elevada que nunca. O que é que sua organização está fazendo para combater esse problema? Tenho a impressão de que vocês estão perdendo terreno!" Quando escuto comentários assim, fico perplexo com a falta de visão que revelam. Tenho vontade de dizer:

"Meu amigo, já parou para pensar que esse problema não surgiu de uma hora para outra? A sociedade vem incitando os jovens ao sexo há anos, principalmente nas últimas décadas. Quem lhe disse que essa organização recém-formada poderia reverter o problema da noite para o dia?"

Se quisermos causar impacto, devemos investir nosso tempo a longo prazo. Contudo às vezes questiono se os crentes de hoje possuem a disciplina necessária para isso. Será que estamos dispostos a dedicar vinte, quarenta, oitenta anos ou o tempo que for necessário para ver uma sementinha crescer e tornar-se uma árvore frutífera?

Uma coisa que poderia nos ajudar nisso é assumirmos compromisso com princípios em vez de com programas. Os programas começam e terminam (ou pelo menos deveriam terminar) de acordo com as necessidades do momento. Os princípios, por outro lado, têm valor permanente. Eles alcançam o alicerce da verdade.

O político Tony Brenn costuma dizer:

"Há reis e há profetas. Os reis possuem o poder e os profetas os valores."

É uma observação interessante à luz de nosso estudo da vida de Elias e Eliseu. Ambos encararam reis que pareciam poderosos. Contudo esse poder era invariavelmente de curta duração. Eliseu viveu durante o reinado de cinco reis. E durante todo o tempo os valores que ele representava permaneceram imutáveis. E ainda hoje continuam os mesmos!

A lição a aprender é que o poder muda rapidamente; os valores sólidos permanecem por longo tempo, e os eternos duram para

sempre. Então vamos perguntar a nós mesmos em que tipo de valores estamos nos apoiando, para que causemos um impacto permanente na sociedade.

4. *Se quisermos deixar nossa marca, não podemos nos esquecer nunca de que Deus não desiste de seu povo.* Ser uma bênção para outros parece uma tarefa nobre, e é. Mas é também uma tarefa difícil e, no mínimo, frustrante, para não dizer desanimadora. As pessoas nos decepcionam, rejeitam, voltam-se contra nós e às vezes até mesmo contra Deus. Nesses momentos, é muito fácil jogar tudo para o alto e dizer:

"Não adianta!"

Senti-me assim inúmeras vezes. Houve momentos em que achei que estava causando um impacto positivo na vida de um indivíduo, pelo amor de Cristo, mas acabei descobrindo que ele estava me ignorando totalmente. Situações assim abalaram minha auto-estima. Além disso, fizeram-me pensar:

"Será que existe alguém que se *interesse* mesmo pelas coisas de Deus? Se não há ninguém, por que é que estou perdendo meu tempo?"

Para quem deseja causar impacto, a pior reação que existe é a falta dela. É uma dura prova para nossa resistência.

É difícil saber exatamente quando Elias e Eliseu passaram por isso. Talvez para Elias tenha sido quando Jezabel ordenou sua morte (1 Rs 19.2). Isso pode ter ocorrido depois de sua experiência no monte Carmelo, pois seria de se esperar que a rainha se arrependesse e caísse de joelhos, declarando o que o povo já havia declarado: "O Senhor é Deus! O Senhor é Deus!" (18.39) Em vez disso, ela tornou sua ira contra o Senhor e o profeta ainda com mais furor.

Para Eliseu, o teste talvez tenha sido o momento em que seu servo Geazi mentiu para Naamã, a fim de receber roupas e prata dele (2 Rs 5.22,23). Eliseu fora servo de Elias durante vários anos. Com esse relacionamento, Eliseu foi preparado para tornar-se

sucessor de Elias. Podemos concluir que Eliseu tinha a mesma aspiração para Geazi. Agora Geazi se desqualifica e é mandado embora, derrotado (5.26,27).

Mais cedo ou mais tarde, aquele que quer realizar alguma coisa para Deus, questionará:

“Que é que estou realizando?”

E se a resposta parece ser “Pouca coisa”, sentimos vontade de desistir de tudo.

Mas nestas horas a história da vida dos profetas oferece- nos uma esperança tremenda. Porque a vida e o ministério deles são um testemunho profundo do fato de que embora muitas pessoas desistem de Deus, ele nunca desiste de nós. Sua graça se renova.

Por isso, precisamos permanecer firmes. Precisamos encarar os desafios e orar pelas pessoas, ajudá-las, enfrentar- lhes a oposição, exatamente como os profetas fizeram - e como Jesus também o fez. Hoje, somos gratos por não haver ele desistido de nós!

Morreu Eliseu e foi sepultado. Dizem as Escrituras que pouco tempo depois, quando um grupo de israelitas preparava uma cova para sepultar um morto, viram um bando de moabitas aproximando-se para atacá-los. Amedrontados, interromperam o trabalho, reabriram a sepultura de Eliseu e lançaram o homem lá dentro. Assim que o corpo do morto tocou os ossos de Eliseu, o homem que estava sendo sepultado voltou a viver (13.21).

E você, já tocou os ossos de Eliseu? Ou está ainda espiritualmente morto como a maioria dos israelitas? O poder não está nos ossos, mas naquele que dá vida aos ossos. Que o poder de Deus opere através de sua vida, para que ela produza um impacto duradouro e marcante em sua geração e nas gerações futuras.